



O QUE O JOVEM PODE ESPERAR DO FUTURO?

— Página 14 —

Mato Grosso do Sul

**PELA EXPANSÃO
DA FRONTEIRA
AGRÍCOLA**

— Página 20 —

Êxodo Rural

**A AVENTURA
PODE NÃO
DAR CERTO**

— Página 10 —

Policultura

**O MERCADO
NÃO DÁ PARA
TODOS.
MAS É BOM
PLANTAR
DE TUDO**

— Página 6 —

Previdência

**OS LUCROS E
AS PERDA DE
UMA NOVA LEI**

— Página 3 —

ITR

**AS DISTORÇÕES
DO IMPOSTO
SOBRE A TERRA**

— Última página —

COOPERATIVA REGIONAL
TRITÍCOLA SERRANA LTDA.



Rua das Chácaras, esquina
Porto Alegre — Caixa Postal 111
IJUI — RS
GERAL - PABX 332-1549

CGC ICM 065/0007700
Inscr. INCRA N° 248/73
CGC MF 90.726.506/0001-75

ADMINISTRAÇÃO

Diretoria Executiva

Presidente:

Ruben Ilgenfritz da Silva

Vice-Presidente:

Arnaldo Oscar Drews

Superintendente:

Clóvis Adriano Farina

Diretores Contratados:

Euclides Casagrande, Nedy Rodrigues
Borges, Nelcy Rospide Nunes, Luis
Régis do Amaral, Werner Ervin Wag-
ner, Eduardo Augusto de Menezes,
Valdir Zardin, Rui Polidoro Pinto,
Bruno Eisele.

Conselheiros (Efetivos):

Alberto Sabo, Erni Schünemann,
Egon Eickoff, Telmo Rovero Ross,
Joaquim Stefanello.

Conselheiros (Suplentes):

Alfredo Driemeyer, Reinhold Luiz
Kommers, Ido Marx Weiller, João
Telló, Arnaldo Hermann, José Carlos
Vione.

Conselho Fiscal (Efetivos):

Dair Fischer, Eloy Milton Frantz, Ál-
varo Darci Contri.

Conselho Fiscal (Suplentes):

Dari Bandeira, Antoninho Boiarski
Lopes, Avelino Righi.

Capacidade em Armazenagem:

IJUI (Sede)	164.000 t
Ajuricaba	33.000 t
Augusto Pestana	33.000 t
Chiapetta	60.000 t
Cel. Bicaco	40.000 t
Sto. Augusto	77.000 t
Tenente Portela	60.800 t
Vila Jóia	67.000 t
Esq. Umbú (Sto. Aug.)	50.000 t
Rio Grande	220.000 t
Dom Pedrito	48.000 t
Maracajú	84.000 t
Sidrolândia	52.000 t
Rio Brilhante	84.000 t
Dourados	29.000 t



COTRIJORNAL

Órgão de circulação dirigida ao qua-
dro social, autoridades, universidades
e técnicos do setor, no país e exterior.
Nossa tiragem, 17.500 exemplares.

Associado
da ABERJE



Associado da

AJOCOOP
Associação dos Jornalistas e Editores de Cooperativas

Registrado no Cartório de Títulos e
Documentos do município de Ijuí,
sob n. 9. Certificado de marca de
propriedade industrial M/C11 n.
022.775 de 13.11.1973 e figurativa
M/C11 n. 022.776, de 13.11.1973.

REDAÇÃO

Christina Brentano de Moraes
Dária C. de Brum Lucchese

Composto no Jornal da Manhã, Ijuí, e
impresso no Jornal do Comércio,
Porto Alegre.

Ao leitor

Os adultos andam estranhando os jovens. O que está acontecendo que eles não querem participar de nada? perguntam os adultos. O que está passando pela sua cabeça? Este sentimento de não entender os jovens não é uma coisa só desta geração. O conflito entre jovem e adulto sempre existiu, em maior ou menor proporção. O que influi é o tipo de relacionamento existente entre os pais e os filhos, sua educação, tanto em casa como fora dela, e mais uma série de outras coisas que acabam interferindo no dia a dia das famílias. Pois a preocupação dos adultos parece ser grande. Tanto que eles mesmos sugeriram que reuníssemos os jovens para que eles falassem de seus problemas. E eles abrem a boca a partir da página 14. Falam dos adultos, do Sindicato, da Cooperativa, da Igreja, da participação da mulher e do futuro. Um futuro que eles não sabem como será, ainda mais se são filhos de pequenos produtores, sem perspectivas de estudarem mais — quem sabe chegar numa faculdade — ou de conseguirem um pedacinho de terra para continuar na mesma profissão do pai: agricultor.

§ § § § § § §

Uma campanha publicitária realizada pela Cotrijornal nos últimos meses introduziu uma palavra até então desconhecida por muitos produtores: a tal de policultura. Policultura não é nada mais, nada menos, do que a velha e falada diversificação de culturas. Diversificação, por sinal esquecida por muitos produtores quando começou a febre de só cultivar trigo e soja. Alguns continuaram plantando nuns cantinhos da propriedade seus pés de ervilha, lentilha, pipoca, amendoim. . . Outros começaram há pouco a criar peixes e galinhas, plantar linhaça, alfafa, cebola, alho. . .

O difícil, como se conta a partir da página 6, é encontrar mercado para todos estes produtos que mostramos. Isto que não se falou do leite, da suinocultura, do centeio, da cevada e de uma porção de outras atividades que alguns agricultores já desenvolvem pela região. O que fica claro é que não existe espaço para todos produzirem de tudo e venderem tudo o que produzirem. Mas o ideal é que cada um tenha, na sua propriedade, pelo menos o necessário para seu consumo, evitando de comprar fora de casa aquilo que lá dentro

Do leitor

NOVAS TÉCNICAS

Sou estudante do 2º ano do curso Técnico em Agropecuária, do Colégio Teutônia. A propósito, sou conhecedor da grande divulgação e interesse que são despertados pelo Cotrijornal.

Certo dia, em conversa com técnicos, descobri esse maravilhoso jornal, pelo qual muito me interessei. Por isso, sendo estudante de um curso técnico, temos uma importante missão. Tentamos instruir nosso agricultor sobre as novas técnicas para o Brasil ser o Celeiro do Mundo.

Somente tomaremos conhecimento dessas técnicas novas através de vossos jornais. E por isso, gostaria de receber uma assinatura gratuita do Cotrijornal.

Gelson Pochmann

Venâncio Aires — RS

“GRAN INTERÉS”

Me dirijo a Uds. por el seguinte motivo: estando em Buenos Aires, con el ing. agr. Jorge Molina, catedrático de la Facultad de Agronomía de la República Argentina, este me mostró dos ejemplares de vuestra publicación, Cotrijornal, correspondientes a los meses de agosto y octubre del año 1979, en los cuales encontré notas de gran interés para mí.

Por esta razón es que me dirijo a Uds. a afectos de pedirles que me envíen un ejemplar de cada una de esas publicaciones, correspondientes a los meses de

se pode produzir.

§ § § § § § §

Como é que será que está vivendo o pessoal que já saiu do Rio Grande do Sul na procura de mais terra e melhores condições para plantar? No mês passado nós contamos as razões que estavam levando muitos agricultores a venderem seu pedacinho de terra no Rio Grande para aumentar sua propriedade em outros lugares. Ficou faltando contar como o pessoal que já saiu daqui está se virando. Alguns voltaram, por falta total de condições de permanecer por lá. Outros estão contentes com o resultado de sua aventura. Mas tanto os que voltaram como aqueles que lá permaneceram têm uma opinião muito semelhante: prá dar certo, em qualquer lugar, é preciso trabalhar. E trabalhar muito. Além disso é preciso levar do Rio Grande não só a experiência. Deve ir junto também algum dinheiro para passar os primeiros tempos, que não são fáceis. Na página 10.

§ § § § § § §

Os líderes sindicais e também alguns agricultores estão preocupados com as conseqüências de um projeto que pretende mudar a lei da previdência. Que a lei mudasse isto era um pedido antigo. Só que as reivindicações dos agricultores não eram bem aquelas que aparecem no projeto. Veja como ele é, lendo a matéria da página 3.

§ § § § § § §

As razões que levaram a Cotrijornal a se desligar da Fecotriga já são conhecidas pela maioria dos associados. Na época em que foi tomada esta decisão se chegou a conclusão de que a atuação da Fecotriga estava sendo prejudicial aos interesses de suas cooperativas filiadas. É que a Fecotriga desempenhava dois papéis conflitantes: era uma entidade criada para defender politicamente as Cooperativas singulares, que se via entredada nesta tarefa por também desempenhar uma atividade econômica. Ela estava concorrendo inclusive com as suas filiadas no campo de industrialização de grãos. Hoje a Fecotriga mudou. Em seu lugar surgiram duas entidades. A Fecotriga propriamente dita, que deve desempenhar um papel político e a Central Sul, que ficará restrita ao campo econômico. Será agora o caso da Cotrijornal voltar à Fecotriga? Na página 5

Maria Elise Rauber

Escrevente de Administração na
Universidade de Passo Fundo — RS

DEBATE

Pelo presente, tenho o prazer de agradecer as edições do Cotrijornal, que estou recebendo mensalmente. Quero me congratular também pelo esforço, dedicação e apoio que o nosso jornal vem dedicando à agricultura brasileira, através de seus debates, reportagens e entrevistas, pregando assim a doutrina do bom cooperativismo.

Hélio Klein

Bom Princípio — RS

O Cotrijornal registra e agradece as mensagens pelos sete anos de circulação, completados no dia 20 de julho: de Hélio Dourado, presidente do Grêmio Foot-ball Porto-alegrense; ministro Jair Soares, da Previdência e Assistência Social; Juarez de Albuquerque Schneider, superintendente regional do Instituto Nacional de Previdência Social; José Augusto Amaral de Souza, governador do Rio Grande do Sul; deputado federal Victor Faccioni; Erwin de Matos Roth, diretor-presidente da Cohab; Léa Busatto Zardo, coordenadora da Assessoria de Comunicação Social da Secretaria da Justiça do Estado e Roberto Xavier, secretário da administração municipal de Porto Alegre.



A LEI PODE MUDAR

"Isto é pior que o confisco", comentam muitos produtores quando começam a ser informados do que afinal se trata um projeto da Previdência que diz pretender equiparar os benefícios da previdência rural aos benefícios da previdência urbana. O caso é que a maioria dos agricultores só estão sabendo deste projeto através de notícias que aparecem no rádio ou na televisão, onde apenas são destacados alguns dos seus pontos, como por exemplo, a aposentadoria aos 55 anos de idade e não mais aos 65, como acontece pela lei atual. Mas isto é apenas um lado do projeto.

Tanto que alguns presidentes de Sindicato, como o Luiz Otonelli, de Ajuricaba, já tiveram que explicar a associados que esta aposentadoria ainda não existe. O caso é que muita gente que está lá pelos 54, 56 anos, já veio se informar prá saber direitinho o que é preciso fazer para encaminhar a aposentadoria.

EQUIPARAÇÃO? AONDE?

Quando os líderes sindicais de todo Brasil tomaram conhecimento deste ante-projeto (que foi elaborado pelo Ministério da Previdência e as estas alturas anda nas mãos do Ministério do Planejamento), começaram a se dar conta que muitas das sugestões das lideranças rurais não foram levadas em consideração. Hoje o projeto está esperando para entrar no Congresso Nacional, onde deverá ser apreciado por nossos senadores e deputados. Deles, em parte, dependerá sua aprovação.

E é desta aprovação que os sindicatos estão com medo. Primeiro porque o projeto realmente não equipara os benefícios que o homem rural teria direito junto à previdência aos direitos que o homem

urbano já tem assegurados. Não que os benefícios do INPS sejam uma coisa perfeita. Mas são muito mais e melhores do que os do Funrural.

O receio maior, porém, é porque o projeto está cheio de falhas, como concluíram os presidentes de Sindicato da regional de Ijuí (que inclui ainda Augusto Pestana, Ajuricaba, Tupanciretã, Chiapetta, Santo Augusto, Catuípe, Panambi, Condor, Pejuçara e Cruz Alta). Ele marginaliza ainda mais a população rural, principalmente os mais pobres, além de não levar em conta que a situação financeira do agricultor não permite que se eleve o custeio da previdência, como está claramente proposto neste ante-projeto.

Indo por partes, as grandes críticas são as seguintes:

APOSENTADORIA

Atualmente, a aposentadoria é concedida aos 65 anos de idade. Pelo projeto, o trabalhador poderá se aposentar aos 55 anos. Mas com um detalhe: deve ter contribuído pelo menos por 30 (no caso das mulheres) ou por 35 anos (no caso dos homens), com a previdência. Isto quer dizer que ninguém que hoje está beirando os 30 ou 40 anos de idade vai conseguir se aposentar realmente com 55 anos, pois se começar a contribuir agora terá que esperar mais 35 anos para se aposentar.

E isto é uma discriminação, pois na previdência urbana não existe este tipo de condição. Quem contribui por 35 anos se aposenta, independentemente da idade em que se encontra. Assim, é bastante comum o pessoal se aposentar na cidade com 45 ou 50 anos.

Isto sem contar que o projeto não inclui uns benefícios que o ho-

mem da cidade já tem, como é o caso das aposentadorias especiais. Esta aposentadoria é dada pela previdência aos 15, 20 ou 25 anos de serviço para aqueles trabalhadores que lidam com venenos, trabalham em atividades perigosas ou insalubres (que provocam doenças). E o homem do campo será que não lida com veneno? Será que não merece uma igual proteção do Estado?

CONTRIBUIÇÃO

O que está dando mesmo pano para a manga é o assunto da contribuição. Pois além do desconto automático de 2,5 por cento sobre os produtos comercializados, o projeto prevê que o pessoal pague mais ainda para o Funrural. Primeiro que dos 2,5 por cento a contribuição pode passar para 3 por cento. Além disso o projeto estabelece que tanto o chefe da família, como sua esposa e filhos maiores de 18 anos deverão pagar todo mês à Previdência uma quantia equivalente a 8 por cento do salário mínimo. Estes 8 por cento correspondem a Cr\$ 332,00. Assim numa família, onde além do pai e da mãe ainda existam 3 filhos maiores de 18 anos, será preciso recolher mensalmente mais de Cr\$ 1.600,00 para a Previdência além da contribuição automática de 3 por cento sobre a produção.

DIVISÃO DA FAMÍLIA

"Isto vai dividir a família", fala o jovem Jorge Dalla Rosa, de Ijuí. "Muita família não vai ter condições de pagar isto aí. E quem não paga não tem direito a nada. Desse jeito, só dá prá se concluir que o projeto pretende mesmo aumentar este êxodo rural, expulsando os jovens de casa".

Jorge pensa o seguinte: como um pai vai decidir, com o pouco dinheiro que se tem, qual dos filhos vai ter direito de contar com assistência? Prá todos eles não pode pagar? O que vai acontecer então, ele prevê, é que os jovens vão ter mesmo que ir embora prá cidade procurar um emprego e contribuir com o INPS.

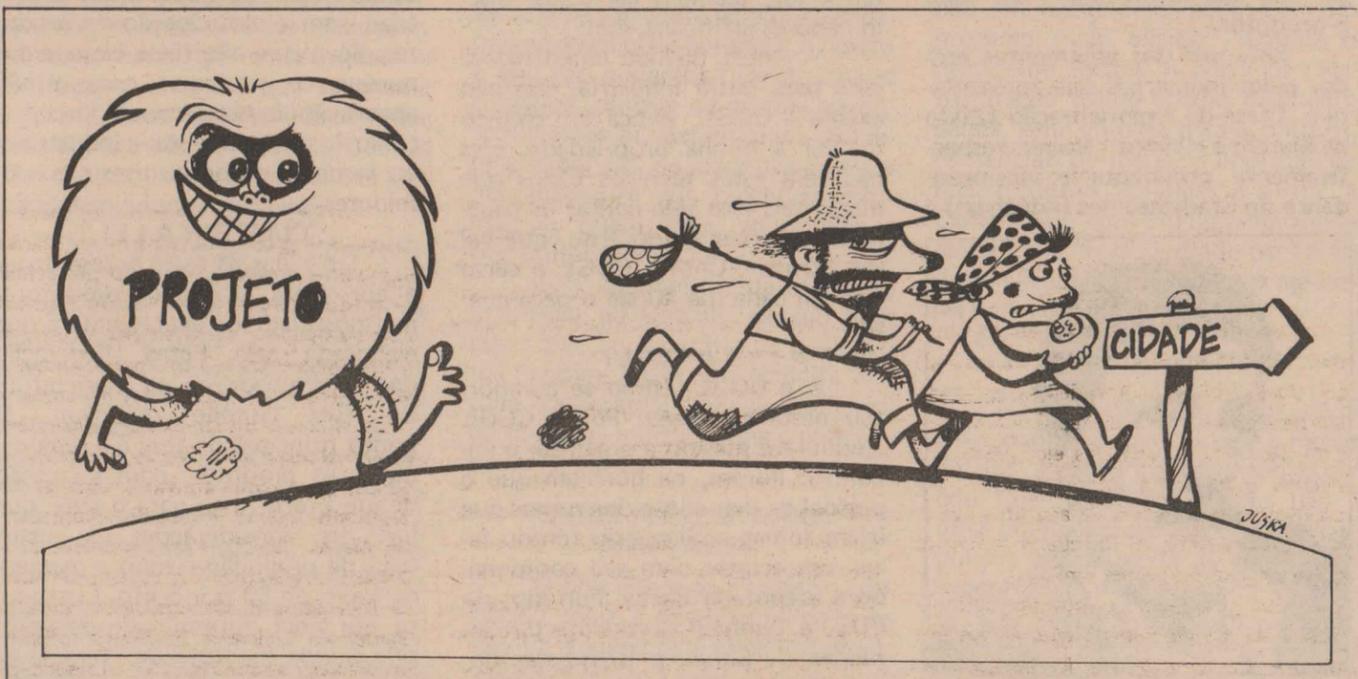
A esta conclusão não é só o Jorge quem chegou. Diversos líderes sindicais estão vendo neste ponto a maior entre todas as falhas do projeto. Parece mesmo que ele está tentando apressar ainda mais o êxodo rural, aumentando o número de trabalhadores que saem do campo prá procurar emprego na cidade. E esta é uma mão-de-obra barata, honesta e trabalhadora. O certo, como conta o Luiz Otonelli, é que muitas famílias não terão recursos para pagar esta contribuição:

— Nós temos muitos associados que estão sem dinheiro até mesmo para pagar a contribuição sindical, que é de Cr\$ 600,00 por ano. Então imaginem pagar Cr\$ 332,00 por mês, por pessoa da família!

MUDANÇA. MAS NÃO ASSIM

O que o pessoal está lembrando muito é que uma mudança na lei da previdência é mesmo uma antiga reivindicação dos trabalhadores. Para isto mandaram sugestões e mais sugestões para o Ministério da Previdência. Só que estas sugestões não foram incluídas no projeto e, quando foram, aconteceu não exatamente da maneira como tinha sido proposto. Um exemplo é a questão da aposentadoria. Se pediu uma redução no limite de idade para os 55 anos, mas sem forçar uma contribuição de no mínimo por 35 anos, já que o colono começa a trabalhar lá pelos seus 10 ou 12 anos de idade na roça. Se pediu equiparação aos trabalhadores urbanos. O projeto não equipara. Se pediu pensão para as mulheres que ficaram viúvas antes de 1972, ano em que foi criado o Pró-rural. Não veio. Se pediu a inclusão das mulheres e filhos menores no seguro por acidente de trabalho. O novo projeto não prevê isto. E se pediu, por fim, que os agricultores fossem ouvidos antes de se tomar qualquer decisão sobre assuntos que lhe dissesse respeito. E foram ouvidos?

"O que fica claro", conta Carlos Karlinski, presidente do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Ijuí, "é que este projeto vai só beneficiar quem já tem alguma coisa, e não quem realmente precisa".



O GOLPE DAS INDÚSTRIAS

Os interesses das indústrias ficaram mais uma vez bem claros durante a realização do 1º Simpósio Estadual do Leite e seus Derivados, que aconteceu na Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul nos dias 11 e 12 de agosto. Claros mesmos, pelas teses apresentadas e aprovadas sem que fosse dado tempo para discussão.

Uma das mais prejudiciais estabelece um zoneamento ou delimitação de bacias leiteiras no Estado, dividindo as regiões onde cada indústria pode atuar junto aos produtores.

"Esta regionalização vai fazer com que nós, os produtores, sejamos explorados como acontece com os leiteiros de alguns municípios da Grande Porto Alegre, onde só tem uma empresa comprando leite". Quem conta isto é o seu Hélio Grenzel, produtor no Alto da União, em Ijuí, que participou do Simpósio junto com quatro outros associados da Cotrijuf (Celso Sperotto, de Santo Augusto; Orlando Mariotti, de Ajuricaba; Nerci Otonelli, de Chiapetta; e Antonio Ghiotto, de Augusto Pestana). Ele explica melhor:

— Como a empresa não tem concorrente, ela paga para os produtores até menos que o preço estabelecido pelo Governo. Isto foi dito e provado com notas fiscais lá na Assembléia.

TUDO PREPARADO

O Simpósio foi promovido pela Comissão de Saúde e Bem-Estar Social da Assembléia, reunindo industriais, comerciantes, produtores e consumidores. "Só que, pelo que se viu, é que este Simpósio foi preparado para se aprovar teses de interesse das indústrias, e não dos produtores", conta o seu Celso Sperotto, de Santo Augusto:

— Não permitiam que no plenário a gente discutisse as teses que vinham das indústrias para se aprofundar nos assuntos. Então, às vezes, não se entendia direito o que eles estavam propondo. Isto sem contar que lá no plenário estava cheio de funcionário das indústrias. Isto eu vi bem, pois já teve tempo em que eu trabalhava na Laticínios



Mayer, de Santa Rosa. Então, quando mandavam levantar quem estava contra, estes funcionários ficavam sentados e as teses dos patrões eram aprovadas.

NÃO É LEI. MAS PREOCUPA

O veterinário Otalíz de Vargas Montardo, que também acompanhou os produtores, é quem explica que mesmo aprovada esta tese — e outras que não são nada favoráveis aos produtores — isto não quer dizer que já seja lei:

— Num simpósio como este, as teses são encaminhadas para as autoridades que podem fazer uma lei sobre isto. Mesmo que ainda não seja lei, é claro que cabe a preocupação, pois durante o Simpósio deu para sentir muito bem a força das indústrias. Nós, que fomos lá esperando que com a participação de todos (produtores, consumidores, industriais, políticos...) se chegasse a algum progresso na questão do leite, saímos frustrados. A coisa estava pré-determinada para se aprovar teses que não favoreceriam em nada o produtor.

Pois um dos argumentos usados pelos industriais que apresentaram a tese da regionalização (Zildo de Marchi e Helmuth Mayer, respectivamente presidente e vice-presidente do Sindicato das Indústrias) é

de que a concorrência entre mais de uma indústria nas bacias leiteiras é prejudicial. Eles afirmam que as bacias (segundo eles existentes apenas graças aos serviços das indústrias) não têm condições de aumentar sua produção, fazendo assim com que as indústrias trabalhem com capacidade ociosa. Tanto isto não é verdade totalmente, que após a instalação da usina de beneficiamento de leite da CCGL (Cooperativa Central Gaúcha de Leite), na região de Ijuí, onde já atuava uma empresa do setor de laticínios, a produção leiteira passou de 8.000 para 55.000 litros diariamente, no período do verão.

Toda argumentação da tese dos industriais, como lembra seu Celso Sperotto, "foi no sentido de deixar a CCGL de fora". Seu Celso, por exemplo, não concorda com as justificativas apresentadas pela tese. E destaca mais uma: a de que as indústrias mantêm um verdadeiro batalhão de técnicos (agrônomos, veterinários, técnicos agrícolas, inseticidas artificiais, etc):

— Antes, quando eu entregava leite para outra indústria, que não existia a CCGL, nunca um técnico foi ver a minha propriedade. Eles não tem estes técnicos todos que dizem ter. Isto sem contar os pagamentos atrasados do leite, que vai até 90 dias. Com a CCGL é certo que em cada dia 20 sai o pagamento.

E A CCGL?

E a CCGL, como se comportou neste Simpósio? Pois a CCGL ajudou até mesmo a organizar o encontro. Porém, na hora em que o pessoal se deu conta dos rumos que iriam tomar o Simpósio tentou fazer um acordo com sua coordenadora, deputada Dercy Furtado, do PDS, e também presidente da Comissão de Saúde e Bem-Estar Social. Este acordo era no sentido de

que nada do que fosse ali discutido tivesse um caráter definitivo. A intenção era pelo menos proporcionar um amplo debate sobre o assunto. Só que este debate não aconteceu. O que houve, isto sim, foram discussões fechadas. De um lado os produtores e de outro os industriais. Apesar da coordenadora concordar com a proposição, afirmando que levaria a plenário a idéia de que nada acabasse sendo definitivo, isto realmente não aconteceu.

Sem contar que quando o presidente da Central, Frederico Gunnar Dürr, tentou aprofundar uma discussão sobre a tese da regionalização, a coordenação dos trabalhos simplesmente impediu que isto fosse feito. Assim, as teses não eram discutidas e acabavam facilmente aprovadas.

UM INSTITUTO DO LEITE

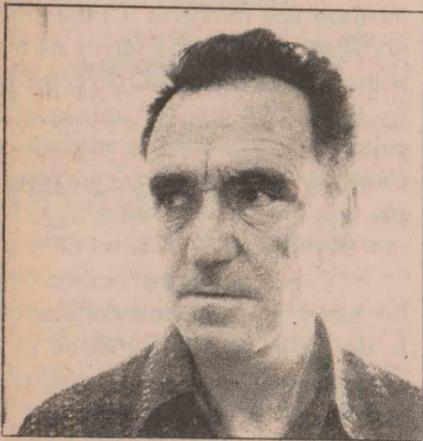
Menos mal que uma das teses, que propunha a criação do Instituto Rio-grandense do Leite não foi aprovada. Mas isto se deve não às discussões no plenário. É que na abertura dos trabalhos participava o secretário nacional do abastecimento, Carlos Viacava, que foi informado da existência desta tese. Perguntado sobre qual sua opinião respondeu: "péssima". Com isto os participantes ficaram atentos e tiveram um certo tempo de pensar sobre o assunto.

"Este tal de Instituto", como lembra o seu Hélio Grenzel, "ia ser mais um órgão qualquer, um cabide de emprego para muito político desempregado, que ia acabar sendo mais uma despesa para nós que somos os produtores de leite. Era mais uma porcentagem que iam tirar do nosso".

"A tese", conta o Otalíz, "pelo menos imaginávamos, visava criar um Instituto que seria ouvido quando se discutisse política e preço de leite, que hoje é um assunto tratado exclusivamente entre a Sunab e os Sindicatos das Indústrias, sem a participação do produtor. Só o que não ficou claro, e daí porque concordamos com a não aprovação da tese, é quem faria parte do Instituto. Se só os industriais, ou também os produtores e consumidores".

CUMPRIR A LEI

De todas as teses apresentadas e aprovadas, a que os produtores mais gostaram foi exatamente a tese elaborada pela Fetag (Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Rio Grande do Sul). O ponto principal da tese é a remuneração ao produtor, com a fixação de um preço justo para o leite, que leve em considerações os custos reais de produção e mais a margem de lucro de 30 por cento. Lucro este, por sinal, determinado pela própria Lei do Estatuto da Terra. Que, pelo que se vê, não é cumprida.



Celso: simpósio para beneficiar a indústria



Hélio: um cabide de emprego

A FECOTRIGO MUDOU. É HORA DE VOLTAR?

Um dos princípios do cooperativismo é a livre adesão. Uma pessoa somente entra numa cooperativa por sua própria vontade. Não há como forçar esta decisão. E assim como se entra livremente, também se sai livremente de uma entidade cooperativa, pois o princípio de livre adesão também não permite que uma pessoa continue a fazer parte da sociedade contra os seus desejos ou quando não mais lhe convier. Pois em dezembro de 1977, o Conselho de Administração da Cotrijuí decidiu, a partir de uma idéia de todos, que não existiam mais razões para que a Cotrijuí continuasse filiada à Fecotrigo, a Federação das Cooperativas Brasileiras de Trigo e Soja.

De acordo com o pensamento da Cotrijuí, a Fecotrigo deveria ter um caráter exclusivamente político, é claro que não no sentido de política partidária. Político no sentido de defender os interesses de suas cooperativas filiadas, representando diretamente junto aos órgãos governamentais os interesses de suas associadas. O aspecto econômico deveria ficar com as cooperativas filiadas que, inclusive, sentiam até mesmo uma concorrência por parte da Fecotrigo na área de industrialização e beneficiamento da soja, transporte de cargas, etc. A Cotrijuí, pelo menos, se sentia prejudicada e argumentava ainda que era impossível para a Federação continuar defendendo os interesses de suas filiadas, se ela própria fazia concorrência e, ao mesmo tempo, se via comprometida economicamente.

A IDÉIA VINGOU

Hoje esta idéia se estendeu às demais cooperativas de produção ligadas à Fecotrigo. Tanto que não faz muito tempo — ainda este ano — a Fecotrigo sofreu uma reestruturação total. De apenas uma Fecotrigo foram criadas duas entidades. Uma a Fecotrigo eminentemente política e a outra, que se chama agora Central Sul, eminentemente econômica. Na verdade, a Central Sul é uma Cooperativa Central voltada para a industrialização.

Pois se situação e as características da Fecotrigo foram alteradas no decorrer deste curto espaço de tempo desde que a Cotrijuí resolveu desligar-se da entidade, deixam, em parte, de existir as razões para este afastamento. A volta, porém, é um assunto que deve continuar sendo estudado, pois a Fecotrigo mudou e primeiro é necessário mostrar qual é sua proposta de trabalho. Após esta reformulação a Fecotrigo está procurando contar novamente com a participação da Cotrijuí na entidade, tentando com isto somar forças



O presidente da Cotrijuí falou dos planos de trabalho...

na luta do cooperativismo frente aos problemas comuns.

Para ter uma conversa franca e aberta com o Conselho Administrativo estiveram na Cotrijuí, o presidente da Fecotrigo, Jarbas Pires Machado, o vice-presidente Mário Krueel Guimarães, o diretor de pesquisa e assistência técnica, Carmine Rosito, o diretor administrativo José Leão, o diretor de comunicação e educação, Luiz Francisco Terra Júnior e o assessor da presidência, João Lena.

Foi uma conversa que durou um dia inteiro. A direção da Cotrijuí, falou sobre a estrutura, o funcionamento da cooperativa, suas metas e objetivos. Conversou sobre a policultura, industrialização, sobre a pesquisa, sua área de atuação, a saúde, o crescimento da cooperativa tendo sempre ao lado o associado e a expansão do consumo. E o presidente Ruben Ilgenfritz da Silva disse inclusive que o grande futuro das cooperativas está no consumo. "Nós temos que criar no consumo uma estrutura para que tenhamos condições de competir. O certo é que não podemos ficar de braços cruzados, porque os grupos estrangeiros estão aí. Acreditamos que será a expansão no consumo que irá dar cobertura aos produtos coloniais e, quem sabe, até mudar o comportamento tecnológico".

Bem no final da sua conversa, a direção da Cotrijuí deixou bem claro que, ao contrário do que muitos pensam, a Cotrijuí acredita que uma cooperativa deve ser tão grande como as multinacionais para poder se sustentar.

O QUE A FECOTRIGO VAI FAZER

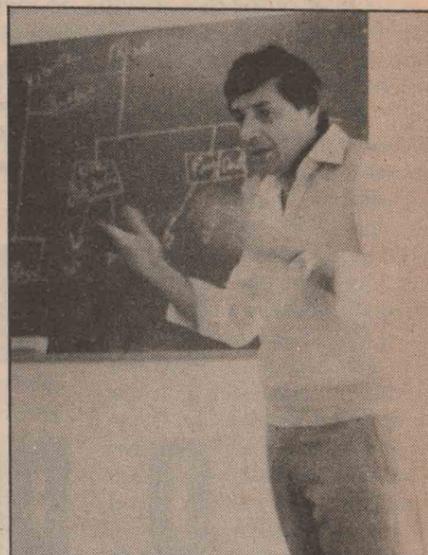
O presidente da Fecotrigo conversou sobre a nova forma de atuação da Federação e as causas de sua reestruturação. Explicou que a nova

entidade passará a representar suas filiadas, prestando assistência técnica, desenvolvendo atividades de pesquisa e de comunicação e educação. Jarbas Machado também falou das causas que levaram a Fecotrigo a se reestruturar. Ele lembrou que houve uma época de muita abundância, e que foi muito fácil crescer e se desenvolver. Mas logo vieram as frustrações e a Fecotrigo se deu conta que não era tão fácil esta tarefa, e nem a entidade era tão autossuficiente como pensava. E então, quando a própria estrutura da Fecotrigo começava a ser contestada, pensou-se numa reestruturação. A entidade começou a sentir que era impossível entrar no campo da industrialização e, ao mesmo tempo, ser uma organização que se voltasse para o lado político. Essas duas coisas não poderiam ficar numa só entidade.

"Os conflitos surgiram e viria a ineficiência. Por isso houve a reestruturação, uma coisa que ainda não está muito clara, porque foi um processo meio elitista", admite o presidente Jarbas. A partir da reestruturação foram criadas duas entidades, uma voltada para a política, no sentido de todas as implicações que o termo abrange; a outra, a Central Sul, com um aspecto operacional, comercial, voltada para a industrialização dos produtos agrícolas bem como de defensivos.

TAREFA DO SISTEMA

No final da tarde, numa entrevista concedida aos jornais e rádios de Ijuí, Jarbas Pires Machado explicou que a industrialização não é uma tarefa exclusiva da Central Sul, porque é uma tarefa do sistema cooperativista como um todo. Inclusive até algumas cooperativas já adquiriram condições delas próprias industrializarem os seus produtos.



... e o da Fecotrigo dos objetivos da nova Federação

A Central Sul foi criada para atender as demais filiadas que ainda não tiveram condições de se expandirem no setor de industrialização.

O desempenho da tarefa política, na opinião do presidente da Federação, seria o de procurar fazer com que o sistema cooperativo como um todo se prepare para entrar no processo de industrialização. E alertou dizendo que o sistema cooperativo deve ter consciência de que no momento em que fizer isso, atrairá para si um grande número de inimigos. Será nessa hora que a Federação deverá se portar de maneira a manter o sistema unido.

"Estamos num tempo, em que o sistema cooperativista atraiu tal atenção e atingiu tão grande avanço que não há mais como recuar. Não é mais possível estabilizar ou estacionar. Nós estamos numa briga. E a briga é de morte".

REINTEGRAÇÃO DA COTRIJUÍ

A volta da Cotrijuí para a Federação seria um passo no sentido de somar forças na hora de reivindicar melhores soluções para os problemas do sistema cooperativista. Por outro lado, Jarbas explicou que a reintegração da Cotrijuí à Federação viria dar uma resposta àqueles que buscam, de uma forma ou de outra, tentar dividir o movimento cooperativista do Estado. "Em vista disso, o cooperativismo gaúcho está buscando uma nova forma de se reorganizar de maneira mais efetiva. É por isso que estamos buscando a reintegração da Cotrijuí à Federação".

Muitas questões, tanto do lado da Cotrijuí como do lado da Fecotrigo, foram levantadas durante todo o dia. Mas a definição da filiação da Cotrijuí à Fecotrigo só sairá na próxima reunião do Conselho Administrativo da Cooperativa, que acontecerá no fim do mês.

A policultura é uma opção para todos os produtores. Agora, tem que ver que nem todos os produtos são para todos os produtores. Cada produtor, antes de diversificar a sua lavoura, deve fazer uma seleção das culturas mais adequadas, tudo de acordo com as condições de sua propriedade, levando em conta neste caso, o tamanho, o tipo de solo a mão-de-obra disponível... Isto tudo só para começo de assunto. Não dá para produzir tudo de uma vez porque tem o tal de mercado, que é uma coisa meio complicada e até difícil de entender. Também tem os preços que umas vezes compensam e outras não cobrem nem os gastos da lavoura. É claro que o ideal é o produtor diversificar sua produção. Mas que faça uma diversificação racional. O pessoal deve ter muito cuidado no diversificar. Não dá para sair plantando, assim demais. Acontece muito do agricultor se tocar a produzir determinado produto, mas quando chega a hora de vender o mercado já está saturado, o preço está baixo e lá se vai todo o ganho. O outro ano ele planta menos. Aí sobe o preço porque o produto é pouco e fica faltando no mercado. Essa variação no mercado e no preço acontece, muitas vezes, até de um dia para outro. Tem que ver que aí entra o fator clima. Às vezes está parecendo que vai dar uma grande produção, vem uma chuva ou geada e leva tudo. Aquele que teve sorte de salvar a sua lavoura, está com o lucro feito, porque vai ficar quase que sozinho no mercado. Só que isso de ficar sozinho no mercado também é meio difícil de acontecer. Quando dá para um, dá para todos os outros. E os preços andam sempre variando de acordo com a oferta no mercado. Quer dizer: quanto mais o produto existir no mercado, menos preço ele pega. Ou então acontece o contrário, se o produto é pouco o preço é mais alto. Ainda tem os produtos de fora, de outras cidades, estados e até mesmo do exterior, que muitas vezes atrapalham o mercado e ainda fazem concorrência com os produtos locais. Isso acontece muito com a cebola (nós compramos cebola até da Espanha), a batatinha, o tomate, o alho, as laranjas, maçãs. E tem também os hábitos de consumo. O pessoal da cidade tem o costume de consumir as coisas que vêm de fora.

PRODUZIR É O DE MENOS. O DIFÍCIL É VENDER

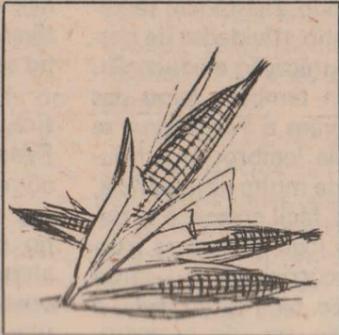
PIPOCA

Plantar uns quilos de pipoca todos os anos já é uma tradição para o seu Lino Alberto Depierre, de Santo Augusto. Se a pipoca dá para ser vendida e aparece comprador, o seu Lino aproveita e faz um dinheirinho. Senão fica para o gasto mesmo.

— Não faz muito tempo eu vendia um quilo de pipoca por Cr\$ 5,00 ou Cr\$ 8,00, agora já tá valendo Cr\$ 18,00. O que sobra do gasto eu vendo pro meus vizinhos e para alguns supermercados da cidade.

Seu Lino nunca plantou em grande quantidade, sempre alguns quilos. No ano passado, por exemplo, ele plantou 3 quilos e colheu 3 sacos.

— Esses 3 sacos que colhi já é bastante. Não tem muito prá quem vender e mesmo que a gente não se interessa muito em sair oferecendo. O que sobra sempre dou pro pinto ou pro porco. O pessoal da cidade já criou o hábito de comprar tudo pronto e então não adian-



ta mesmo plantar. Eles preferem comprar meio quilo ensacado e mais caro do que comprar um quilo da colônia. Hoje em dia, as coisas se mudaram tanto, que ninguém mais quer saber de pesar as coisas. Os próprios mercados preferem já comprar tudo pesadinho. O pessoal só chega lá e pega.

A falta de mercado para a pipoca é um dos entraves que impede o seu Lino de expandir a sua produção. O preço, já que o produto quase que não existe e o consumo é muito pouco, está muito bom.

— Só aqui por Santo Augusto se mais uns 4 ou 5 produ-

tores plantassem uns 3 quilos de pipoca cada um, já saturava o pequeno mercado onde se pode oferecer o produto. Na minha opinião, levando em conta esse fator, não vale a pena plantar. Só pro gasto e alguma sobra então pode se vender.

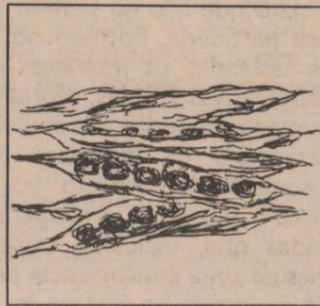
A pipoca deve ser plantada em setembro para ser colhida no mês de fevereiro. Segundo o Hélio Ito Polhmann do Departamento Técnico da Cotrijuí, a pipoca exige condições de produção semelhante às do milho. A pipoca tem um pequeno problema, diz o Hélio: ela não pode ser plantada muito perto da lavoura de milho. "A floração do pipoca, se for uma lavoura meio perto da outra, não pode coincidir com a do milho. Se isso acontece, dá cruzamento e os grãos da pipoca ficam grandes e não estouram". A produtividade da pipoca anda em torno de dois mil quilos por hectare e os problemas da lavoura são quase os mesmos do milho. O consumo maior acontece no inverno, na época das festas juninas.

LENTILHA

Na nossa região a lentilha nunca chegou a ter destaque na economia, mas foi muito importante em outras regiões. O Hélio Ito Pohlmann, agrônomo do Departamento Técnico da Cotrijuí, conta que a produtividade da lentilha, de uns tempos para cá, vem regredindo em todas as regiões, porque nunca se fez uma pesquisa efetiva no sentido de melhorar a variedade. "Como não existem variedades novas, essas antigas que ainda são plantadas estão cada vez mais sensíveis à doenças, por isso, a exploração vem tendo altos riscos".

A lentilha tem seu período de plantio em junho e colheita em novembro. A produtividade anda em torno de 400 a 500 quilos por hectare.

O Brasil importa do Chile e dos Estados Unidos quase toda a lentilha consumida aqui. É que também a lentilha que se produz por esses lados, não apresenta boa qualidade. "A lentilha que mais a gente vende



é aquela que apresenta todos os grãos verdes", explica o Nelly Baroni, Gerente do Entrepósito de Hortigranjeiros. A lentilha para ser totalmente comercializada tem que apresentar, no máximo, 2 por cento de grãos amarelos. Mas isso não acontece. "Geralmente o que é produzido por aqui, tem os grãos chochos e ninguém gosta de comprar". O Baroni mesmo conta que no ano passado se vendeu algumas sementes para alguns produtores, mas o Entrepósito não recebeu nenhum quilo. "É que o pessoal meio desanimou já que o solo não ajuda muito e a produção é de baixa qualidade.

MEL

Não faz muito tempo, coisa de dois anos ou até um pouco menos, o seu Luiz João Goettens, de Santa Lúcia, Ijuí, deu para criar abelhas. Começou recolhendo enxames pelos matos vizinhos e hoje já possui 12 caixas de abelhas. Seu Luiz explica que a criação de abelhas não é a sua atividade principal, mas sempre é uma renda a mais que obtém com a venda do mel. As suas caixas de abelhas estão bem espalhadas por todo o pomar e o cuidado que tem é apenas o de não deixar que as formigas ataquem as colmeias. Aliás, até seu Luiz acha a abelha um bichinho "meio in-

grato", porque morre muito facilmente.

Já no ano passado, seu Luiz colheu uns quilos de mel, perto de 100 quilos. Deixou um pouco pro gasto da casa e o resto vendeu na cooperativa ao preço de Cr\$ 75,00 o quilo. Acha que foi um bom preço para a época:

— O preço até que não é ruim. O que é ruim é essa desconfiança que o pessoal tem do mel. O problema é que tem muita gente vendendo "xaropada", o tal de mel artificial nas casas da cidade por um preço bem barato e então ninguém quer comprar um quilo de mel puro por Cr\$ 75,00. Acham

que é caro demais. Ou então o pessoal da cidade prefere aquele mel que vendem nos mercados.



Luiz João Goettens

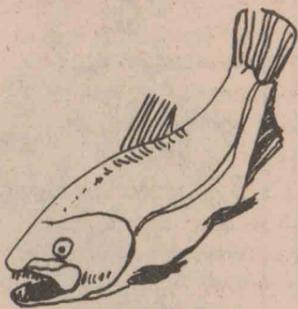
Mesmo com o grande número de agricultores se envolvendo com abelhas nos últimos tempos, seu Luiz diz que não acredita numa superprodução de mel.

— Mesmo que aconteça uma safra boa, e isso só vai depender de que o tempo não chova demais, nunca vai existir mel em abundância, porque na cidade não se cria abelhas e é aí que tá o grande consumidor de mel. O que nos atrapalha são esses fabricantes de mel artificial. Mas o consumidor sempre vai existir.

Para quem se dedica à criação de abelhas e deseja ter

uma boa produção de mel é importante ter na propriedade bastante floração. Se existir bastante floração, se pode fazer até 3 colheitas de mel por ano (isso no verão), porque em 2 a 3 semanas as abelhas têm condições de encher novamente os favos. Uma recomendação para quem se dedica a criação de abelhas, é conservá-las sempre em local seco e arejado para evitar o ataque de fungos, traças e formigas, tendo como proteção as árvores. O agricultor também deve se preocupar em oferecer condições das abelhas trabalharem, melhorando a qualidade das caixas. Conseqüentemente, o rendimento também aumenta.

PEIXE



O peixe é uma das atividades a que se dedica o seu Walter Berbaun. Começou vendendo peixe em casa mesmo, para os vizinhos. Quando ele mais vendia peixe era na Semana Santa. Nesses 20 anos que trabalha com peixes, seu Walter nunca deixou de ter uma carpa para vender. É claro que hoje a sua produção não é para vender só para seus vizinhos! Ele vende na cidade, entrega na Cotrijuí.

Seu Walter diz que trabalhar com peixe não tem muito mistério, mas tem que saber trabalhar para obter um bom rendimento. Ele conta que a alimentação influi muito na produção. E para não ter que comprar tudo, ele produz um pouco de alimentação, como o

sorgo. Também o esterco é produzido na sua propriedade, se não aí, não compensa muito.

— Se o trato é bom e o tempo corre bem, sem muito frio, se tem peixe prá vender em um ano.

O mercado para a venda de peixes está bom na opinião de seu Walter. A questão é que poucos produzem peixes, já que a produção exige um grande investimento, como construção de açudes em área que não servem para outro tipo de cultura.

Como grande parte de seus vizinhos não tem açude, eles vendem os filhotes das carpas para o seu Walter. Na maioria das vezes, esses filhotes são vendidos para fora do município, ao preço de Cr\$ 3,00 cada um.

— Trabalhar com peixes não dá prá se queixar. O preço tá louco de bom, por volta de Cr\$ 70,00 o quilo.

A produção de peixes da região, principalmente de carpa e tilápia nilótica (um peixe originário do rio Nilo, no Egito) é o suficiente para abastecer o mercado local e, durante a Semana Santa, abastecer mercados vizinhos. Dos peixes nativos do Rio Grande do Sul, te-

mos a traíra e o jundiá. Em verdade, criar peixes acarreta de início um grande investimento. Um criador de peixes, como explica o Nilo Rubem Leal da Silva, do Departamento Técnico da Cotrijuí, deve ter no mínimo 3 açudes na propriedade, para que se possa fazer um bom trabalho técnico com os peixes. "Na hora de secar um açude, tem que existir um outro disponível para que sejam colocados os filhotes". Os peixes carnívoros também devem ficar separados. Somente na hora da terminação (engorda) é que se deve colocar no açude na base de 5 por cento de peixes carnívoros em relação aos outros, para que exista um controle natural. Se isso não acontecer poderá existir uma superpopulação de peixes herbívoros. Para quem se dedica à criação de peixes é importante que também faça uma associação com a suinocultura, para aproveitar o esterco na alimentação, e também na fertilização da água. Se o peixe for criado dentro das normas técnicas, ou seja, observada a fertilidade da água, alimentação e povoamento do açude, o rendimento pode ser de 3 a 4 mil quilos por hectare/açude.

ERVILHA

Dona Catarina dos Santos, lá de Santa Lúcia, Ijuí, nunca deixou de plantar seu canteirinho de ervilha. Diz ela que faz isso desde menina. Mas Dona Catarina explica que nunca plantou prá vender, só pró gasto da cozinha. E a Dona Catarina faz de tudo com ervilhas. É molho, recheio para tortas, sopas, bolinhos...

— Gosto muito de usar a ervilha na comida porque é um alimento muito bom, fácil de plantar e que todo o mundo deveria ter.

Lá na casa da Dona Catarina se come ervilha quase o ano inteiro. No verão se planta a "ervilha de árvore" (chamado guandu) que tem o mesmo sabor que a outra ervilha e no inverno, se come da ervilha comum. Só que a dona Catarina faz a sua primeira plantação de ervilha comum no mês de fevereiro e em junho depois que colhe essa produção, faz nova plantação. Mais tarde, começo de setembro, ela planta a outra ervilha, a de árvore. E assim, tem ervilha para todo o ano.

— Pelo preço que anda o feijão e ainda nem existe, a gente come a ervilha. E que ali-



Catarina dos Santos
mento é a ervilha. Pena que as pessoas não têm o hábito de cultivar nem que seja só prá usar em casa. Já é uma coisa há menos prá se gastar.

A ervilha em verdade vem sendo cultivada somente para o consumo doméstico. Ninguém quer se arriscar a plantar uma área maior de ervilha, porque não existe uma estrutura para a industrialização. Quando acontece de dar uma boa colheita, ela pode dar até uns dois mil quilos por hectare. O seu plantio ocorre nos meses de agosto e setembro e a colheita em outubro a novembro. É bastante precíval e perde muito a qualidade. A colheita é manual. Se a ervilha pega muita chuva, ela quase não produz porque é atacada por doenças. A maioria das pessoas que plantam ervilhas só fazem para o consumo, num pequeno canteiro no fundo da horta.

AMENDOIM

Apesar dos hábitos terem mudado com a introdução de novas culturas, ainda tem gente que não deixou de plantar sua batatinha, seu canteiro de tempero, de cebola e até a lavourinha de amendoim. E é assim lá nos Maas, em Ajuricaba. Seu Santo e Dona Célia Maas sem-



Célia Mass

pre plantaram, no meio do milho, uns 3 quilos de amendoim. Esse ano a área foi aumentada um pouco, porque a família plantou 10 quilos, sendo que 5,5 quilos eram da comum e 4,5 quilos do amendoim "paraguaio", como chama a dona Célia. Esse amendoim paraguaio apresenta uma vagem e o grão bem maior que o comum. E a colheita foi boa: 270 quilos.

E não é fácil vender amendoim. As pessoas consomem o amendoim em maior escala geralmente na Páscoa. No resto do ano dificilmente se consegue vender alguns quilos.

— O mercado é meio difícil, comenta a dona Célia. Nós vendemos em casa, pró vizinhos a um preço de Cr\$ 15,00 o quilo. Senão a gente ocupa,

faz doce, pé-de-moleque. Mas não é sempre.

O amendoim é uma planta que dá trabalho. Toda ela é colhida a "muque", como diz dona Célia. Além disso o mercado é pequeno demais, e não convém aumentar a área.

— Se existisse mercado maior podia ser até que valia a pena a gente plantar mais. Agora o preço também tinha que ser mais compensador, porque o amendoim é uma planta de muito serviço.

E não é só o mercado e a servilçama que dá, que fez muita gente não plantar amendoim. Ele é uma plantinha bem ingrata. Dá muita quebra. Muitas vagens são falhas.

— O amendoim não rende muito, por isso é que as pessoas não querem plantar. A gente nunca pode esperar gran-

de produção. O que deu, deu. E vender na cidade não dá, porque o frete tira todo o lucrinho que podia dar e depois tem outra: as pessoas estão acostumadas a comprar amendoim já sem a vagem, ensacadinho em plástico.

Um outro problema é que a colheita coincide com a da soja e se atrasa um pouquinho na colheita, que vem uma chuva, o amendoim rebrota todo e não dá mais para aproveitar.

O amendoim já teve a sua importância na economia do Rio Grande do Sul, até que vieram outras oleaginosas, como a soja, e tomaram o seu lugar na industrialização do óleo. Hoje o que se produz de amendoim é destinado ao consumo doméstico ou então, algumas vezes às fábricas de mandolates

e outros doces do gênero. É bastante consumida na época da Páscoa. É uma planta de verão, plantada em setembro e outubro, em época que não existe geadas. É uma cultura que tem condições de produzir melhor onde o fim do ciclo coincide com a época das secas, ou então em regiões onde as chuvas são melhor distribuídas.

Este ano por exemplo, o Entrepósito de Hortigranjeiros recebeu mais de 3 mil quilos de amendoim. Toda a produção de amendoim da região foi colocada na Ceasa em Porto Alegre. "Aqui não existe o hábito do consumo, ou então o pessoal prefere comprar o amendoim torrado. Nós não chegamos colocar 500 quilos no mercado local", conta o Nelci Baroni, gerente do entreposto de Hortigranjeiros.

LENHA/EUCALIPTO

Trabalhar com olaria não é fácil e seu Arlindo Moreno, da Linha 6 Oeste diz que lidou no barro por 32 anos. Nesse tempo, prá não ter que comprar lenha, ele plantava eucalipto. Há mais de 10 anos seu Arlindo deixou a olaria, mas continuou com o seu mato de eucalipto. São mais de 7 mil pés de eucalipto plantados numa área de 2,5 hectares.

Em verdade, seu Arlindo não anda lá muito satisfeito com a produção de lenha, basta dizer que ele não pretende aumentar a sua área. Pretende deixar como está, só fazendo cortes de 5 em 5 anos. Embora saiba que vende toda a lenha que produzir, seu Arlindo diz que tudo tá muito caro. Só no

ano passado, ele vendeu para a Cotrijuí 360 metros cúbicos de lenha ao preço de Cr\$ 170,00 o metro.

— Deu um pouco mais de Cr\$ 60 mil cruzeiros, mas tive que pagar toda a mão-de-obra. Prá cortar a lenha tive que pagar Cr\$ 35,00 por metro cúbico. Dá prá ver que o lucro não foi grande. Hoje eu já sei que a lenha tá por volta de Cr\$ 300,00 o metro cúbico, mas em contrapartida, ninguém mais corta lenha por menos do que Cr\$ 80,00 o metro.

Um pé de eucalipto não produz muita coisa. Para se ter um metro cúbico de lenha é preciso nada mais, nada menos, do que 5 pés de eucalipto cortados. Além disso, se corta um tempo e tem que esperar mais uns 5 anos para fazer um novo



co. e. Como diz o seu Arlindo, não dá prá viver só da lenha: — Eu conservo o mato de

eucalipto, porque é um dinheiro que entra de tempos em tempos porque não ocupa essa área com outras culturas.

Mercado para a lenha, seu Arlindo diz que sempre vai existir, ainda mais agora que tudo está tão caro, combustível, o gás de cozinha... Na cidade, avulso, ele diz que dá para vender um metro cúbico ao preço de Cr\$ 600,00 que tem gente que compra. E o Nilo Rubem Leal da Silva, do Departamento Técnico da Cotrijuí, mesmo diz que depois que houve o corte do óleo pesado para a energia, a tendência do mercado para a lenha é melhorar cada vez mais.

Para quem lida com eucalipto, por exemplo, voltado para a produção de lenha, é interessante e bastante econômico

que se produza as mudas em casa mesmo utilizando as horas de folga e a mão-de-obra disponível. As mudas podem ser plantadas durante o inverno, nos meses de junho a setembro, tendo sempre o cuidado de deixar um espaçamento, principalmente se for para a produção de lenha, de 1 por 1,5 metros de distância. Daí, no 4º ou 5º ano já dá para realizar o primeiro corte. O rendimento no primeiro corte chega alcançar até 300 metros cúbicos por hectare. Além disso, pode se fazer de 3 a 4 cortes sem renovação de plantio. Uma coisa que deve ser observada, é de que o eucalipto jamais deve ocupar áreas de outras culturas agrícolas. O ideal é plantar em áreas inclinadas, ao longo de cursos d'água, terrenos pedregosos e banhados.

LINHAÇA

Simplicio Schenkel, da Ponte Branca, em Augusto Pestana, plantou pela primeira vez linhaça no ano passado. Foram três sacos de semente. Ele conta que a planta é quase idêntica ao trigo em termos de exigências de clima. Tanto que ano passado ele não colheu muita coisa, na base de 6 sacos por hectare. Mas tem lá suas vantagens:

— É uma planta que não dá muito gasto, que se usa só a semente.

Não foi só esta razão que o levou a plantar linhaça. Ele lembra que o trigo não está mais dando, ainda mais em áreas como a dele, onde deu de aparecer muito mal do pé.

Mesmo que a linhaça — que é usada como fibra na fabricação do linho — não tenha produzido bem, ela deixou uma margem de lucro bem maior do que deixaria o trigo,

exatamente pelo baixo investimento exigido. Isto sem contar o preço. Ele vendeu na cooperativa o que colheu no preço de Cr\$ 12,00 o quilo, ou seja Cr\$ 720,00 o saco. Comparando com o valor do trigo, que era de Cr\$ 449,50 o lucro foi bem maior.

Este ano Simplicio plantou 5 sacos de semente.



Simplicio Schenkel

Remoendo nas idéias o por quê será que o pessoal deixou de plantar linhaça no inverno aqui por estas bandas, seu Simplicio só consegue chegar a uma conclusão:

— É que a semente da linhaça é muito miúda e cortar manualmente é uma coisa difícil. Hoje em dia, com automotriz, o trabalho é mais rendoso.

A linhaça é uma cultura que pode ser plantada em fins de maio e início de junho. A colheita deverá ser feita entre novembro e dezembro, dependendo da época do plantio. A linhaça apresenta um mercado com boas perspectivas, isso porque poucos produtores ainda plantam a linhaça. No ano passado, por exemplo, a produção entregue na cooperativa, conforme informou o Cícero Coutinho de Oliveira, Coordenador de Comercialização da Cotrijuí, foi muito pequena em relação à procura de sementes que se teve.

ERVA-MATE

Depois que a monocultura entrou para as lavouras, o agricultor só pensou em plantar soja e trigo. Quem tinha um ervalinho tratou logo de derrubar porque erva não era mais negócio. E do erval que existia por esse Rio Grande afora, hoje restam apenas alguns pés. E a erva-mate, tão usada para o chimarrão gaúcho, anda em falta. Tão em falta que o preço de um quilo de erva anda por volta de Cr\$ 100,00. Pouquíssimos foram os agricultores que não derrubaram seus pés de erva-mate para fazer lavouras. Seu Anselmo Gonzatto, de São Pio X, Redentora, plantou seu primeiro erval, cerca de 250 pés, há 18 anos atrás. Até agora já fez 5 cortes, mas mesmo com euforia da soja nos primeiros tempos, não quis derrubar um pé sequer.

— Plantei esses 250 pés e parei, porque todo o mundo tava arrancando o erval que tinha. Diziam que não valia mais nada. Só que eu não arranquei, procurei conservar, utilizando os espaços entre um pé e outro para plantar pastagens para o gado.

Esse ano com o preço que tá a erva-mate, seu Anselmo já plantou mais 500 novas mudas e para o próximo ano já está se preparando para plantar mais 1.000 mudas. Diz ele que considera o preço do quilo da erva-mate o único que acompanha o preço da gasolina e do adubo.

Pela falta do produto "in natura" o mercado da erva-mate está muito bom. O preço vai permanecer estável em consequência do próprio mercado externo. O consumo do chá na Europa está bastante grande, isso porque o pessoal resolveu substituir o café, um produto bastante caro, pelo chá.

A erva-mate deve ser plantada de julho à agosto, sendo que o corte deve começar a partir de maio, até o mês de setembro. Os técnicos recomendam que se faça cortes no erval de 2 em 2 anos ou então de 3 em 3 anos, que é o melhor, porque as folhas estão mais maduras. Por outro lado a erva ad-



quire melhor qualidade e também. A arroba de folhas verdes está a um preço de Cr\$ 300,00. Como a quebra é de 65 por cento, depois de seca, ela é vendida para ser moída ao preço de Cr\$ 700,00 a arroba. Então quem compra uma arroba de folhas verde de erva, depois de seca, tem meia arroba, mas assim mesmo dá dinheiro.

— A erva hoje tá numa situação tal, que ganha dinheiro quem vende, quem corta no pé, quem cancheia (moer) e quem industrializa. E quem paga todo esse preço é o consumidor.

Seu Anselmo está confiante no mercado e no preço da erva por uns bons tempos, já que a maioria dos ervateiros arrancaram seu erval. E diz que mesmo que o preço da erva baixe uns Cr\$ 20,00 por quilo ainda continua sendo um bom negócio, se for comparado com uma produção de soja.

bém a árvore tem condições de se recuperar mais rapidamente. O rendimento de um erval é bastante variado e vai depender do desenvolvimento das árvores, e também da qualidade do solo. Mas o Nilo Rubem Leal da Silva, do Departamento Técnico da Cotrijuí explica que no primeiro corte, quando a árvore está com 7 anos, pode produzir em torno de 2 arrobas. Já no segundo corte dá em torno de 4 arrobas e a partir de 15º ano, uma árvore pode produzir até o máximo de 8 arrobas.

CENOURA



Aristides Hober

Trabalhar com cenoura tem lá os seus probleminhas. Uma boa produção vai depender muito do tempo, que deve correr sem muitas chuvas. Mas o pior de tudo mesmo, é o mercado. Se a produção da cenoura é boa, o preço é baixo, o mercado fica saturado e o pessoal corre o risco de perder grande parte do produto na lavoura. Se não dá cenoura, o preço sobe lá em cima e entra produto de fora.

Quem lida com cenouras são os agricultores. Leonir Didone e Aristides Hober, de Arroio das Antas, Ijuí. Eles são sócios. Aristides comenta que o agricultor que resolve trabalhar com cenoura tem que sair sabendo que vai enfrentar um

mercado bastante instável.

— É como todos os outros produtos hortigranjeiros. Tem época que o mercado tá um abacaxi. O preço fica baixo e a gente não tira nem o serviço que se gastou na lavoura.

Para não correrem o risco de ter que ficar com produtos na lavoura, Aristides e Leonir procuram vender onde conseguem colocar o produto:

— Na época mesmo da safra, a gente vende por pouco mais de Cr\$ 8,00 o molho. É uma época que tem de tudo e um pouco, é pepino, ervilha, beterraba... então o pessoal tem bastante o que comprar, comenta Leonir.

Mas houve um tempo, cerca de dois anos atrás, que Leonir e Aristides perderam toda a produção na lavoura porque não conseguiram vender. "Foi uma época de superprodução de tudo que era hortaliças e então, não tinha mercado", comentam.

Depois de colhida, a cenoura tem um prazo de 5 dias para ser comercializada. O mercado é mais ou menos programado. Primeiro é feito um contato do produtor com o entre-

posto para programar a entrega com antecedência. Isso ocorre para quase todos os outros produtos. Por exemplo, chegam no entreposto de hortigranjeiros 40 caixas de cenouras, assim de repente, sem programação e sem um contato anterior, o pessoal não pode receber porque não existe mercado para colocar o produto assim de uma hora para outra. E ainda tem que se levar em conta que o consumo de cenoura na região é mínimo em relação ao que é produzido, sem contar que é vendida em diversos locais dentro da cidade pelos próprios produtores. E como o mercado é altamente oscilante, muitas vezes o produtor deixa de ganhar dinheiro.

Nelci Baroni, gerente do Entreposto Hortigranjeiro da Cotrijuí explica que se desse sorte de existir cenoura em janeiro, por exemplo, como aconteceu no ano passado, o preço e o mercado ficariam prá lá de bons. "Acontece que a época de produção coincide com tudo quanto é lugar e então dá sempre umas safras grandes. Com isso a tendência do preço é ficar baixo.

BATATINHA

No ano passado faltou batatinha no mercado e consequentemente o preço anda lá em cima. Como no ano anterior havia dado supersafra de batatinha o preço caiu, resultando que no ano passado quase ninguém plantou. Seu Ardino Zisemer, de Arroio das Antas, Ijuí, sempre planta batatinha, isso coisa já de muitos anos. Só que a sua produção sempre andou por volta de 10 sacos de sementes plantadas. Esse ano, com o incentivo do preço alto, por volta de Cr\$ 45,00 o quilo, Seu Arlindo saiu do sério e resolveu plantar 30 sacos de batatinha. Agora está só esperando que o tempo ajude e que dê



Ardino Zisemer

uma boa produção, porque no ano passado as coisas não correram nada boas. Choveu demais e a batatinha acabou morrendo na terra com a tal de "murchadeira". De 15 sacos plantados, seu Ardino colheu só 45 sacos.

— Mas quando a gente tem sorte e o tempo corre bem, de um saco dá prá gente colher uns 500 quilos. Aí sim, se o

mercado também corresponde bem, dá prá fazer um bom dinheiro.

Mas a história do mercado é outra coisa que meio deixa o seu Ardino preocupado. E o preço também não é nada estável. Quem planta está sempre correndo riscos, porque a produção nunca é garantida e o custo da produção é bem alto.

— O meu medo é que o pessoal se toque a plantar batatinha e que o preço caia lá embaixo. Mas o pior nesse tal de mercado é que sempre entra batatinha de outras cidades, como Júlio de Castilhos e Santa Maria. Se não entrasse produto de fora, até que o mercado daqui seria uma maravilha.

Seu Ardino conta que

um tempo atrás deixou a batatinha apodrecer na lavoura porque não tinha prá quem vender e o preço não compensava o serviço da colheita.

— Tem anos que dá vontade da gente largar tudo. A batatinha é uma planta arriscada, é como um logo da loteria. Pode dar certo e pode não dar. E quando dá, o preço vai depender da quantidade que existe no mercado. Se a gente tem sorte de fazer uma boa produção mais ou menos meio só, dá um bom dinheiro. Se eu vendesse por uns Cr\$ 700,00 ou Cr\$ 800,00 já tava bom. Mas a batatinha, quando não dá prá um não dá prá ninguém. E quando dá prá um, dá prá todos.

O agrônomo Hélio Ito Polhmann, do Departamento Técnico da Cotrijuí diz que a produção de batatinha em nossa região deve visar principalmente o consumo doméstico, uma vez que é um produto de difícil conservação e, portanto, sujeito a estragar logo após a colheita. A batatinha pode ser produzida duas vezes ao ano, uma com colheita nos meses de novembro, dezembro e outra com colheita em abril/maio. E a produtividade anda por volta de 9 a 10 mil quilos por hectare.

Um fator bastante limitante para o cultivo da batatinha, segundo o Hélio é a falta de boas sementes e de variedades de melhor conservação.

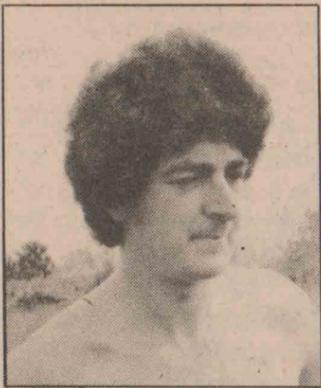
FRUTICULTURA

Como a região de Tenente Portela tem se mostrado favorável ao cultivo de frutas cítricas, muita gente está fazendo pomar com fins comerciais. O pessoal ainda não tem conhecimento sobre o nível de produtividade e nem mercado, mas está investindo. O seu Olímpio Amaral, dono de 43 hectares lá no Alto da Bela Vista, iniciou o seu pomar de laranjeiras há uns três anos. Já foram plantadas 670 mudas numa área de 2 hectares. Agora o seu Jorge, filho do seu Olímpio, diz que não vão plantar mais até que dê as primeiras laranjas.

— A gente tá esperando prá ver o resultado. Se realmente compensar e der uma boa safra, nós pretendemos plantar uns pés de limoeiro, umas bergamoteiras. Mas primeiro a gente quer ver se dá lucro mesmo e se vai dar prá vender bem.

O seu Olímpio, para melhor aproveitar os 2 hectares de terra, está consorciando o pomar com o alho no inverno e a soja no verão. E prá não prejudicar as mudas, o Jorge explica que a plantação de soja é feita com plantadeira à tração animal. E toda a colheita é manual.

— Aí, quando as árvores fecharem então vamos deixar de plantar. Mas por enquanto a gente tá aproveitando a área.



Jorge Amaral

Tanto seu Olímpio como o Jorge dizem que resolveram entrar porque hoje em dia tem que se plantar de tudo e um pouco:

— Se não dá uma coisa, pode dar outra. E decidimos pela laranja porque o mercado é meio garantido.

Com o mercado da fruticultura se dá mais ou menos o mesmo processo dos outros produtos. Se existe produto na região, não se compra fora. Isso acontece muito com a laranja, o abacate, bergamota etc. "Somente quando falta o produto no mercado é que compramos de Porto Alegre", explica o Baroni. O mercado da fruticultura não tem as complicações dos produtos hortigranjeiros. Ele é mais fácil de trabalhar e os preços são estáveis. Só que como outros produtos, também a fruticultura tem que ser programada.

OVOS



Até um ano atrás a região era totalmente dependente em termos de mercado para ovos.

Este ano, conforme conta o Nelci Baroni, gerente do Entrepósito Hortigranjeiros da Cotrijuí, as coisas mudaram e "já somos totalmente autosuficientes. É claro que não procuramos atingir um mercado além do nosso". Nesta época o entropósito hortigranjeiro está alcançando aos associados uma média de Cr\$ 500 mil, por mês só com recebimento de ovos. "E o melhor de tudo,

é que esse dinheiro gira na região, em milho, ração...". O mercado para ovos aqui na região, se desenvolve num processo de produção mais direcionado. Isto é, tem que haver uma programação com antecedência. O preço só é oscilante pelos meses de agosto, setembro e outubro, quando acontece a entrada de ovos coloniais. Em outras épocas, ele corre mais ou menos estável.

ALFAFA

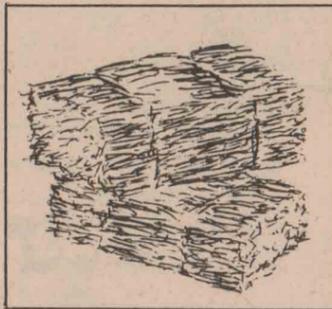
— Quem pensa em gado, em primeiro lugar tem que pensar em plantar alfafa.

Quem fala é o seu Sadi Reimann, de Coronel Barros, que diz que conhece a alfafa desde guri, mas que depois, por causa da mão-de-obra, viu cair fora e deixar de ser plantada.

Seu Sadi planta 13 hectares de alfafa, sendo que parte é para forrageiras e parte ele planta para a produção de semente. Só esse ano, em janeiro, ele colheu 795 quilos de semente.

— O melhor negócio que tem é vender a semente. O preço de um quilo tá por volta de Cr\$ 300,00.

Entusiasmado com a sua produção de semente, seu Sadi diz que essa que é produzida aqui no Estado é a de melhor qualidade. E mercado para se-



mente de alfafa existe, "já que outros estados, como Paraná e Santa Catarina, não produzem alfafa". Seu Sadi comenta que se o Rio Grande produzisse 10 toneladas por ano, tinha onde vender.

O Uruguai tá, esperando semente de braços abertos, mas o que nós produzimos aqui dá só para abastecer o mercado interno, porque ainda existe falta de semente. É claro que é bom ter o cuidado de não se produzir em excesso, porque então

aí, não sei como fica o mercado...

Muita gente não gosta de plantar alfafa, por causa da serçama que dá. Mas hoje tudo pode ser mecanizado e em 1 hora e 30 minutos dá prá cortar um hectare. Em mais ou menos 50 minutos, essa alfafa pode ser encerada (atada) e em 1 hora e 30 minutos, pode ser enfardada.

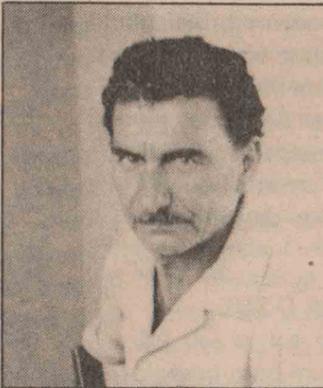
A alfafa é uma cultura perene, plantada nos meses de abril a setembro. A produtividade da massa seca pode atingir até 10 toneladas por hectare, enquanto que a produção de semente anda por volta de 200 quilos por hectare. O mercado para a produção de semente está aberto e o preço está bastante alto. Tanto a produção de semente como a produção de feno, devem ser orientadas por técnicos agrícolas.

ALHO

A pequena lavoura de alho do seu João Buchanelli ocupa apenas um hectare de seus 52 hectares de terra. Mas não faz muito tempo que seu João está plantando alho, coisa de dois anos.

— A gente sabe que o alho não é a salvação, mas é mais uma ponta prá pegar. A gente experimenta prá ver se melhora um pouco as coisas.

No ano passado, seu João foi muito bem com o alho. Diz ele que deu para pagar as despesas e ainda sobrou um dinheiro, cerca de Cr\$ 12.000,00. Isso que toda a mão-de-obra utilizada foi de casa mesmo, porque o alho dá um bom serviço, tanto na hora de plantar como na hora de colher. E to-



João Buchanelli

do o pessoal da casa precisa se envolver.

— No ano passado não conseguimos vender o nosso alho nem por Cr\$ 30,00 o quilo e a gente sabe que lá prá cima, os produtores receberam até Cr\$ 80,00 por quilo. A

gente não sabe porque aqui ele vale tão pouco.

E é em função do preço do alho, que o seu João não sabe se deve ou não aumentar mais a sua lavoura. No ano passado ele plantou 150 quilos e esse ano já aumentou para 250 quilos.

— Vou ver esse ano, se der bem, quem sabe até aumento mais um pouco a área. E tem que ver se o preço também vai ajudar.

Uma coisa é certa para o seu João: o alho é uma planta para o pequeno, que tem pouca terra e muita mão-de-obra em casa.

Não faz muito tempo que a cooperativa está incentivando a produção de alho na região, cerca de 3 anos. O alho

é uma planta de inverno, que exige para o seu bom desenvolvimento, um solo fértil. Um dos fatores limitantes do alho é a possibilidade de chuvas na época da colheita. Se chover nessa época a produção corre o risco de se estragar na lavoura.

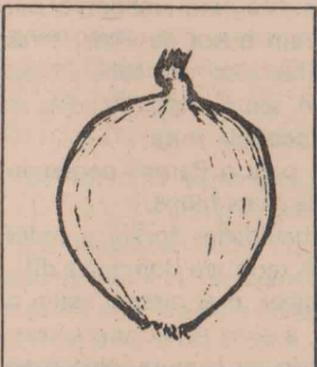
Em condições normais, dá bom resultado econômico, podendo produzir de 3 a 4 mil quilos por hectare.

O produtor que se dedica ao alho pode ficar um pouco mais descansado porque o mercado anda seguro. Só o preço é que não anda muito nos agrados do pessoal.

O Brasil até uns anos atrás importava quase todo o alho consumido. Só no ano passado, gastamos em torno de 580 milhões de dólares em

alho. Isso levou o país a incentivar à produção de alho. Aqui na região já existem 40 hectares plantados com alho, envolvendo cerca de 60 produtores. E a esperança do Brasil é de tornar-se auto suficiente em alho. "O mercado para o alho, pelo menos até 1985 vai existir. Contamos com um preço bastante estável. O alho é diferente da cenoura ou da alfafa ou até mesmo da cebola. Ele é um produto com condições de estocagem. Não é um produto que se colha hoje e amanhã já tenha que comercializar". O Nelci Baroni do Entrepósito hortigranjeiro faz questão de deixar bem claro que a produção de alho é viável para as pequenas propriedades, "onde existe bastante mão-de-obra".

CEBOLA



Plantar cebolas não tem mistério para os produtores de Arroio das Antas, em Ijuí. Quase todos os produtores plantam cebolas desde "piá", quando se

regava os canteiros com um balde. Hoje são frequentes as áreas de cebola naquela região. Tem produtor que planta mais de 150 mil pés. O que desagrada um pouco os produtores é o preço da cebola na época da safra.

— O preço tá por volta de uns Cr\$ 35,00, mas a gente não pega isso na época da safra. Vende quando muito por uns Cr\$ 15,00, comentam os produtores.

A cebola tem um inconveniente para quem planta: depois de feita a colheita ela não dura por muito tempo e acaba apodrecendo, "por isso temos que pegar qualquer preço, mesmo que seja baixo", dizem os

produtores. Mesmo assim, não é um mau negócio, desde que não exista uma superprodução.

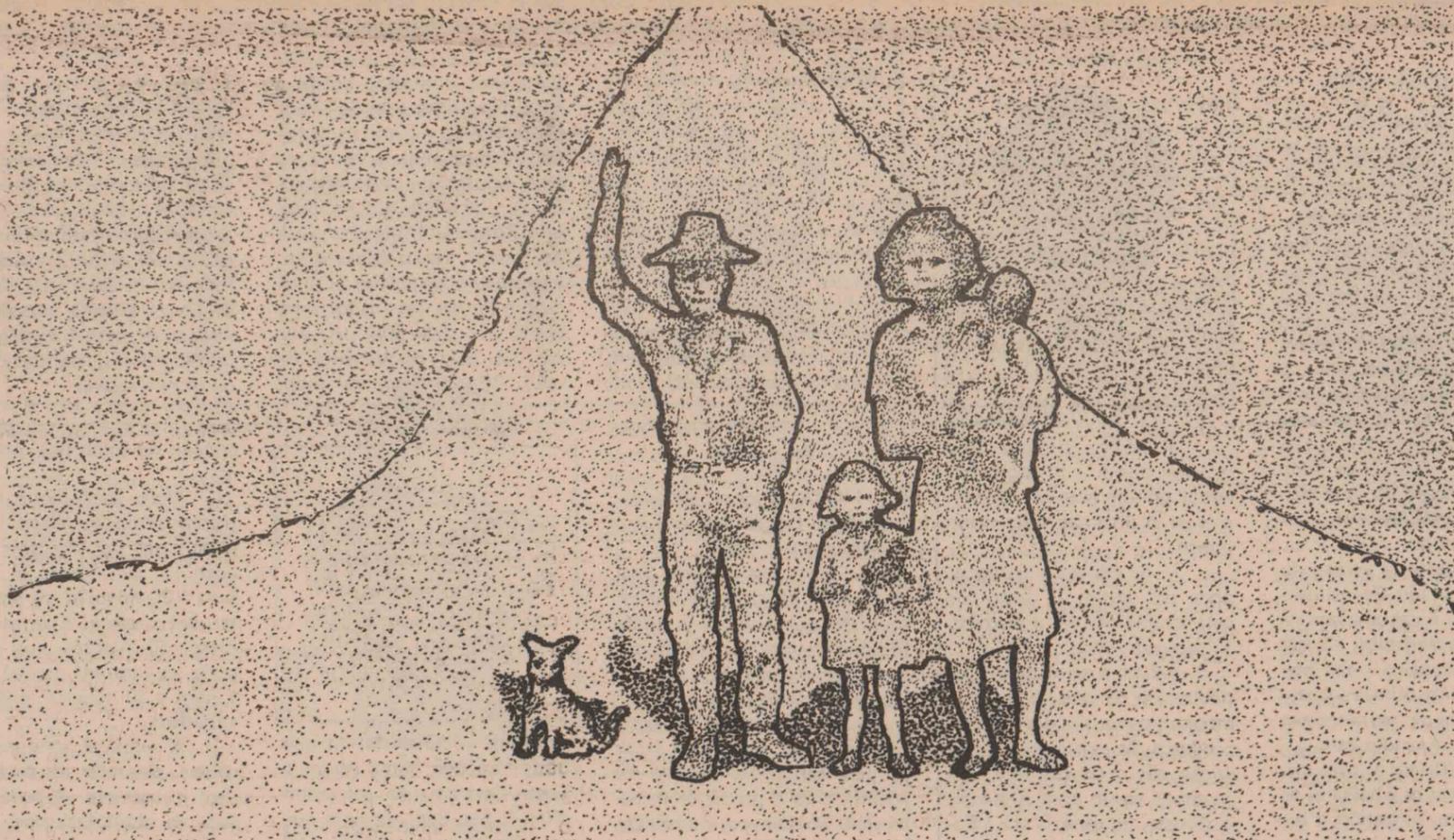
O fato é que para os produtores do interior do Estado, o que atrapalha muito no preço é o produto que entra em Porto Alegre. Se entra bastante cebola no mercado em Porto Alegre, o preço fica baixo, porque existe uma superprodução. Se por lá não existe cebola, o preço melhora. E o caso é que se plantam demais, correm o risco de ficar sem vender o produto. Se plantam pouco, podem deixar de ganhar dinheiro.

Outra questão é a produção. Uma nova produção vai depender do preço. Por exemplo, há uns anos atrás, em São

José do Norte, havia uma super safra e o preço ficou tão baixo que reduziu a produção do ano seguinte. Já neste ano, como não existia o produto em grandes quantidades, o preço ficou bom. Agora todo mundo está plantando de novo. E a esperança dos produtores é de que em janeiro o preço ainda esteja em alta, "embora em hortigranjeiros não se possa afirmar nada".

A cebola é uma planta de inverno e pode ser plantada aqui no Estado com a colheita mais para o fim do ano. Segundo o Hélio Ito Polhmann, agrônomo do Departamento Técnico da Cotrijuí, a cebola produzida aqui na região é considera-

da normalmente como de baixa conservação, "porém de acordo com a experiência do associado, há possibilidade de guardá-las por muito tempo, desde que em condições de bom arejamento". Por outro lado o Hélio fala que o plantio para o consumo doméstico é muito importante como fator econômico, pois dispensa a compra do produto durante uma boa parte do ano. A cebola, se for plantada dentro das normas técnicas e não tiver nenhum problema de doenças ou ataque de insetos, poderá produzir até 10 mil quilos por hectare. O mercado da cebola é meio complicado e o preço sempre vai depender da oferta.



SAIR SÓ ÀS VEZES É SOLUÇÃO

A procura de mais terras para viver tem feito muito agricultor deixar o estado. Ele não quer a terra só para si. Ele já está pensando no futuro de seus filhos, em proporcionar-lhes condições de que permaneçam no meio onde sempre viveram e trabalharam. E o pessoal que tem pouca terra aqui por esse Rio Grande já anda vendendo e indo embora. Com isso a corrida por mais terras está meio grande. Um pessoal vai influenciando o outro. Quem tem coragem e vontade de trabalhar vai mesmo. Nem que tenha que começar tudo de novo. Para uns dá certo, para outros não. O caso é que arriquerar de um ano para o outro não é bem fácil. Quem sair do Rio Grande, contam as pessoas que permanecem em outras regiões, vai precisar trabalhar muito. Talvez mais até do que aqui.

Bem influenciado pelo genro o seu Adi Michelson reuniu a patroa, os 4 filhos e decidiram ir embora para o Paraná. A patroa ficou meio desestossada, não queria ir, mas como tinha que acompanhar o marido e os filhos, terminou concordando com a mudança. Vender os 75 hectares lá na Esquina São Luiz, em Santo Augusto, não foi difícil. A terra era boa. Foi o seu Adi falar que queria vender a terra e já tinha negócio.

Seu Adi vendeu a sua terra por uma soma de Cr\$ 45 mil o hectare ("hoje está valendo mais de Cr\$ 100 mil", diz ele meio triste) e foi para o Paraná à procura de mais terras. Lá, num lugar chamado Chopinzinho, seu Adi comprou 116 hectares. Quando foi outubro, toda a família já estava morando em Chopinzinho e trabalhando na terra.

— Era um lugar muito bom, até melhor que aqui. Tinha cooperativa e tudo por perto. A nossa terra ficava a quilômetros de distância do silo.

Nas novas terras, toda a família se tocou a trabalhar. Seu Adi começou plantando um pouco de milho, só para o gado dos animais e um pouco de soja.

— A terra era muito boa, só faltava calcar um pouco. A soja até que deu muito bem na minha terra. Colhi em média de 20 sacos por um.

Apesar de tudo ser muito bom, moradia em boas condições, luz elétrica, água excelente, quando fazia sete meses que os Michelson estavam no Paraná, decidiram vir embora. Seu Adi mesmo explica que não teve um grande motivo. Foi vontade mesmo da família vir embora novamente para o sul.

— É claro que logo de início, quando a gente chegou lá, tivemos um problema com um peão que foi daqui. Ele tava trabalhando e perdeu dois dedos. Isso aí meio desgostou a gente pelas complicações que deu. Até vou ter que pagar Cr\$ 400 mil prá ele de indenização. Só que isso

não foi um motivo assim principal que fez a gente resolver vir embora. Foi vontade mesmo de vir morar no Sul outra vez, de ficar perto dos parentes e amigos. O pessoal lá, os vizinhos, também eram muito bons. A gente não tem queixa de ninguém, tem até saudades.

VOLTA PARA O SUL

Na volta para o sul, o seu Adi admite que não fez um bom negócio trocando as suas terras, "mas a vontade era grande de vir embora". Os 116 hectares de terras lá do Paraná o seu Adi trocou por 66 hectares em Tiradentes, Santo Augusto.

— Além de dar a minha terra lá no Paraná, eu voltei mais Cr\$ 500 mil, deixei dois tratores e todas as benfeitorias. Tinha um chiqueiro prá porco que era uma beleza. O comprimento dele era de 71 metros e nem tive tempo de aproveitar, — além de casa boa, da luz elétrica e dos galpões. A gente reconhece que aqui foi um negócio meio ruim. Nem tem luz elétrica, a terra não é tão boa como a de lá. E ainda a moradia era muito ruim, tive que fazer casa e galpão tudo de novo. Agora é que a gente tá começando, que não faz nem uma semana que nos mudamos prá essa casa. Antes nós tava acampado no galpão.

Mesmo que não tenha dado certo a mudança para o Paraná, o seu Adi aconselha aqueles que estão lá e

que querem mais terras, e fiquem por lá, porque a terra é boa e dá de tudo.

— Quem se acostuma deve ficar porque é negócio e a terra dá de tudo. Eu plantei uns quilos de feijão e colhi 4 sacos. Plantei também um pouco de arroz e deu muito bem. A terra não tem problema. É só causo da pessoa se acostumar.

O seu Adi não pára mesmo. Já anda pensando em vender de novo a sua terra e comprar mais lá pelos lados de Ajuricaba, "prá ficar mais perto dos parentes".

TERRA DIFÍCIL DE TRABALHAR

Em 78 o seu Evaldo Schmidt, a esposa e os três filhos pequenos, venderam sua terrinha, coisa de 9 hectares em Coroados e foram morar em Coronel Vivido, Paraná, onde compraram 27 hectares. E como todo o pessoal que está indo embora, o seu Evaldo foi em busca de mais terras para a família. Mas nem tudo correu bem para o seu Evaldo. Vendeu as terras e se tocou de volta.

— Fui para o Paraná pensando no futuro de meus filhos.

As dificuldades foram grandes de início. A terra era dobrada e difícil de trabalhar, mas mesmo assim o seu Evaldo, a dona Ana e as crianças, pegaram sério na lavoura. Não dava para ficar parado. E foi plantando de tudo um pouco. Era milho para a criação de porcos, era batatinha, fei-

ção, soja.

— O problema é que falta alguma coisa na terra, que não deixa a soja dar igual aqui. A minha não deu que preste. A gente olhava a lavoura e achava que ia colher no mínimo uns 500 sacos e só colhi 239. Era só o pé que era bonito. O resto era conversa. Todo falhado.

Mas o maior problema na lavoura do seu Evaldo é que ele estava acostumado a trabalhar sozinho em pouca terra e lá no Paraná eram 27 hectares de terra "dobrada", que tinha de plantar sozinho. Isso aí meio desanimou o seu Evaldo.

— Só eu e a mulher quase que trabalhava, porque as crianças eram pequenas, pouca coisa adiantavam. Contratar empregado não dá, porque às vezes ele leva todo o lucro da gente. E depois na minha terra tinha só uns 4 ou 5 hectares em que a gente podia botar um trator em cima. O resto só podia ser trabalhada com boi mesmo. Meio desanimado e muito cansado de tanto trabalhar sozinho eu disse que vendia a terra. Foi só falar que já apareceu um comprador. E vendi na hora. Daí vim embora de volta.

O seu Evaldo vendeu sua terra lá no Paraná ao preço de Cr\$ 80 mil o alqueire e comprou 11 hectares em Coroadó. Pagou Cr\$ 100 mil o hectare aqui no Sul. Com casa e tudo.

— Eu sempre queria comprar umas terras mais planas, melhores que as que tinha mas o dinheiro não dava. Essas são muito caras. Lá no Paraná só se compra terra barata, quando elas são dobradas.

LEVAR DINHEIRO

Uma coisa é certa no pensamento simples do seu Evaldo: não dá prá ir embora para outros Estados com pouco dinheiro.

— Acho que o agricultor que tiver até 25 hectares de terra não deve vender prá comprar mais lá prá cima, porque ele não vai conseguir. Consegue no máximo comprar o dobro, mas esse dobro ainda é pouco porque as terras não são das melhores, são fracas e dobradas.

Baseado na sua experiência de agricultor no Paraná é que seu Evaldo faz esse alerta. Diz ele que o agricultor que é pequeno, deve ficar por aqui mesmo.

— As coisas não são fáceis lá em cima. Se planta soja, tem que colher a muque. O grande tem condições de levar até máquina daqui. Ele tem muito mais chance de crescer.

Se foi uma experiência boa a sua ida para o Paraná, o seu Evaldo diz que ainda não sabe, pois recém chegou de muda (1º de agosto). Nem sabe se fez bom negócio voltando para cá, mas uma coisa é certa, diz que não quer mais saber de mudanças.

— Comecei do nada. A primeira coisa que fiz na vida, foi comprar uma terneira fiado. Depois comecei a arrendar banhos para plantar.

Com o dinheiro da lavoura comprei os 9 hectares que vendi. Agora só tenho 11 hectares, mas não tenho medo de trabalhar na lavoura.

VACAS GORDAS

Mas não é para todos que as coisas não tem dado certo. A maioria dos que estão indo embora, estão ficando por lá mesmo. Esse é o caso de Alfredo Christiano Horn, que morava em Cruz Alta, onde juntamente com mais um irmão, possuem 35 hectares.

Há dois anos o Alfredo comprou uma área de 400 hectares da Colonizadora Eldorado. A área fica no Projeto Nova Mutum, no município de Diamantino, no Mato Grosso. O Alfredo conta que ele foi o segundo morador a chegar por aqueles lados. No início as coisas eram mais fáceis e Alfredo diz que pagou Cr\$ 2 mil por hectare, dando 30 por cento de entrada, já que tinha umas economias e financiou a metade do valor da área através de crédito fundiário, com 10 anos para pagar. Levou daqui um tratorzinho pequeno. Foi uma época de "vacas gordas", como diz o Alfredo, porque conseguiu até um financiamento para comprar mais um trator e uma colheitadeira. Hoje o pessoal que está chegando por lá, está encontrando dificuldades para financiar investimentos.

Alfredo é solteiro e conta que nos primeiros tempos a solidão é muito grande mesmo morando na companhia de alguns peões.

Nova Mutum fica a uns 200 e poucos quilômetros de Cuiabá, capital do Mato Grosso (do Norte), que é onde o pessoal de lá geralmente faz o rancho maior e toma contato com a cidade grande. O Alfredo conta que em Nova Mutum já tem uma vila que está dentro do projeto de colonização. Dentro da vila está instalado um ambulatório com atendimento de primeiros socorros.

— Prá consultar um médico tem que ir a Cuiabá. Alguns casos que não são graves, são resolvidos no ambulatório mesmo. Dentista a gente tem só em fim de semana.

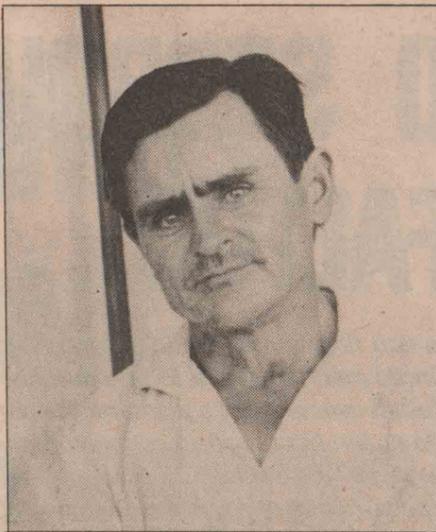
PREPARADO PARA TRABALHAR

Quem vai para o Mato Grosso, diz o Alfredo que deve estar preparado para trabalhar muito e passar algumas dificuldades nos primeiros tempos. Também acha que não adianta ir para lá só com o dinheiro para comprar terra.

— É bom ir com uma reserva que dê pelo menos, prá sobreviver por dois ou três anos no caso de frustrar alguma safra ou então de não conseguir financiamento. Algumas pessoas que estão no projeto enfrentaram este problema.

O Alfredo está plantando arroz, como lavoura principal. Este ano pretende começar com a soja.

— Plantei arroz inicialmente pois é a cultura que melhor se adapta em terras recém abertas.



Adi: a terra é boa e dá de tudo

A região é de cerrado e nunca se consegue destocar tudo num primeiro ano. Além do arroz, o Alfredo ainda tem lavoura de subsistência e cria algum porco e galinha.

Uma coisa que se sente muito lá no Mato Grosso e que Alfredo comenta é a falta de infra-estrutura de armazenamento e comercialização. Na área do projeto está recém sendo construído um armazém pela cooperativa de Diamantino, que fica a mais de 100 quilômetros do local.

As safras estão sendo levadas direto para Cuiabá e vendidas por lá.

Ele conta que, em parte as dificuldades são menores porque a rodovia que liga Cuiabá a Santarém passa ao longo de sua propriedade e de todo o projeto da Nova Mutum. Mesmo assim ela não é asfaltada, o que a torna intransitável em dias de chuva e muito perigosa em tempo que não chove por causa da poeira.

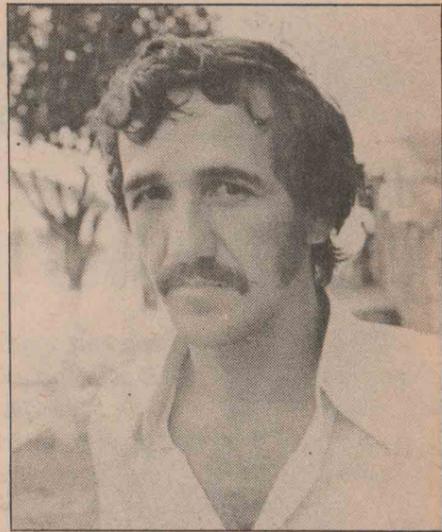
TEM SOLO MUITO MANCHADO

O Alfredo diz que tem tido muita sorte com o arroz, porque a sua terra é boa, mas recomenda que o pessoal tenha muito cuidado ao comprar terra, porque o solo é muito manchado.

— Dentro do projeto, por exemplo, alguns lotes não foram vendidos, porque é tudo areia.

Essa ida de tanta gente lá para cima, para o Mato Grosso, está encarecendo a terra. A terra que o Alfredo comprou por Cr\$ 2 mil o hectare, hoje já está valendo de Cr\$ 15 mil a Cr\$ 20 mil. Mas ele explica que essa valorização da terra, em parte, foi pela localização da área e também pela infra-estrutura inicial, como estradas, vila...

Se as coisas foram fáceis para o Alfredo, elas não foram do mesmo jeito para o seu Darci Cerejo, que hoje mora em Xavantina, perto de Barra das Garças no Mato Grosso do Norte. O seu Darci, quando foi embora de Lajeado Libino, em Tenente Portela, levou muito pouco dinheiro. Terra mesmo ele não tinha, mas sempre trabalhou na lavoura, junto com a mãe em 14 hectares. Como as coisas não andavam bem e o seu Darci queria comprar um pedaço de terra, resolveu ir embora, enfrentar "a vida" como ele diz.



Darci: tem que levar muito dinheiro

Lá em Xavantina, comprou o direito de posse de uma chacinha (com 18 hectares) de um terceiro, que havia adquirido a posse da Sudeco — Superintendência de Desenvolvimento do Centro Oeste. O problema é que o seu Darci não tem título de posse da terra e não consegue fazer financiamento para plantar a sua área. Diz ele que a terra é plana e muito boa. O arroz dá muito bem, até já andou fazendo uma lavourinha por conta.

— Lá, o único documento de posse é a gente morar em cima. Então a terra é da gente e não é ao mesmo tempo.

Essa situação faz com que o seu Darci trabalhe de empregado de uma serraria e more em casa alugada, pelo menos até que consiga construir uma casa em cima da sua terra.

MUITA TERRA

Uma coisa é certa na opinião de seu Darci: quem quer ir embora para o Mato Grosso, tem que levar muito dinheiro e comprar no mínimo 200 hectares de terra. Quem compra uma área pequena tem que levar em conta que partes desta terra não dá para cultivar no primeiro ano. Primeiro tem o cerrado para derrubar, para depois iniciar a lavoura.

— Quase tudo é cerrado. Se planta até umas 4 safras e depois aquela terra não dá mais, fica cheia de inços. Aí a terra começa a produzir muito pouco e a solução é plantar pastagem e passar a cultivar uma outra área. E prá fazer isso, é preciso muita terra.

Seu Darci contou que na verdade lá no Mato Grosso a terra só dá mesmo é para plantar o arroz. Nem a pastagem para o gado não dá muito bem. O trato nunca é permanente, porque a brachiária, por exemplo, só dá bem na época das chuvas. Em outras culturas, que não seja o arroz, não dá para arriscar, porque depois não há como comercializar. O desenvolvimento da região ainda é muito pequeno.

— Eu sempre digo que o agricultor que tiver 15 hectares aqui, tem condições de viver muito melhor. Em termos de produtividade e mesmo de valor, a sua terra aqui, por mais pequena que seja, vale mais do que 100 hectares por lá.

PRIMEIRO SOBROU. DEPOIS FALTOU

Muitos associados prepararam a terra e só ficaram esperando a chegada de semente de aveia para plantar. E este ano a intenção mesmo não era formar pastagem prá largar os animais em cima. Os associados foram incentivados a plantar aveia para vender para o comércio, diante da confirmação de um bom negócio com compradores do Rio e de São Paulo. Mas por que faltou semente? Terá sido falta de planejamento ou os azares aos quais sempre se está exposto? O certo é que se conseguirá cumprir o contrato e que nenhum associado ficou sem semente, mesmo que, para muitos, os pedidos não tenham sido atendidos integralmente.

Quase a metade da aveia consumida no Brasil — especialmente para a alimentação animal — é importada. O cálculo é que anualmente o país compre do exterior entre 40 e 50 mil toneladas de aveia, produzindo internamente coisa de 60 mil toneladas. Só por isto, dá para ver que o mercado para aveia é bastante promissor, ainda mais se considerarmos as restrições oficiais para a importação de produtos que podem perfeitamente ser produzidos internamente.

Pois foi pensando neste mercado e na perspectiva de encontrar mais uma alternativa de comercialização para o inverno, que a Cooperativa foi procurar como colocar este produto no mercado. Aveia não para a pastagem dos animais — pois outros produtos podem substituí-la em igualdade de condições — mas sim aveia comércio. Só que o difícil foi achar semente no mercado. As confusões provocadas pela inesperada falta de semente e problemas de entrega das quantidades já encomendadas com terceiros, foi uma situação um tanto difícil para o setor de comercialização enfrentar nos últimos meses. Toda confusão é aqui explicada pelo agrônomo Cícero Coutinho de Oliveira, coordenador de Comercialização da Cotrijui.

Bem, o Cícero começa contando do início propriamente dito. Se procurou mercado para colocar a semente

que se tinha em disponibilidade, mesmo depois de distribuir entre seus associados as sementes necessárias para o plantio desta safra:

— Nós tínhamos uma sobra de 1.200 toneladas de sementes de forrageira da estação fria de 78/79, sendo que só de aveia eram umas 900 toneladas. Com a sobra da safra do ano passado, a 79/80, estávamos com 3.600 toneladas para colocar no mercado e nenhuma grande experiência na comercialização destes produtos.

Só que neste meio tempo, foram feitos contatos com compradores do Rio e de São Paulo para o fornecimento de aveia comércio, destinada a alimentação de animais, especialmente de cavalos. Conta o Cícero:

— O mercado é grande e quase toda aveia é importada basicamente da Argentina. Nós averiguamos as possibilidades do mercado, pensando, quem sabe, em fechar um negócio para o próximo ano. Só que começaram a surgir alguns fatos novos que nos favoreceram, como por exemplo, a maxidesvalorização do cruzeiro. Esta desvalorização, que aconteceu em dezembro do ano passado, aumentou muito o valor das importações de tudo quanto é produto, incluindo aí também o caso da aveia.

Desta forma, ele continua, o produto nacional que antes regulava em preço ou até mesmo era mais caro que a

aveia importada, acabou ficando mais barato. Isto sem contar o tempo que um importador leva apenas para retirar a guia que autoriza a importação. Não que o Governo tenha baixado um decreto proibindo de importar qualquer coisa de fora. É que ele torna bem mais difícil qualquer negócio que um importador pretenda fazer.

O caso é que só depois de se ter comercializado praticamente toda a sobra de sementes das safras passadas é que este negócio com a aveia acabou se concretizando. "De início", conta o Cícero, "nós pensamos que não seria muito difícil encontrar semente para comprar no mercado brasileiro. Só que foi difícil, e só encontramos umas 28 toneladas". Cícero continua:

— Isto que quando nós sentimos que o negócio com os compradores do Rio e São Paulo iria se concretizar, nós suspendemos as vendas de sementes de aveia para terceiros. Com isto, no lugar de 350 toneladas, nós ficamos com umas 600 toneladas de aveia para nossos associados. Utilizamos ainda um outro artifício: o associado que queria levar aveia para pastoreio nós incentivamos que plantasse centeio, que apresenta resultados iguais ou até mesmo melhores para o pastoreio. E resolvemos também partir para a importação.

E aí, neste momento, é que começamos mesmo as confusões. O Cícero e o Adri dos



A intenção é ter aveia para semente e não para pastoreio

Santos Braga, também da coordenação de Comercialização, foram até a Argentina em busca de semente. Acharam o produto e até mesmo acompanharam sua classificação na empresa com a qual haviam fechado o negócio para compra de 400 toneladas. Tranqüilos, voltaram para o Brasil, inclusive com o programa de embarque acertado para a próxima semana (isto foi em junho) e o dinheiro depositado no Banco para que a empresa vendedora das sementes o retirasse depois de apresentar estas guias devidamente autorizadas.

E aqui se começou a esperar pela semente. Passada uma semana e sem que ela chegasse, o pessoal se pendurou no telefone para achar os vendedores. Não acharam. Os contatos acabaram sendo feitos através da transportadora que traria a semente para o Brasil. Depois de averiguar daqui, se descobriu a raiz do problema: a semente não era fiscalizada e sim apenas identificada. Com isso o Ministério da Agricultura argentino não liberava a semente, pois ela apresentava problemas

de germinação. Arruma daqui, arruma dali, os vendedores conseguiram apenas 100 toneladas de aveia — estas de semente fiscalizada — e embarcaram para o Brasil, onde elas chegaram no início de agosto, quase no final do período ainda admitido para o plantio.

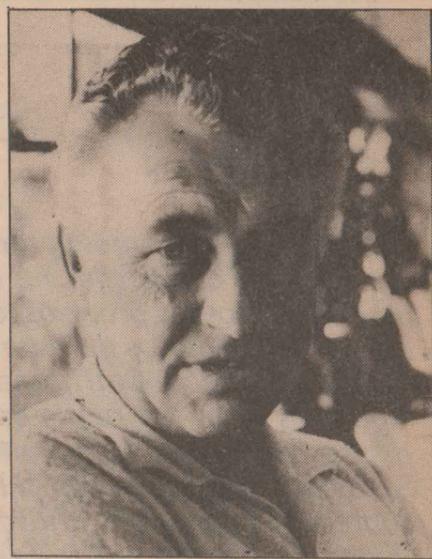
Com isto, muitos produtores não puderam semear a quantidade que haviam planejado. Os primeiros inscritos, que ainda tiveram a oportunidade de aproveitar a semente já disponível, não tiveram tanto azar. Mas os que ficaram para o fim acabaram reduzindo sua área de plantio. Conta o Cícero:

— Nós reduzimos proporcionalmente as quantias de semente entre os associados. Nosso critério foi de que quem tivesse pedido semente para até 6 hectares de aveia, levaria seu pedido todo. Dali em diante em cada unidade foi adotado um critério, procurando um contato individual com os produtores para explicar a situação. Mesmo assim alguns produtores tiveram seu pedido atendido apenas em 30 por cento da solicitação inicial.

Nosso lema: todos por todos.



OS PREÇOS MÍNIMOS AINDA SERÃO BONS NA ÉPOCA DA COLHEITA?



Zöllner: antes preço que custeio

Se não existisse inflação, os preços mínimos para as safras de verão (arroz, soja, milho, feijão, etc) até que poderiam ser considerados relativamente bons. Eles foram anunciados pelo Governo na última semana de julho e apresentaram um reajuste médio de 133 por cento em relação aos preços de garantia da safra passada.

O feijão passou de Cr\$ 612,00 para Cr\$ 1.800,00. Na verdade, porém, o preço do feijão já tinha sido reajustado para Cr\$ 900,00. Desta forma, no lugar do aumento anunciado de 145,1 por cento, o aumento efetivo foi de 50 por cento. Um caso semelhante aconteceu com a soja, que teve inicialmente seu preço mínimo reajustado de Cr\$ 315,00 para Cr\$ 440,00 na safra passada. Para a safra deste ano seu valor é de Cr\$ 660,00. Assim, no lugar de um aumento de 109,5 por cento, realmente o preço mínimo da soja aumentou apenas também 50 por cento.

Para o milho o aumento foi de 155,7 por cento, passando seu preço de Cr\$ 185,40 para Cr\$ 474,00. O arroz passou de Cr\$ 320,00 para Cr\$ 720,00, com um aumento de 125 por cento. O sorgo teve seu preço reajustado de Cr\$ 157,80 para Cr\$ 426,70 (aumento de 187,6 por cento). O girassol passou de Cr\$ 143,20 para Cr\$ 420,40 (aumento

de 192,1 por cento). O algodão tem agora o preço de Cr\$ 475,20 no lugar dos Cr\$ 201,90 do ano passado, representando um aumento de 135,4 por cento.

SEGURANÇA

Para muitos destes produtos, na verdade, onde a comercialização é praticamente livre, o preço mínimo não tem uma importância fundamental. Ainda mais que desde o ano passado não influem nos valores de custeio, calculado agora em função da produtividade. Mas sempre é uma segurança para o produtor, pois basta uma reviravolta no mercado e a interferência direta dos órgãos oficiais na sua comercialização para que os preços disparem para baixo. Nestas ocasiões sempre é bom lembrar o caso do confisco da soja, que aproximou muito os preços de mercado ao preço mínimo de Cr\$ 440,00 que existia para a safra passada.

"Preço bom sempre é importante", conta o seu Herbert Zöllner, que planta 200 hectares de lavoura na Esquina Bom Sucesso, em Catuípe. Ele continua:

— É preferível ganhar um preço justo pelo nosso produto do que um alto financiamento, coisa que só serve para os mais desavisados se endividarem.

PREÇOS DEFASADOS

O caso, conta o seu Zöllner, é que o

produtor não tem ganho preços justos. Ainda mais no caso do trigo, que no lugar dos Cr\$ 710,00 estabelecidos para este ano, jamais deveria estar valendo menos de Cr\$ 1.000,00 o saco. E o preço da soja, seu Zöllner?

— Estes Cr\$ 660,00 até que seriam um bom preço. Isto se o coeficiente de reajuste, o limite do reajuste da correção monetária e das ORTN (Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional) não for maior que 50 por cento. Se não ultrapassar isto aí, e duvido que não ultrapasse, é um bom preço, pois assim tudo se manteria dentro destes limites. É claro que tudo vai depender, no caso da soja, sempre do mercado.

Hoje os Cr\$ 660,00, conta o seu Zöllner seria um bom preço:

— Mas como é daqui a quase um ano, poderá estar defasado se a inflação superar este limite.

O preço fixado para o arroz, conta o associado Rudi Germano Krüger, produtor em Rincão do Barreto, em Dom Pedrito, já estará completamente defasado na próxima safra:

— Os Cr\$ 720,00 será um valor irrisório na época da colheita. Já nesta safra passada, em Dom Pedrito, chegou a haver

negócio exatamente nessa base de Cr\$ 720,00. Isso é uma prova de que o atual preço mínimo já está totalmente fora da realidade.

O PREÇO NECESSÁRIO

O caso da soja é muito ilustrativo. O Departamento de Planejamento e projetos apresentou neste mês de agosto um estudo que realizou sobre o custo da lavoura de soja. Serão exatamente Cr\$. . . 19.019,61. Para cobrir este custo, e levando em conta uma produtividade de 25 sacos, o mínimo que poderia receber o produtor pela soja seria o valor de Cr\$ 964,30 pelo saco de 60 quilos. O preço poderia ser um pouco mais baixo se a produtividade alcançasse os 30 sacos: Cr\$ 803,58. O caso é que o agricultor investe da mesma forma na lavoura. O que pode variar é a produtividade, isto mais por condições climáticas do que por qualquer outra coisa.

Ao mesmo tempo em que fez este estudo da soja, o Departamento revisou os valores necessários para o trigo. Pois no lugar dos Cr\$ 710,00 fixados pelo Governo, o trigo deveria valer Cr\$ 1.329,68 (para uma produtividade de 18 sacos), ou pelo menos Cr\$ 1.196,71, isto caso se alcançasse uma produtividade de 20 sacos por hectare.

Os preços não acompanham os custos

O produtor parece não estar dando muita atenção aos novos preços mínimos, que até bem pouco tempo provocaram muita expectativa. Há quem diga até que não procurou "ficar muito ao par" dos novos preços, como é o caso de Waldo Huth, de Alto da União (Ijuí). Ele acha que os valores, mesmo reajustados, despertam pouco interesse para discussão.

Para o seu Waldo, mesmo assim dá para avaliar os preços mínimos de acordo com o custo da lavoura, considerando o adubo, o inseticida e outros insumos. Nessa

comparação, ele acha que é fácil concluir que os valores são baixos, pois há que considerar a defasagem (diferença entre custos e preços mínimos), até o plantio e a colheita.



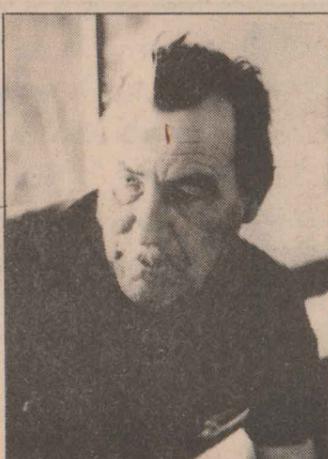
Waldo: pouco interesse

Armindo Bürke, de Barreiro (Ijuí), é outro que não vê muita importância nos preços, apesar de lembrar que "a inflação está crescendo uma barbaridade". Seu Armindo acha



Armindo: a inflação cresce

que os valores são estabelecidos para que "o produtor plante sabendo o que pode esperar" como garantia, mas isso nem vale mais hoje em dia. Ele esperava, se o preço fosse mesmo



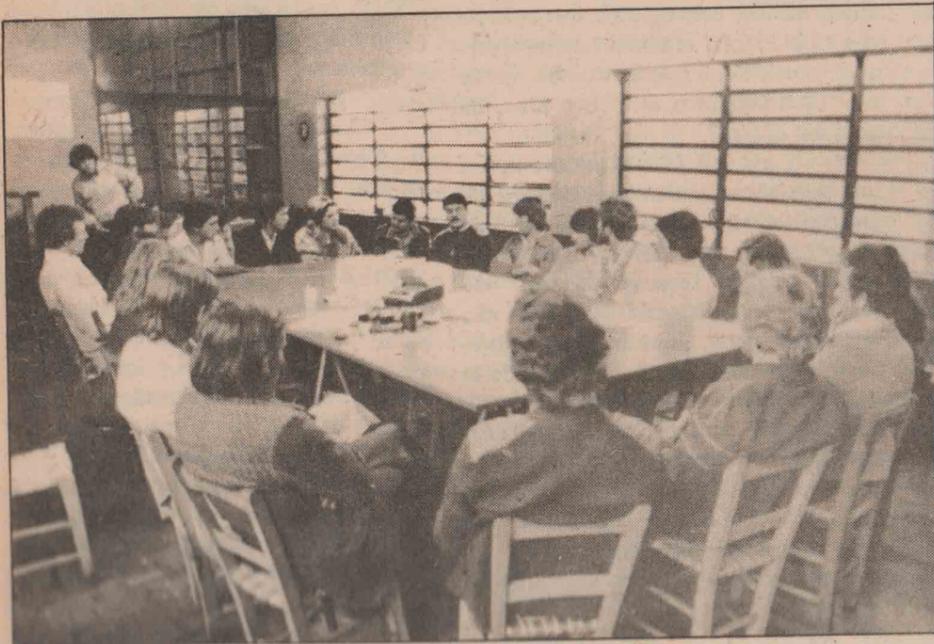
Oilly: servem de base

de garantia, que a soja ficasse em mil cruzeiros.

Essa também é a opinião de Oilly Adão Felden de Itaí, onde tem 17 hectares para o plantio de soja e "feijão para o gasto". Seu Oilly também não acredita que, hoje, os preços mínimos possam merecer muita atenção, mas acha que eles servem de base. No caso da soja, ele lembra que os 660 cruzeiros não representam garantia nenhuma. "Se baixar até 660, não sobra nem para um garrafão de cachaça", diz o produtor. Para ele, se o agricultor dependesse dos preços mínimos, "a gente iria morrer tudo de fome".

OS JOVENS CO

A realização desta mesa-redonda com jovens rurais de toda área de ação da Cotrijuí no Rio Grande do Sul não foi uma sugestão dos próprios jovens. A proposta foi de agricultores adultos durante uma das reuniões onde se define os assuntos que o Cotrijournal vai trazer todos os meses. Aqui eles falam sobre sua participação na comunidade, seus problemas de relacionamento com os adultos, sobre o Sindicato, a Cooperativa, a Igreja, a situação da mulher e sobre seu futuro. Um futuro, por sinal, que os preocupa. São jovens da zona de colônia e também da campanha que debatem os mesmos problemas com pontos de vista às vezes bem diferentes.



Cotrijournal: Para esta mesa-redonda, nossa sugestão é deixar o debate livre, sem que nós resolvamos sobre o que e como vocês devem falar. Escolham os assuntos importantes para vocês, assuntos que achem interessante levar aos demais jovens da nossa região.

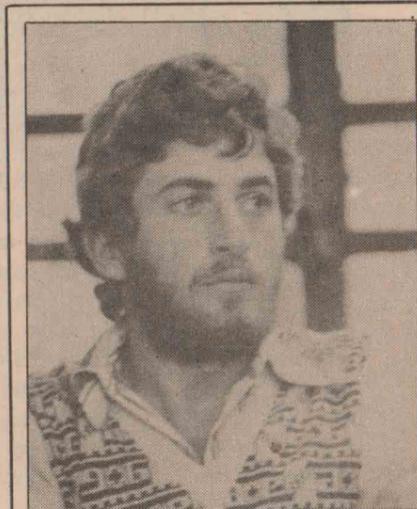
João Otonelli: A gente devia partir primeiro da família e ver o que está acontecendo. Às vezes em casa a gente não se comunica bem. A gente deixa de dizer aquilo que sabe para o pai e o pai deixa de dizer aquilo para o filho. Sei lá porque isto é assim.

José Luiz dos Santos Amaral: O ponto familiar é um, mas acho que isto aí cada família deve tirar um tempinho para conversar pai com filho, irmãos com irmãs.

Aldir Schneider: Isto aí é uma particularidade. Para mim a idéia para a gente começar a relacionar e discutir é de política no todo. Política no bom sentido, sem nada de partido no meio. Se a gente vai ver porque existe este problema de relacionamento na família, que seria problema de idade ou por formação, é a política que levou o povo a ter estas atitudes. Em outros tempos o relacionamento era bom, pelo menos é o que dá para perceber nos pais da gente, avós. Então será que a educação dada pelos pais e pelos mestres, a política educacional que foi implantada, não levou a esta situação, de que pais e filhos não se entendem? Hoje dá para perceber que quem faz a oitava série não saber fazer uma conta de juros correta, fazer cálculos de

metros quadrados. Então estão querendo chegar aonde com esta Reforma do Ensino que foi feita por esta política da educação? Para acompanhar o mundo, para evoluir? O que houve foi um retrocesso. Hoje os pais com o quarto ano estão dando um show em cálculos no pessoal que tem o segundo grau. Se a gente se reúne para discutir um problema amplo e chega numa conclusão, isto aí faz com que o povo se acomode, porque foi achada uma conclusão. Prá se chegar numa conclusão tem que saber as origens, tem que recorrer. O problema é discutir a política no todo, a política agrária, no caso a falta de terra, financiamento, se é de plantar trigo ou não, preços mínimos, política de formação, de educação.

Jaime Sperotto: Eu sou a favor da



O Sindicato

Jorge Dalla Rosa: Será que um grupo só de jovens vai conseguir ter uma formação? Será que a gente consegue uma formação tal que dê prá chegar em casa e ter um melhor entendimento com nossos pais? Será que nós encontramos uma solução para ter mais dinheiro? Será que um grupo só de jovens, sozinho, vai conseguir isto aí? Será que a gente não precisa ter uma entidade de classe do agricultor prá clarear essas coisas que existem por trás, fechadas, que estão atacando o jovem e a própria estrutura agrária? Esta entidade que falo é o Sindicato, o órgão político do agricultor. A gente descobre muita coisa através do Sindicato. O pai participando do Sindicato, o jovem

também está junto. Por exemplo, na região de Ijuí todo mundo é minifundiário. Então, qual a saída? Em Ijuí é a tal da diversificação, que não tem garantia nenhuma. Às vezes a gente tem de deixar o produto apodrecer na lavoura porque não tem prá quem vender. E isso é uma verdadeira vergonha. Então, eu acho que vamos ter que discutir esse problema a fundo e ver a saída.

Cotrijournal: Então tu vês como um canal para os jovens a participação sindical?

Jorge: É claro. Nós vamos na Igreja e eles pedem o que nós temos e então nos dão um limite, nos dizendo até onde podemos caminhar. Só uma estrada prá cami-

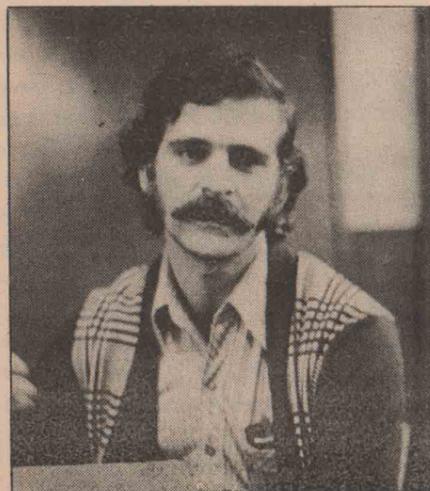
nhar. Se sair fora pode ser preso ou então dar com outra religião... e assim por diante. Quem é que defende o nosso agricultor hoje? Não tem ninguém! Mesmo a cooperativa condena certas posições do jovem. Pegando bem a miúdo as coisas, quem é que escora tudo isto? Nesta assembléia do confisco, quem é que estava em cima das máquinas? Os jovens. E que proteção eles tem? Quem é que dá força e apoio prá esse jovem? Se ele adoecer, chega no hospital, o que ele tem? O Sindicato chega ali e exige. Nós participamos do Sindicato. Somos nós o Sindicato e não o presidente. Ele está ali apenas para liderar.

José Luiz Amaral: O Sindicato é o

órgão mais apegado da classe dos agricultores. É uma defesa e, ao mesmo tempo, o Sindicato tem que expressar uma ajuda. Agora, o problema é que está difícil essa juventude para participar. O sindicato convoca uma reunião no interior e aparecem uns 5 ou 6 agricultores e o jovem não tem participação, não tem incentivo. Então o Sindicato é o órgão que deve promover o jovem e incentivar a ter participação.

Dani Della Flora: E depois desse protesto contra o confisco, por exemplo, em que o agricultor se uniu bastante, a gente notou, principalmente o jovem, que a união faz a força. Com isso a gente nota que o povo se mexeu mais. Lá na minha região, quando o Sindicato convoca uma reunião, não é mais 10 ou 15 pessoas que vão. Tem 30, 40, 60 pessoas. O pessoal viu que é preciso se unir e participar. Prá mim o agricultor só poderá ficar mais forte se estiver junto com o seu Sindicato.

Jorge: Eu comecei a participar de reunião de juventude quando tinha 14 anos. Foi sempre aquele bolo. É enrola, desenrola e enrola de novo. Aí, quando comecei a participar do Sindicato, vi que as coisas eram diferentes. O que é um Sindicato? Por que exerce tal função? O que é o tal do Funrural? Tendo um esclarecimento dos fatos, a gente sabe chegar e enfrentar de pé firme qualquer reunião. Se a gente não participa, qualquer um passa mão por cima, dá uma boa ensaboadá na gente, larga, e tudo



Quem é que defende hoje o agricultor?

(Jorge Dalla Rosa - Ijuí)



O Sindicato é uma defesa e tem que expressar uma ajuda

(José Luiz Amaral - Coronel Bicaco)

M A PALAVRA

...ver o relacionamento de pai e filho, porque se o cara acertasse na família, talvez acertasse no Estado inteiro. É que talvez se existe um problema de família é por causa de uma política de Estado que dá o desencontro da família. Se todos, tanto os pais como os filhos, se acertassem, se fossem bem, tudo se conduziria bem, de baixo até em cima. Como exemplo tem o problema financeiro, vamos supor, né. Pela política que se tem, não se consegue uma boa situação financeira e dali começam as encrencas e vai indo cada vez maior.

Cotrijornal: E quais as encrencas que tem?

Paulo Rigodanzo: Às vezes o pai tem um ponto de vista sobre um assunto e acha

que está certo e o filho acha que não.

Elcir Bergoni: Existe uma diferença de formação. O filho não concorda com a atitude do pai, com o plano do pai, e o pai não concorda com o filho, embora se conversem.

Dani Della Flora: Lá em casa, por exemplo, nós somos uns quantos rapazes e a gente se dá com o pai assim muito bem. A gente se ponteia bem, como se diz. Mas tem aquele problema da gente querer abranger um pouquinho mais, dar um passo para a frente e ele se acha com poucas condições. Ele fala "nossa terra é pouca, temos quantos filhos". Está certo. A gente precisava de mais terra para trabalhar, mas a terra é nossa e ela não vai escorar, não vai garan-

tir as dívidas que se vai enfrentar e assim por diante. Então quando surge um negócio que a gente acha que dá para dar um chute ali, ele calça o cabo e diz "não, temos que trabalhar seguro, vamos liquidar com as dívidas e ir devagarinho".

Aldir: Isto é um fato. Mas agora, que tipo de discussão tem entre pai e filho? Eu pelo menos não conheço de filho que chega para o pai e diz "olha se tu não me dá terra nós brigamos, que eu quero terra, quero ganhar por mês isto". Acho que todo pai mostra, e deve mostrar e o filho entender, qual a situação que levou o pai a não ter mais dinheiro, este negócio de fazer dívidas em Banco, na Cooperativa, que é para tentar seguir em frente. A gente já está numa idade de começar a própria vida, de tentar se assegurar. Mas o tempo está passando e não se consegue ver perspectiva de um dia ser proprietário ou então ter uma vida digna. Por isso a gente não entende a situação de que não se possa dar um passo muito largo. Aí é que existe a discussão, uma diferença de opinião.

Ibanês Fontaniva: Também cabe ao jovem ser um pouquinho mais compreensivo. Muitas vezes ele quer dar um passo maior que a perna. Na fase da juventude, a gente quer almejar alguma coisa que necessita mesmo. O jovem sente que precisa crescer, mas os pais, às vezes, acham que ele não está no caminho correto, e é aí que surgem os problemas. Na verdade o jovem tem uma direção mais no ter e não ser. Ele procura

mais ter dinheiro e não ser aquela pessoa responsável. Por exemplo, se um grupo de jovens organiza uma reunião dançante, visando lucro, sai muito bem. Agora, se tem que organizar um encontro de jovens, para um debate ou reflexão, para promover a pessoa humana, já se sente a diferença no ambiente. Ele não está ali se sentindo bem, acha que não tem capacidade de estar ali. Então ele deixa esse tipo de coisa para outro.

Elcir: O jovem ainda não conseguiu a formação dele. Ele só vai se formar com o tempo, com a idade. Então ele ainda não tem uma idéia firme. Às vezes ele pede para o pai um estudo maior, ou participar de reuniões que permitem um contato com jovens que têm uma formação maior e é neste ponto que acontecem divergências. O pai nem sempre tem dinheiro para dar, ou então o filho, depois que vai uma vez, quer sempre estar participando de tudo quanto é reunião, quer fazer curso e assim vai indo. E os adultos, que têm outra formação, acham que ele está perdendo tempo.

Aldair: Será que isto não é uma necessidade de se tentar ganhar um pouquinho mais, prá poder sobreviver mais um pouquinho ou um pouquinho melhor? Me parece que a situação toda se relaciona com o não perder tempo, porque se nós pararmos vamos para o saco. Então, isto aí que se vê, não é porque o pai e o filho tenham um mau relacionamento. É que a situação exige.

...ante deixa
...lizer o
...sente
...o pai.
...também
...diz prá

(Tonelli - Ajuricaba)



Se o cara acertasse na família, talvez acertasse no Estado todo.

(Jaime Sperotto - Ajuricaba)

Ibanês: Então o primeiro caminho seria o Sindicato?

Jorge: Seria um esclarecimento até do que quer dizer a palavra Sindicato e discutir isto aí.

Paulo: Está certo de que tem que haver mais reuniões de jovens e Sindicato, para através disso começar a discutir os problemas e procurar saber mais, ter informação das coisas. Na sua opinião o jovem tem muito pouco direito e para ter mais direitos ele tem que ter mais participação...

Jorge: O jovem tem direito a tudo isto aí e ele foge disto.

Elcir: Tu achas que o jovem está fugindo ou ele não tem oportunidade?

Jorge: Eu acho que ele está fugindo, porque oportunidade ele tem. Se ele participasse mais junto com o pai do Sindicato, eles poderiam discutir e dialogar muito mais, até sobre os problemas dos outros e quem sabe até dar uma ajuda. E a reforma agrária, que todo mundo fala até no centro de São Paulo, o pessoal que nasceu e viveu por lá está pedindo reforma agrária e nós aqui vivendo na terra...

Elcir: E o que está faltando para o jovem, que ele não quer se sentir responsável?

Paulo: Falta aquela palavrinha conscientização. No momento em que existir conscientização geral, as coisas mudam.

Aldir: Um ponto importante que o

Jorge colocou é o esclarecimento, porque se não uma pessoa de maior informação, encarregado de abafar as coisas, sempre enrola com palavras que a gente não entende, fecha tudo e a gente aceita porque não está esclarecido para poder discutir. É a mesma coisa que o confisco. Ninguém sabia o que era, mas na hora que apertou todo mundo tratou de se esclarecer e foi aí que houve participação. Então, atualmente, tanto o jovem como o adulto não tem uma planificação para o futuro num Sindicato. Isso não existe em aberto. Apenas uma coisa que existiu, que foi o momento. No momento em que se resolveu o problema, há uma retração de novo. Nunca foi discutido

um problema de como vai ser daqui prá frente. Antes desta nova tabela do custeio da soja, nunca nenhum dirigente ou agricultor pensou nisto. Quando se viu que o Governo havia largado a nova tabela, todo mundo pensou: "é mais um problema, vamos ter que nos reunir e discutir". Depois que termina, aí a gente se acomoda de novo. Por isso, em primeiro lugar, tem que fazer mudar a estrutura agrária. Exigir alguma coisa, como se conseguiu com o confisco, que foi um sinal de que a união faz a força. Então por que esperar que as coisas aconteçam? Atualmente todas as coisas vem de cima para baixo. Os sindicatos só tem que se defender. Na minha opinião, a

melhor defesa é um bom ataque. Isso em tudo. Os sindicatos, até hoje, sempre tiveram que se defender das coisas. Se defende, mal se acomoda, e já tem que defender de outra.

Paulo: Nesta parte, os sindicatos estão muito sós. Só quem trabalha realmente é a diretoria. O que acontece é que todo mundo acha que o Sindicato só serve para dar ficha ou para consulta médica ou atendimento odontológico. Eles não sabem distinguir Sindicato de Funrural. O próprio associado está completamente desinformado e não sabe que o Sindicato é um órgão de reivindicação da classe e não de assistência médica. E muito menos sabem porque existe Sindicato.



Falta aquela palavrinha: conscientização

(Paulo Rigodanzo - Coronel Bicaco)



A melhor defesa é um bom ataque

(Aldir Schneider - Augusto Pestana)

A Cooperativa

José Fialho: Jorge, queria te fazer uma pergunta. Será que a Cooperativa e o Sindicato estão considerando o jovem?

Jorge Dalla Rosa: Bem, a gente está vivendo o Sindicato de Ijuí e ele acredita mesmo no jovem. Ele está acreditando firme. O Sindicato tem mais esperança no jovem que no adulto. Essa luta da Saúde e depois do confisco desenvolveu muito mais o jovem do que o próprio quadro social.

José Fialho: E a Cooperativa?

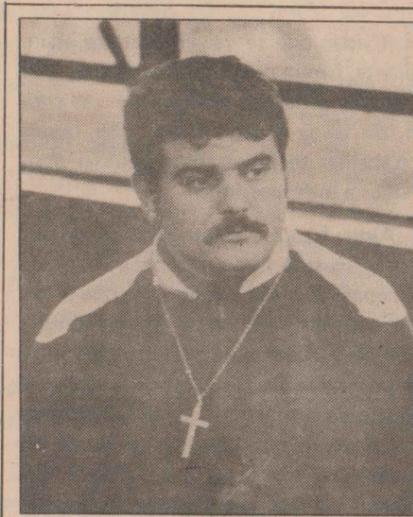
Jorge: Olha, a cooperativa acho que está em cima do muro. Não sei se acredita ou não acredita, porque a gente não conseguiu ter maiores contatos. Certas pessoas lá dentro dão todo apoio para o jovem e outros acham que não representam nada.

Aldir Schneider: Uma vez foi feito um relatório em que constava programa de saúde e jovens filhos de associados. Isto foi posto num relatório dos representantes. Foi uma meta da cooperativa resolver os problemas de saúde e inclusive se está chegando a um resultado, positivo ou negativo, mas está se tentando fazer alguma coisa. Só em relação aos jovens não se está fazendo nada. Já faz um ano que foi proposto mas até agora a Cooperativa não fez um plano mais intenso em cima do jovem. Tem estas reuniões para filhas, ensinando corte e costura. Mas para os filhos só existem reuniões, debates que são para um todo. Não sei se a cooperativa tem interesse de ver o filho do associado, porque mais tarde ele vai casar, ou muitos já estão casados, e não tem prá onde ir. Prá que não fazer um projeto de colonização, se existe tanta área no Brasil? Que seja um projeto que tenha estrutura, e dê amparo para aqueles que vão para essa colonização. Não deixar soltos pelo mato como o Governo fez ali com o pessoal de Nonoai...

Cotrijornal: Será que não seria exatamente por isto, por problema de estrutura, que a Cooperativa ainda não desenvolveu seu projeto de colonização, temendo deixar o pessoal assim solto?

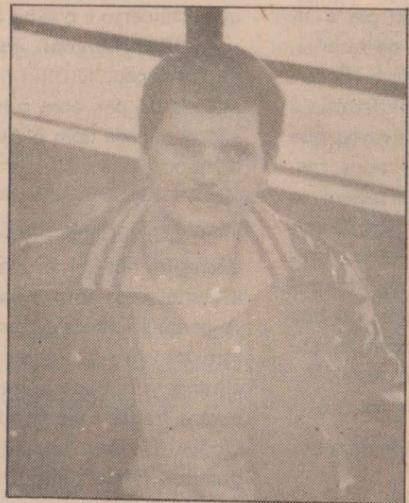
Aldir: Aí que está um ponto que deve ser esclarecido para os jovens.

José Fialho: Isso não é um trabalho



É preciso entrosamento entre Sindicato e Cooperativa

(Nilson Mello - Dom Pedrito)



Quem sabe devemos criar um setor jovem?

(José Mir Fialho - Dom Pedrito)

nosso? Nós, como filhos de associados, criar um setor jovem dentro da cooperativa?

Aldir: Esta idéia tem que ser levada adiante.

José Fialho: Nós, os jovens de Dom Pedrito, nos propomos a levar adiante.

Aldir: É um setor importante que a Cooperativa tem que fazer. Não só se preocupar com problemas de exportação de óleo e de farelo.

José Fialho: Vamos fazer um trabalho de base e chegar na Cooperativa.

Jorge: Vamos esmiuçar um pouco isso. E nesse trabalho de base, com quem vamos nos agarrar?

José Fialho: Nós mesmos...

Jorge: Na conscientização nós temos que conseguir alguma coisa que vá esclarecer o certo. E da onde vamos tirar isto? Através de quem? Como é que nós vamos chegar lá na Cooperativa? Chegamos lá e um burocrata nos dá uma ensaboada e já nos larga ali. Com quem é que nós vamos ter que se agarrar? Nós vamos ter que ter alguém, um líder, um chefe, alguém esclarecido, prá nos orientar e nos dar uma formação para que a gente possa fazer o trabalho.

Cotrijornal: E qual seria o objetivo deste setor jovem na Cooperativa?

José Fialho: Por enquanto seria no sentido de aproximar o jovem da Coopera-

tiva, porque amanhã ou depois somos nós que teremos de segurar a peteca. Nós vamos ser os cooperativistas de amanhã. O jovem já está sendo sensível para os problemas que os pais estão passando e ele não quer passar pelos mesmos problemas. Então vamos pegar esta experiência, vamos começar cedo. É melhor prevenir do que remediar. Vamos tentar fazer que o jovem desde cedo, se una e comece a trocar idéias. Nós temos que nos doutrinar. Temos muitos problemas e bastante diferentes. Lá nós temos terras, aqui falta terra. E depois a própria cooperativa começa a conscientizar o pai a trabalhar junto com o filho. Isso é um trabalho que a própria cooperativa pode fazer.

Jorge: No setor de Comunicação e Educação?

José Fialho: É lógico.

Jorge: Será que a Cooperativa daria maiores condições de clareza do que um Sindicato?

José Fialho: Eu acho que poderiam trabalhar juntos.

Nilson Mello: A Cooperativa daria o apoio econômico e o Sindicato o político.

Jorge: Vamos clarear um pouco as coisas. Se não existisse o Sindicato, se ele não tivesse atuado, será que teria caído o confisco? E a Cooperativa é uma potência

e o Sindicato não vale nada. Não tinha voz ativa em parte nenhuma.

Nilson: Sim, mas aí é que quero dizer: a Cooperativa é toda uma estrutura e o Sindicato um apoio político. Se houver um entrosamento com a Cooperativa e o Sindicato tranquilamente não haverá problema.

Jorge: Se existe um bom entrosamento sim. Mas será que ele pode existir dentro da estrutura montada que temos hoje? Se sente a pressão de todos os lados.

José Fialho: Sem a união, tu achas que o Sindicato conseguia sozinho?

Aldir: Quando veio estas taxas do confisco, a Cooperativa falou do quanto o agricultor ia perder, mas não manifestou em fazer alguma coisa. O Sindicato é que foi buscar na base, no associado, o que fazer. Nós temos que reconhecer que o atual sistema político que existe não ia permitir que a Cooperativa se envolvesse demais. E a Cotrijuí, então, entrou na rabeira com o apoio e o que deu foi o problema que todo mundo conhece: o manifesto do Delfim contra o presidente da Cotrijuí. Se nota também que nos jornais saiu a idéia de que o movimento partiu das cooperativas e não dos sindicatos. Difícilmente alguém se referia em maiores detalhes aos Sindicatos. O Cotrijornal, é claro, falou. Mas imagina se este também não falasse...

A Igreja

Nilson Mello: Existe educação religiosa no meio rural?

Neusa: Existe. A educação religiosa começa pela perseverança.

Jorge: Tem a catequese, mas tem os limites.

Nilson: O jovem atua junto à Igreja? Há grupos de jovens?

Jaime: Lá na minha localidade tem encontro de casais. Três vezes por ano é certo que acontecem os encontros. O assunto é a família. Mas os jovens também vão a estes encontros de casais.

Cotrijornal: Muitos grupos de jovens que existem na região, foram formados a partir da Igreja. E o que vocês acham da Igreja? Ela está mudando?

Dani: A própria pessoa forma a Igreja. O nosso grupo pode formar uma Igreja. A Igreja andou uns tempos meio apagada, agora de uns dois ou três anos para cá deu

prá se notar que ela está mais unida. Antes ela ia só se defendendo, e agora não, está tendo ataque.

Cotrijornal: Ataque em que sentido?

Dani: Por exemplo a reforma agrária.

É uma coisa que a gente debate dentro do nosso grupo, que tanto pode ser no encontro de casais ou lideranças de jovens. Se debate porque existem pessoas fugindo do Rio Grande, se mandando para o Paraná, Mato Grosso, Amazonas... o que seria o caso de uma reforma agrária, que desse chance a quem não tem nada. Tudo isso é debatido. Dentro de um programa religioso a gente cita estes problemas, de tantas míserias, dos marginalizados... Por isso digo que a Igreja atua no meio rural.

Jorge: Sendo Igreja o jovem está participando de tudo. Só que quando a gente chega no problema sentido aí então se fecham as portas. Agora, com certas coisas

acontecidas em Ijuí, no pátio da matriz — a assembléia da saúde, da previdência — então eles até que não tinham visto o povo ali gritando, não acreditaram e sentiram medo. Mas nós vamos fazer, com ou sem o apoio deles, nós vamos fazer. Até parece que está abrindo uma janela, principalmente depois deste pronunciamento do Papa no Brasil. Acho que ele também botou as obrigadas.

José Fialho: Tu achas que a Igreja está se omitindo dos problemas sociais do Brasil?

Aldir: Primeiro a gente tem que saber o que é a Igreja. A gente tem que perceber que ela não é aquele prédio, não é só o padre. Não é uma coisa isolada. Igreja é cada um de nós que tem fé e é cristão. Tem um Deus...

Jorge: ... é ser responsável e atuante

Aldir: Existem duas correntes dentro da Igreja: a progressista e a conservadora. A progressista é a que vive o problema e a conservadora é a que se omite, que é política. E as duas correntes existem em tudo

quanto é paróquia. Agora, se é consciente ou inconsciente... só sei que aquilo que o padre diz é que é verdade, é o certo.

Cotrijornal: E isto existe bastante?

Aldir: Bastante. Pelo fato de que se não existisse, não existia também a conservadora. Num lugar onde o padre é conservador, a comunidade também é conservadora.

José Fialho: O papa estaria na corrente progressista?

Aldir: Exatamente. É uma linha a seguir de um exemplo progressista.

José Fialho: Então a tendência da Igreja, agora, seria se envolver mais com os problemas sociais?

Aldir: E já é em tempo

José Fialho: Vocês acham isto bom?

Aldir: Excelente!

Jorge: Mas é a função...

Aldir: A Igreja é o único lugar em que o povo confia e se reúne mais. É o único lugar em que o povo se aglomera, se conscientiza e tenta se colocar nos seus devidos lugares.

Falta oportunidade ou vontade de participar?

Cotrijornal: Uma coisa levantada foi a participação do jovem na comunidade, na vida da família. . . Como que é isso?

Neusa Martini: No começo o jovem andava mal informado. Quando se fazia reuniões, principalmente antes da assembléia do confisco, o jovem ficava em casa. Depois, com as conversas em casa, com o pai contando da assembléia, ele também começou a se incentivar e a participar, tanto na vida comunitária como na do Sindicato.

Ibanês Fontaniva: Em Portela nós começamos a organizar encontros entre comunidades próximas, com a participação do pessoal do Sindicato. Ali a gente discutia problemas da juventude, do Sindicato e mais especificamente problemas brasileiros, da vida atual. E o que se notou nesses encontros foi de que o jovem não sente aquela vontade de progredir. Há também o problema da conscientização. O jovem também precisa se sentir responsável, e não esperar que os outros façam as coisas por ele.

Aldir: Em Augusto Pestana é bem diferente. A oportunidade existe. Existiu um grupo da Igreja antes do Sindicato tentar conscientizar o jovem. Agora, uma coisa ficou certa: grupos isolados não deu certo. Nesse grupo de Igreja não existia uma discussão mais profunda sobre os problemas sociais, então o Sindicato começou a introduzir assuntos gerais, mais profundos, do dia-a-dia. E o Sindicato conseguiu até aumentar a participação desses jovens. É claro que em certa época houve uma certa pressão, para que se retirasse assuntos deste tipo ou esse tipo de debate. Isso porque o jovem começou a alcançar uma participação bem significativa.

A ferida é o problema social

Cotrijornal: Mas com interesse de quem?

Aldir: Não se sabe. Eram assuntos que não dava prá se falar em grupos de igreja. Mas o que adianta dizer que tem que ter fé, rezar. . . para ter a vida eterna, e passar fome? Já viu alguém que reza e não tem o que comer dizer que está tudo bem? Então foi por isso que aconteceram estes tipos de

pressão. Até no último encontro, que ia ser muito grande e até já estava tudo programado, quando chegou na última hora foi suspenso. Então o nosso trabalho em grupo, que estava sendo bem feito, foi interrompido por pessoas que não queriam perder a liderança, não sei se municipal ou social. O grupo foi meio que abafado.

Jorge: Complementando o que o Aldir disse, nesse grupo a participação dos jovens estava grande. Então se chegou a um ponto que virou uma chapa e se viu a ferida. O jovem tinha interesse de ver o que tinha nessa ferida.

Cotrijornal: Mas qual é a ferida?

Jorge: O problema social. Se falou em problema social, o pessoal abafou.

Dani: Eu acredito que muitas vezes o jovem não tenha mesmo oportunidade, porque na minha região (Vila Jóia), estamos sentindo o mesmo problema. Muitas vezes um pai não deixa um filho participar de encontro de comunidade porque é época de capina, porque tem que passar máquina na lavoura. . . Então o jovem não tem oportunidade de participar mais ativamente.

Neiva de Oliveira: Realmente os pais acham que a gente não precisa ir nas reuniões de juventude. Certa vez, quando eu ia participar de uma reunião, meu pai me perguntou o que eu queria com reunião de juventude? Agora, para participar aqui, como era da Cooperativa, ele me deu um grande apoio.

Paulo: Acho que são as três coisas juntas: falta de oportunidade, os pais não querem deixar os filhos participar e os próprios jovens não querem participar.

Aldir: Mas não se pode considerar num todo isso aí, porque como nós mesmos estamos percebendo, as coisas estão melhorando. Acho que para cada região o caso é diferente. Cada região tem uma característica.

Cotrijornal: Esta região de Ijuí, Augusto Pestana. . . tem uma estrutura fundiária bem semelhante. Já Dom Pedrito é um lugar diferente inclusive em relação a estrutura familiar. Então, como são as coisas em Dom Pedrito?

José Fialho: O nosso pessoal lá é bastante radical.

Vilca Aguiar: Eu sou do distrito de Ponche Verde, e lá a gente participa, junto com os adultos, das reuniões. Isto acontece como nas reuniões da Comissão de Saúde do Ponche Verde, que se fez o programa de Saúde Comunitária e agora tem lá um ambulatório para atender os moradores. E ali a gente participou das reuniões e continua

participando da Comissão.

Jorge: Vocês fazem debates junto com os pais, alunos, ou em separado, só os jovens?

Vilca: Não. São adultos com jovens. Os debates são em conjunto e os jovens são bem aceitos.

Aldir: O jovem discute trigo e outras coisas ou ainda não discutiram?

Vilca: Ainda não, porque o pessoal primeiro tem que acostumar com as reuniões, não é?

Aldir: Aqui na nossa região o jovem discute hoje tudo que é problema que está aí, que veio há pouco. Antes se colhia soja e estava tudo bem. Economicamente as coisas até que iam mais ou menos, até que numa altura, começou a descer, e aí agora o jovem está começando a sentir o problema dos preços mínimos. . .

Cotrijornal: E por que antes não se discutia estes problemas?

Aldir: Porque antes a gente não sentia na pele, não via onde que queria chegar a situação. O problema do trigo e soja foi introduzido em questão de um ou dois anos. Esse problema de monocultura. O Governo estudou e sentiu que era a oportunidade de abafar um movimento que fortalecia o Sindicato, que era a questão da Reforma Agrária. Quando os sindicatos estavam fortes, então as multinacionais mostraram que se as indústrias produzissem máquinas e mecanizassem as lavouras, envolvendo todo o pessoal com bancos e indústrias, eles iam acabar esquecendo o problema da Reforma Agrária. Assim iam conseguir produzir, nessas áreas pequenas, o suficiente para calarem a boca. E foi o que aconteceu. Não existe nenhuma indústria nacional de tratores, tudo veio de fora. Não sou contra a mecanização, só acho que deveria estar dentro de uma ordem razoável. Foi dado um incentivo tão grande que se esqueceu do resto.

Paulo: Eles perceberam que tudo isso, parecia que resolveria o problema do agricultor. Eles só viram que era um buraco nos dois anos que não deu soja. O objetivo era incentivar as multinacionais que produziam o maquinário e tocavam no agricultor e pegar a matéria prima. . .

Aldir: O plano estava perfeito.

Paulo: Os únicos beneficiados seriam eles. E virou tudo em monocultura.

Jorge: Vou citar um exemplo que aconteceu em Ijuí, no Sindicato. No começo, quando foi pedido a participação da juventude, apareceu um que outro, até que começou a aparecer mais gente. Naquela

época nós tínhamos que fazer uma dramatização, um teatro, sobre um fato que aconteceu no hospital. Com grande sacrifício nós escrevemos o texto e em sete homens apresentamos a dramatização numa reunião. A gente sentiu a emoção dos pais vendo os filhos deles apresentando a dramatização. Lá na assembléia da previdência, onde também apresentamos, muitos pais e mães choraram de emoção. A partir daí os filhos tem toda a liberdade. Se acontece uma reunião no Sindicato, o filho vai lá porque é bom. Eles sabem que o trabalho em conjunto vai prá frente. Só assim eles acreditam no filho. Acho que participando junto de reuniões do Sindicato, de Igreja, da Cooperativa, esse filho tem que dar sua opinião, porque aí, o próprio pai vai dar valor pró seu filho.

Não adianta só bater contra o pai

José Luiz Amaral: Mas eu pergunto: que porcentagem de pai dá nesse ambiente? Acho que não dá 20 por cento.

Aldir: Tem um detalhe: é uma falha do jovem que sai uma vez e depois não conversa com o pai. Se ele teve uma oportunidade e foi numa reunião, na volta ele tem que sentar com o pai para contar o que foi tratado. Senão, dificilmente esse pai vai deixar o filho ir em outra reunião, porque ele não viu resultado nenhum. É natural que ele pense nisso. E não pode ser em duas palavras: "ah, foi tratado isso". Que motivo maior o pai vai ter para uma próxima vez dar força pró filho? No momento em que existem dois ou três amigos, vamos tentar mostrar que de uma forma ou outra o pai da gente tem que dar uma explicação do que foi tratado numa reunião.

José Fialho: Acreditar naquilo que foi dito. . .

Aldir: Aí então o pai se sente mais animado. Agora, se ele vê o filho seco é evidente que nem ele se sente bem em contar as coisas pró filho. Eu acredito que todo pai se sente constrangido quando vê o filho fechado. Agora, se um pai vê um filho voltar alegre de uma reunião, eu duvido muito que outro dia ele não deixe ir outra vez. Ele até fica orgulhoso de ver o filho participar.

Ibanês: Exatamente. Acho que o jovem tem que conquistar o pai. E não só bater contra o pai. Ele tem que pensar na vida passada do pai, que muitas vezes não foi como está sendo a nossa. Ele teve problemas e a gente não deve impor coisas.

Nilson Mello: Mesmo que ele diga: "olha, meu filho, isso não é válido". Nós temos que entender que os nossos pais já têm uma mentalidade formada e para mudar essa mentalidade é muito difícil. Somente através do diálogo, do interesse pelo nosso pai.

Ibanês: Só como exemplo: a própria mudança da Igreja muitos pais não aceitaram. Até hoje têm muitos que não aceitaram. É uma evolução que para os jovens seria muito mais fácil.



O pessoal primeiro tem que se acostumar com reuniões

(Vilca Aguiar - Dom Pedrito)



O jovem andava mal informado, sem incentivo

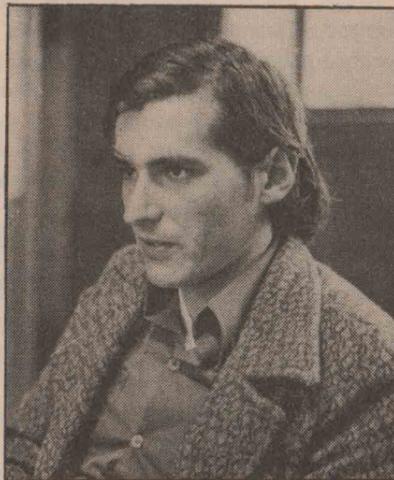
(Neusa Martini - Ijuí)

Lugar de mulher é na cozinha?



Tem aquela mentalidade de que falar de sexo é coisa feia

(Neiva de Oliveira - Vila Jóia)



Por que os casais não falam juntos os problemas dos filhos?

(Ibanês Fontaniva - Tenente Portela)

Jorge: Não sei se vocês se aperceberam, mas nós estamos aqui falando da Cooperativa, do Sindicato, de problemas e de Governo, e as meninas estão quietas. Isso aí nós temos que dar oportunidade. Tem muitas mulheres e moças que estão trabalhando em cima de tratores, de caminhão. Acho que ela está fazendo a mesma coisa que o homem e quando se fala em Sindicato e Cooperativa, tem que dar oportunidade para as mulheres também. . .

José Fialho: Lá em Dom Pedrito aconteceu uma reunião só para mulheres e me parece que compareceram cerca de 180. Elas reivindicaram e conseguiram baixar até o preço do arroz no mercado. Eu também sou a favor de que a mulher participe. . .

Cotrijornal: E como participar?

José Fialho: A mulher está em segundo plano, porque ela está se colocando em segundo plano.

Cotrijornal: Por que as mulheres não falam, não participam?

Neiva Oliveira: Acho que um pouco é desinteresse.

Aldir: Formação. O homem tem uma formação diferente. Desde antigamente sempre se viu o machismo e a mulher sem direito a nada. Está certo que isto vem caindo, mas muito pouco. Nas cidades já está se notando diferenças, mas no interior a formação ainda é meio antiquada, a mulher se habituou aquela retração, ficou acomodada. Sempre foi assim e a mulher concorda que o lugar dela é na cozinha. O homem, como tem maior oportunidade, se aproveita e faz a sua vida da maneira que melhor quer. E a mulher tem que se sujeitar, conforme ela também ache que deveria ser e não ela mesmo tentar promover movimentos de libertação da mulher. Em cidades grandes consegue, que é diferente. Mas por que não fazer no interior, ficar par a par com o homem, poder discutir? Por que mulher não pode contar piada mais forte? E por que a mulher não pode escutar con-

versa de homem? É cômico, que às vezes tem homens conversando e de repente chegam as mulheres e eles tratam logo de dispersar ou mandar embora. . .

Cotrijornal: Mas quem disse que é conversa de homem?

Aldir: As mulheres e os homens.

Ibanês: E o que é que as mulheres conversam quando se reúnem em grupinhos? Qual é o assunto mais detalhado?

Neiva Oliveira: Se fala muita coisa, como até sexo. Isto vai muito da formação. Tem aquela mentalidade de que falar sobre sexo é muito feio. Muitas vezes o pai ou a mãe tem vergonha de falar sobre isso com os filhos. Ou então a gente ouve os outros falarem ou comentar de que quem fala de sexo é porque tem experiência. Então, o melhor, é debater o problema. Sei lá se é a medida certa. . .

Ibanês: E por que será que as conversas das mulheres são sempre diferentes das dos homens? Um grupo de mulheres está

sempre falando dos filhos ou então fazendo fofoca da vizinha. Não é uma realidade? E o que o homem fala? Ele está sempre tratando de negócios, ou falando de futebol, de política. . .

Neiva: E tu achas que os homens, em grupos ou com vizinhos, não ficam falando de outras coisas também?

Ibanês: E por que será que os casais não falam juntos os problemas de filhos? Por que será que existe esta separação? A mulher prefere ficar na cozinha conversando com outra mulher e os homens noutro lugar?

Dani: É o próprio homem que não dá oportunidade prá mulher, porque ele é muito metido a machão.

Elcir: Ninguém aceita as idéias das mulheres e não deveria ser assim.

Ibanês: O que vale é a psicologia de cada um.

Vilc Aguiar: Os homens ficam ficando machões porque acham que a mulher é inferior a eles.

Nilson Mello: Há muitos casos em que a mulher se omite. A mulher sempre se omite por uma questão de comodismo.

José Fialho: Não gostava nem de sair na rua com o marido. Achava melhor ficar em casa. E foi assim através dos tempos. Hoje houve uma transformação, mas a mulher continua se omitindo, continua restrita ao seu trabalho de casa.

José Luiz Amaral: Principalmente nos interiores, que elas estão mais afastadas dos centros grandes. Elas saem menos. Por exemplo, numa mesa redonda como essa, se convida uma filha de um agricultor ele é capaz de dizer que não manda.

Nilson: Então quer dizer que falta uma conscientização para os pais.

Aldir: Prá começar.

Como se informar?

Cotrijornal: Como é que o jovem que mora no interior fica sabendo das coisas que acontecem no mundo? Como ele se informa?

Jaime Sperotto: A televisão está sempre dando notícias, todo o dia. Senão tem o rádio, ou então no domingo, quando sai, conversa com outras pessoas.

Dani: Tem o jornal que a gente pega na Cooperativa. . . A gente está por dentro da informação.

Aldir Schneider: Na televisão a gente pega muita coisa interessante, mas tem a TV Globo, do Roberto Marinho, que é. . .

José Fialho: . . . muito mais do que uma empresa estatal.

Aldir: Muito mais. Então é através dos jornais.

Cotrijornal: E dá para acreditar no que dizem os jornais e a TV?

Aldir: Bem, aí é questão de analisar todos os fatos. Se o jornal é do jornalista que fez a reportagem, ele pode dizer. E quantos tentam dizer alguma coisa e depois outros publicam desmentidos? Será que dá para acreditar também nesse jornal

que desmentiu?

Jaime: Assim acontece com um cara que chama o outro de ladrão. Se não é verdade ele é obrigado a se retratar no rádio e também no jornal.

Aldir: É difícil a gente saber se é verdade ou não. Inclusive, quantos vão ler esse debate no jornal e quantos vão acreditar que realmente foi um debate livre? Muitos vão dizer que fomos programados para dizer isso. Muitos vão dizer: "disseram o que queriam". Outros vão dizer que a gente estava mentindo e que veio só prá dizer alguma coisa bonita. Mas não é bem assim. Nunca se chega a uma conclusão se é verdade ou não.

Neusa Martini: Ah, isto é verdade. Aconteceu numa assembléia em que nós falamos no programa de rádio e disseram que nós estávamos lendo quando se falava. E era igual aqui hoje. A gente ia falando como aqui. Mas disseram que nos deram um papel e que nós só lemos.

Aldir: Por exemplo, essa questão de combustível. Foi feita uma

confrontação de dados. O Japão importa 98 por cento da energia e a inflação está no redor de 8 por cento. Tem só dois por cento de energia própria e no Brasil o Governo diz que a causa da inflação é a energia. Me parece que o Brasil importa 50 por cento da energia, e a outra metade ele produz. Então, se a causa principal da inflação é a energia, por que o Japão que importa 98 por cento tem só 8 por cento de inflação e no Brasil ela é de mais de 100 por cento? E agora? A gente confia no que o Governo diz ou no que os jornais dizem?

Neusa Martini: Lá em casa não tem televisão e depois da janta, enquanto o pai e a mãe jogam um pife ou fazem qualquer outro trabalho, eu e minha irmã fazemos crochê e conversamos de tudo. Não tem do que a gente não converse. Ali por volta, todo mundo assiste televisão à noite e foi isso o que matou o diálogo entre as famílias. A televisão roubou esse lugar das famílias. Passam o dia todo na roça trabalhando e quando chegam em casa ligam a

televisão e todo mundo fica quieto. O problema da televisão foi até assunto para uma reunião que nós realizamos lá. Ao meio dia não dá tempo prá conversar, porque cada um faz um serviço. O único tempo para se ter uma conversa franca, entre o pai e a mãe, é de noite.

Dani: Isso é verdade. A televisão rouba o tempo para o diálogo e, além disso, ainda provoca discussões entre a família, porque um às vezes quer assistir e outro não.



COTRIEXPORT - CORRETORA DE SEGUROS LTDA. MAIS UM ELO DE UNIÃO PARA FAZER SEGURO EXIJA O MELHOR

A Cotrijuí através de sua Corretora de Seguro presta todas as informações e assistência nas diversas modalidades de seguro.

Em Ijuí - Sede da Cotrijuí - fone 332-2400 - ramal 364
Em P. Alegre - Av. Júlio de Castilhos, 342 - fone 33-50-32

E o futuro?

Cotrijornal: Qual é a grande preocupação do jovem rural? Olhando para frente, com o que vocês se preocupam?

Nanci Gonzatto: É o futuro. É termos um futuro assegurado.

Cotrijornal: E como se está vendo o futuro? É uma coisa escura?

Nanci: A gente se preocupa em segurar a barra.

José Fialho: A preocupação maior do brasileiro é fazer com que as coisas nossas sejam nossas.

Jaime: Ter uma vida própria, um lugar que possa viver bem.

Cotrijornal: E o que é viver bem?

Jaime: Ter um lugar para viver.

Vilmar: Ter uma casa, que não precisa ser bonita, mas que dê condições para morar.

José Fialho: Acho que está na hora de dizer um NÃO para as multinacionais. Um NÃO consciente. Começar um trabalho devagar, aos pouquinhos.

Nilson Mello: Seria também a escola, mas uma escola com mão-de-obra especializada, onde tivesse uma aula mais diretamente ligada ao meio rural. Isto seria muito válido. O homem está deixando o campo, mas ele deixa muitas vezes obrigado. E no campo a escola vai até a sexta série ou sétima série. Então o pai, se tem um pedacinho de campo, tem que vender e ir prá cidade. Ele é obrigado a deixar o campo para que o filho possa estudar. A escola teria que dar um ensino mais dispersado, para que a criança também vá aprendendo a trabalhar no meio rural. Saber o que ele poderia plantar ou fazer com um hectare de campo.

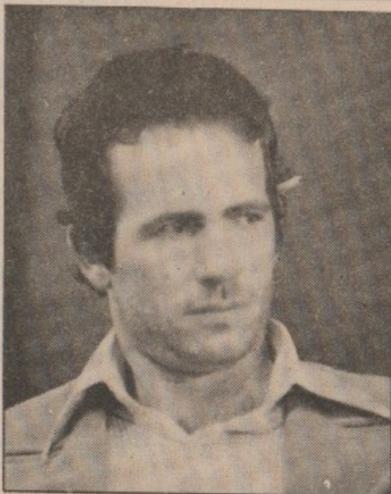
Aldir: Tem muitos métodos de ensino que não adiantam. Tem livros que só falam nas coisas da cidade, televisão, cinema, assalto, carro... a criança vive isso aí na escola. O que depois ela tiver um pouquinho de capacidade de assimilar as coisas, voltar para a situação das coisas no interior, a situação como vive, como é que ela vai se sentir? Vendo a sua dedicação aos estudos e depois se dar conta que não existe aquela aproximação da educação com o meio em que vive?

Elcir: Existe uma falsificação do próprio ensino. Eu me lembro que quando estudavam o professor perguntava pro aluno: "o que você quer ser na vida?". Então desde aquele momento a gente já escolhia para ser agricultor. A gente já começava a pensar no futuro, no ideal e já começava a se preocupar com aquilo. Hoje em dia o professor não pergunta mais o que o aluno quer ser amanhã.

Aldir: Os professores que perguntam, são professores que têm idade. No método de ensino que está tendo, ele pergunta a uma criança que está na sexta série e ela responde: ser médico, arquiteto, advogado... É muito interessante uma criança ter uma vontade, mas imagina se o pai não tem condições de dar esse estudo? E aquela criança, depois de formado o sonho, vai trabalhar em lojas ou na agricultura, mas será que ela vai esquecer esse plano? Enquanto ela sonha, imagina construir a vida dela para o futuro. Pelo menos comigo aconteceu e quando a gente chega lá... tem que ter muita força de vontade para passar por cima disso, se não se torna jovem revoltado, fica marginal...

Os jovens estão por aí rolando...

(Dani Della Flora - Vila Jóia)



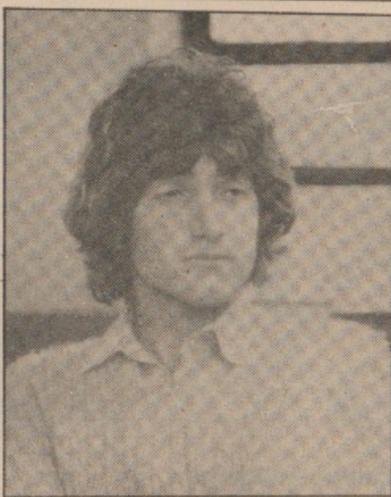
A gente se preocupa em segurar a barra

(Nanci Gonzatto - Santo Augusto)



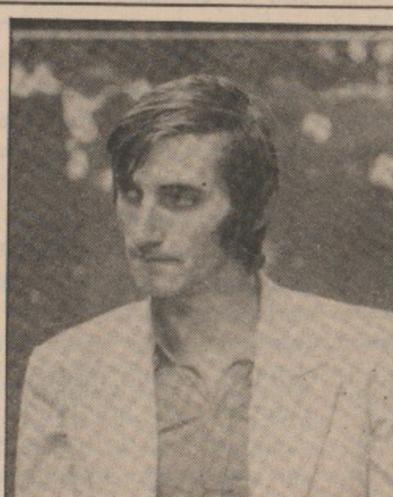
Se pensa em ter uma casa, que nem precisa ser bonita

(Vilmar Gonzatto - Santo Augusto)



A gente desde criança escolhia ser agricultor

(Elcir Bergoni - Tenente Portela)



Nilson: Se existisse uma escola profissional na campanha, aquela criança já não desenvolveria para ir para a cidade. Depois que sai do meio rural, ela vai sentir que não pode mais voltar.

Aldir: E prá chegar na universidade? Até a sexta série gasta pouco que é estadual, então se consegue. Segundo grau vai prá cidade, arranja um empreguinho e consegue pagar. Agora, prá ir prá faculdade, para ser doutor, tem que fazer vestibular e tem que ter grana para entrar. E ninguém mais entra na faculdade sem fazer cursinho, que o segundo grau não permite ninguém passar no vestibular sem fazer cursinho. E por que isso? Porque tem interesse por trás. Com isto dá prá perceber que um pequeno, mesmo que vá para a cidade, não pode conseguir. Os pais que não têm poder econômico mais ou menos forte, não podem dar isso para os filhos.

Neiva: Vocês acham que o jovem não deve abandonar o meio rural para ir estudar?

José Fialho: Não é abandonar a sua área para ir estudar. O que acontece é que muitos pequenos produtores estão vendendo a sua terra e indo embora para a cidade para dar estudo aos filhos, porque só tem a sexta série no meio rural. Onde existisse um ensino especializado, não haveria necessidade dele sair.

Jorge: Nós temos uma educação que diz que quem sabe as coisas são as pessoas de estudo. Qualquer cara que chega no interior falando bonito e meio viajado é o dono da verdade. Nós temos que fazer as pessoas acreditar em si mesmas.

José Fialho: O que seria da teoria se não houvesse a prática? Um médico recém-formado não se compara a um médico formado há anos. Nós temos a prática e não

vai ser a teoria que vai nos desanimar.

Jaime: Nem sempre o estudo faz o cara. Ele sabe tanto quanto o outro. Então, qualquer reunião que sai pelo interior, as pessoas com menos estudos passam tudo para os que aparecem por lá organizando, porque eles têm receio de que não sabem nada.

Nilson Mello: O nosso trabalho poderia começar com uma integração jovem/cooperativa. Com uma conscientização do jovem para melhor aproveitamento da terra dele.

Jorge: Quanto a aproveitar a terra, aqui a gente aproveita até mais do que a terra. Aqui não tem mais do que aproveitar. O êxodo rural é completo.

Elcir: O pessoal trabalha em toda terra, mas não trabalha ela como deveria ser trabalhada. Ocupa toda esta área, mas não como deveria ser.

José Fialho: É o que falei: falta um curso de especialização.

Jorge: E nós vamos chegar onde com a técnica que temos hoje? Quando nós vamos fazer uma proposta de trigo, assinamos um negócio planejado, obrigado. Se eu não quero plantar com adubo, não tenho financiamento. Eu tenho comércio para a soja, trigo, milho. Aquilo que me vai render dinheiro na diversificação, verdura, cebola... ou levo de volta prá casa ou deixo apodrecer no lugar de venda. E é aquilo que dá dinheiro, como é que fica?

Elcir: Eu discordo. O que eu tenho feito é plantar na prática e não depender do Banco, de empréstimos. Na prática, o agricultor faz um trabalho planejado com aquilo que ele produz. Somente para a planta de trigo é que peço adubo para a Cooperativa. Nem pró-soja. E muita gente está seguindo este exemplo. Se ocupa tudo

o que sobra como adubo. Só a partir disso é que nós vamos vencendo empréstimos e juros.

Cotrijornal: Numa mesa-redonda que fizemos também com os jovens no ano passado, eles diziam bem claramente que tinham medo do futuro. Vocês já falaram um pouco do futuro. E é coisa de se ter medo?

Aldir: Ainda persiste aquela perspectiva de um dia casar, ter uma vida digna...

José Fialho: Eu trocaria a expressão "medo" por "receio". Se o jovem tiver força e união, ele não vai ter medo do futuro que está a sua frente. Com a força ele vencerá.

Jaime Sperotto: Mas ele já tá muito cansado...

Dani: Do jeito que ele está rolando...
José Fialho: Então está na hora de ele atuar.

Nilson Mello: O próprio jovem está se omitindo.

Jaime: Tem que ver que o jovem está recém começando e muitos não têm experiência grande, não sabe como atuar. Está muito certo dizer que está na hora do jovem começar. Mas ele fica meio perdido...

Vilmar Gonzatto: No caso, ele poderia ter uma melhor orientação. Numa reunião de jovens, deveria ser discutido esse tipo de problema, a maneira como o jovem poderia solucionar os problemas.

Elcir: A partir dos ensinamentos dos problemas que existem, numa formação de jovem, ele vai tendo uma visão dos problemas e, com isso, aos poucos vai poder entrar no caminho. Depois que ele pegou o caminho os problemas poderão paralisar ou então diminuir. A partir da formação, dos ensinamentos que recebe, vai também poder enfrentar as dificuldades.

A PRIORIDADE É OCUPAR NOVAS ÁREAS

P: Vendo do ângulo governamental, qual é a situação da agropecuária sul-mato-grossense?

R: A situação é boa e, mais do que isso, tem excepcionais perspectivas para se tornar melhor a cada ano. O desempenho do ano agrícola que ora se finda (79/80) foi muito bom. Em termos de área plantada, o Estado se expandiu em torno de 17 por cento, muito acima da expansão nacional que se situou apenas em 6 por cento. Para o próximo ano agrícola, apesar de não existir a possibilidade de que voltemos a repetir o mesmo nível de crescimento, acreditamos que a atividade, no global, deverá situar-se em números muito mais expressivos do que a média nacional. E isso é muito natural, porque o Mato Grosso do Sul, estrategicamente, está bem situado e oferece uma quantidade muito grande de terras para serem incorporadas ao processo de produção.

P: Considerando que o Estado vinha quase dobrando a sua produção agrícola, que efeitos terão sobre a economia estadual as novas normas de crédito?

R: O que ocorreu aqui, no ano passado, foi um crescimento de quase 100 por cento na produção de soja. Nós havíamos produzido na safra de 79 perto de 800 mil toneladas e nesta safra de 80 colhemos em torno de 1 milhão e 400 mil toneladas. Mas a verdade é que o grande crescimento da área plantada em soja representou um decréscimo acentuado na área plantada em arroz. Quanto aos possíveis efeitos de novas normas de crédito, acho que a gente teria que entender essas novas normas, porque o crédito rural não sofreu mudanças significativas na sua linha mestra. O que acontece é que houve neste ano de 80 um prolongamento da escassez de recursos que já se manifestava com clareza no ano de 79. Sem dúvida que este fato inibe, em parte, o processo de ocupação dos vazios econômicos do Mato Grosso do Sul, como de resto também inibe em outros estados que possuem as mesmas peculiaridades, como Goiás e o próprio Mato Grosso. Todavia, eu acho que

não é razão fundamental para que o Mato Grosso do Sul pare de crescer. O que nos preocupa hoje, muito mais que a escassez de recursos, é que o agricultor — que até algum tempo atrás se mostrava bastante otimista em sua atividade — tem, como consequência de uma série de fatos, se mostrado, a entrada deste novo ano agrícola, menos otimista. Mas nós estamos empenhados num trabalho de aproximação com esses agricultores e vamos fazer agora, no mês de agosto, uma peregrinação por todo Estado, mantendo contato com as bases produtoras e procurando, na medida do possível, reverter esse estado de ânimo dos agricultores, para voltarmos ao otimismo de outros tempos.

P: O que ficou decidido na sua reunião com líderes do setor sobre: 1º — a verba adicional de Cr\$ 5 bilhões para serem distribuídos em crédito rural; 2º — a questão da comprovação da produtividade; 3º — sobre a exigência da nota fiscal pelo Banco do Brasil?

R: A reunião teve como objetivo principal uma somatória de esforços da Secretaria, do Banco do Brasil e dos presidentes dos Sindicatos Rurais — comandados pela Federação da Agricultura — no sentido de que seja desfechada uma ação conjunta para que não ocorra crescimento da área plantada aquém das reais possibilidades do Estado. Evidente que esta reunião foi motivada por recente aprovação de recursos adicionais de crédito rural, pelo Conselho Monetário Nacional. Este novo crédito, de Cr\$ 5 bilhões, destina-se especificamente à expansão da fronteira agrícola. É, portanto, um programa de acordo com a potencialidade do Mato Grosso do Sul. Importante notar-se que este programa deverá ser bastante vantajoso, em termos de condições de pagamento, com prazo bastante dilatado. Existindo carência para início de pagamento, isto representa a alternativa reclamada pelos nossos agricultores para expansão da área de plantio.

A distribuição destes recursos ainda não ficou definida a nível federal. A nossa sugestão ao Ministé-

A agricultura cresceu 17 por cento no Mato Grosso do Sul ano passado, contra os 6 por cento registrados na média brasileira. E é pela incorporação de novas áreas de terras ao processo produtivo que o secretário do Desenvolvimento Econômico do Mato Grosso do Sul, Saulo Garcia Queiroz, enxerga o trabalho prioritário a ser desenvolvido no Estado. Ele não esquece, porém, a importância de industrialização no próprio Estado das riquezas agrícolas produzidas no Estado. Nesta entrevista concedida a repórter Lorena Fischer o secretário afirma: "se a agricultura é a alternativa para o Brasil, o Mato Grosso do Sul é também a grande alternativa".



No contato com os agricultores, o Secretário procura reativar o otimismo

rio da Agricultura e ao Banco do Brasil, para o qual deverão ser destinados 50 por cento do montante dos recursos, é que esses recursos não fossem pulverizados, porque isso deveria representar risco de um aproveitamento não adequado. Sugerimos a essas instituições que os recursos ficassem centralizados em Brasília, sendo sacados pelos Estados na medida em que forem solicitados, em propostas concretas, pelas superintendências do Banco do Brasil.

Esse programa de incorporação de novas áreas poderá passar de Cr\$ 5 bilhões para Cr\$ 10 bilhões, desde que exista demanda. O programa deverá se repetir em 1981 e, dependendo dos resultados, poderá prolongar-se até 1984. Se obedecido o critério de distribuição a nível nacional dos recursos para expansão da fronteira agrícola, sem dúvida que um Estado como o nosso, que dispõe, somente para agricultura, de mais de 8 milhões de hectares, tem condições de pleitear parcela ponderável.

P: E a comprovação da produtividade?

R: Durante a reunião, o superintendente do Banco do Brasil esclareceu com pormenores aos presidentes dos sindicatos rurais a questão da comprovação da produtividade. Não se fará exclusivamente pela nota fiscal, mas também com os recibos de depósitos do produto, em armazéns gerais ou cooperativas. Segundo levantamento feito pela Secretaria, a exigência de 25 sacos

por hectare não representa nada descabido, porque a produtividade média obtida, no Mato Grosso do Sul, neste ano agrícola, foi de 28 sacos por hectare.

P: Em recente pronunciamento o governador do Estado disse que enquanto o Rio Grande do Sul, São Paulo e Paraná teriam suas terras agricultáveis praticamente ocupadas, o Mato Grosso do Sul dispõe de 20 milhões de hectares a agricultar. Isto coloca o Estado em programas especiais? Existe algum plano neste sentido?

R: Segundo dados levantados pela nossa Secretaria e Secretaria do Planejamento, o Mato Grosso do Sul possui uma área bastante expressiva a ser incorporada ao processo produtivo na agricultura, pecuária ou reflorestamento, levando em consideração a fertilidade do solo e sua constituição física. O fato é que não existem programas especiais com vistas à incorporação mais rápida dessas áreas. Mesmo porque isto dependeria do Governo Federal, uma vez que o Estado não dispõe de recursos em tal volume, embora tenhamos apresentado ao Governo Federal um projeto visando justamente a ocupação mais rápida do Mato Grosso do Sul. Pleiteamos a criação de programas especiais com essa finalidade. Esse trabalho se encontra em estudo em Brasília, pelos ministérios da Agricultura e Planejamento.

P: Existe em andamento algum plano ou programa de apoio à agro-indústria para o Estado? Em que

consiste?

R: O Mato Grosso do Sul, por se tratar de um Estado recentemente criado, não dispõe, até agora, de um sistema de incentivo à implantação de indústrias, inclusive de agroindústrias. Todavia, a CODESUL está ultimando um estudo no qual se recomenda ao Governador a criação de legislação que permitirá a participação do Estado, através de incentivos fiscais. A nossa preocupação com esse setor é muito grande, porque, dentro do sistema tributário brasileiro, o processo de industrialização se torna indispensável para que um Estado enriqueça. A indústria é a grande geradora de ICM (Imposto de Circulação de Mercadorias). Já alcançamos estágio satisfatório na atividade primária e precisamos cuidar também de que os produtos daqui sejam aqui industrializados, criando novas opções.

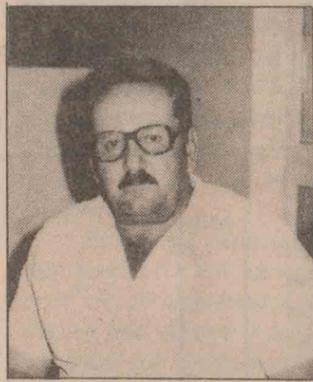
P: É prioritário um projeto de desenvolvimento a agropecuária sul-mato-grossense?

R: O termo prioridade para o Mato Grosso do Sul é uma amplitude muito grande. Na agropecuária fica difícil eleger prioridades. Em um estado com 35 milhões de hectares, em que apenas 1 milhão e 700 mil estão ocupados com a agricultura, e 4 a 5 milhões com pastagens artificiais, tudo se torna prioritário. A grande prioridade é exatamente ocupar o nosso potencial de terras e produzir. Não tenho como falar em prioridade de soja, milho, etc. A nossa prioridade é ocupar uma terra que está produzindo zero hoje, para produzir 2, 3, 4, 5 amanhã. O Mato Grosso do Sul é — tenho repetido isto inúmeras vezes um estado que tem amplas possibilidades de desenvolvimento nesta década de 80. E por uma série de fatores: 1º — Geograficamente — estamos no Centro-Oeste, mais próximos dos centros consumidores e dos portos exportadores; 2º — Fator humano — tanto o empresário como o trabalhador, urbano e rural, incluindo o agricultor e pecuarista, são de excelente qualidade. Num regime capitalista, como o nosso, um empresário eficiente é aquele capaz de gerar lucros, que é sinônimo de eficiência. E os produtores rurais do Mato Grosso do Sul têm tido lucro, porque têm expandido as suas atividades com produção cada vez maior. Se a agropecuária é uma das alternativas, que podem representar desafogo na balança de pagamentos, o Mato Grosso do Sul é uma das grandes opções para essa produção. Sem dúvida que devemos constar, como prioridade para o Governo Federal. Na medida em que todas as nossas autoridades se convençam de que a agricultura é a alternativa desta década para o Brasil, em consequência se convencerão de que o Mato Grosso do Sul é também a grande alternativa.

Qual o incentivo?

A preocupação dos produtores ao tomar conhecimento do crédito para a ampliação da fronteira agrícola é saber como estes recursos serão liberados. Uma dúvida que surge também é se os arrendatários terão acesso a este crédito. O caso é que, como explicava o secretário do Desenvolvimento Econômico do Mato Grosso do Sul, Saulo Garcia Queiroz nada ainda foi definitivo a este respeito. No geral os produtores se mostram dispostos a ampliar suas áreas de cultivo. Há porém, aqueles que pensam que o melhor é investir na própria terra já cultivada, melhorando suas condições de produção.

"Acho que agricultura, de modo geral, é negócio muito fraco e que vem piorando devido aos juros atuais muito elevados. Se os produtos agrícolas, no tempo da venda da safra, fossem bons, isso não faria diferença. Mas os preços dos nossos produtos são muito baixos. Talvez essa questão do preço seja o maior problema da agricultura. Pode ser que esse crédito de Cr\$ 5 bilhões, se vier a juros menores e prazo maior, melhore um pouco. Daria para plantar mais, aumentar a área, principalmente da soja. É importante que saia o crédito, nessas condições". (Adil Cavalheiro dos Santos — agropecuarista em Dourados)



"Acho isto uma besteira. O crédito deveria ser utilizado nessas lavouras que já existem. Ao invés de você plantar 500 hectares, planta 200 e financia uma correção de solo completa. Então, com menos área, poderá se produzir muito mais do que em 500, 700 ou 1.000 hectares mal plantados". (Cláudio José Eidt, de Ponta Porã. Proprietário de 320 hectares e arrenda outros 250)



"Se o juro for menor, este novo crédito seria uma boa. Nesse caso eu iria abandonar a área de lavoura antiga e plantaria algo mais seguro, como a soja. Agora, se fosse para investir em áreas com irrigação, então o arroz seria mais viável, inclusive não tem problema de risco, pois é só plantar e colher". (Dilermando Angelo Pezerico, planta 300 hectares de soja e arroz em Dourados).

"Com este crédito eu aumentaria uma área "X" e continuaria levando. . . Aqui a burocratização ainda existe. Até que são liberados os financiamentos estamos quase colhendo o produto. No preço que está o produto e se plantando numa terra que não é corrigida, e sem condições de corrigir por falta de financiamento, como nós, arrendatários, é muito difícil. E agora que o Banco está financiando por média e numa terra que não é recuperada, a média é baixa e com isso sempre vai achatando mais o produtor". (Alvicio Katian, de Dourados, arrenda 280 hectares para soja)

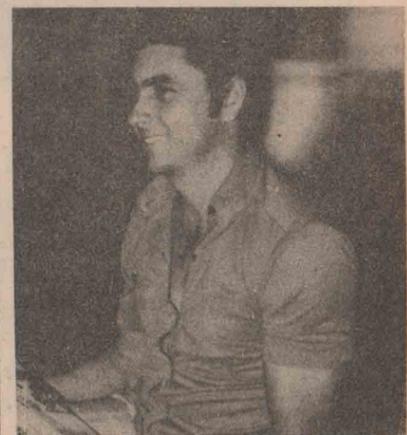


"Somente vi através de jornais este crédito. Mas parece que não vai beneficiar muito o arrendatário. Talvez sirva como estímulo ao grande proprietário, que nesta região não demonstra muito interesse pela agricultura. A pecuária é mais segura. Mas esta verba específica para a agricultura deverá servir como incentivo. Talvez começando a plantar, esses grandes proprietários se sintam incentivados a continuar depois. É necessário tomar cuidado com o fato de quase todo o proprietário de áreas ou grandes ter tendência a implantar pecuária. Pode haver até um colapso na agricultura. Inclusive já se ouviu comentários de que se utilizaria essa verba específica para agricultura só na época da carência e depois se plantaria o pasto. Gostaria de utilizar esse crédito para a expansão da área de planta, mas parece que o arrendatário não terá acesso a esse crédito". (Lauro Paulo Mazzutti, de Rio Brilhante. Planta 270 hectares de soja e 130 de arroz)



"Eu pretendo abrir novas áreas, se conseguir. Mas eu sempre fui contra lavoura grande, porque se o proprietário não trabalha junto com o empregado não dá conta. Uma lavoura de 100 hectares, bem cuidada, é suficiente para a família. E eu não pago esse arrendamento absurdo, não. Se um dia eu tiver que pagar esses arrendamentos por Cr\$. . . 2.000,00 o hectare, eu coloco esse dinheiro a juros na Caixa Econômica, fazendo a conta de no mínimo 4 por cento ao mês. Se eu arrendasse 500 hectares, teria que investir um capital grande. Fazendo a conta, o dinheiro na Caixa daria um excelente lucro. Daria quase para viver dele". (Jorge Otto Hammes — Rio Brilhante)

"Estou começando agora, com as dificuldades de falta de prática na região. O problema maior é ter que se comercializar cedo, devido às dívidas acumuladas nas duas safras anteriores, nas quais fui mal. Se este crédito for como estão dizendo, pretendo aumentar a área, plantando soja, arroz e milho". (Atilio Alberto, produtor em Rio Brilhante)



"Acho que o novo crédito vai ajudar bastante, porque tem muita gente, grandes proprietários com lavouras de certo volume, com áreas para abrir. E, por outro lado, pelas normas do banco a gente não pode aumentar a área a não ser em 10 ou 20 por cento das já plantadas. Uma vez que tem esta abertura das fronteiras agrícolas aí, através deste novo crédito muito proprietário vai usar outras áreas para agricultura, porque não adianta ele formar capim, porque não vai ter gado para por em cima. Vai ser excelente. Vou abrir novas áreas e fazer que elas fiquem no padrão dessas que tenham hoje. Estou abrindo 300 hectares. Dependendo do crédito que vier, se der para fazer tudo bem, caso contrário vai se preparar mais ou menos e tocar a pecuária. Fazer o quê? Se a agricultura não corresponder a gente tem que partir para o outro lado". (Vitório José Pederiva, proprietário de 700 hectares em Dourados)

A DISPARADA (TARDIA) DA SOJA

O mercado de soja andou dando um susto bem grande no mês de julho. Na verdade, de pouco adiantou para muitos produtores uma alta bem grande nos preços, que fez o valor da soja pular dos Cr\$ 550,00 Cr\$ 560,00 no Rio Grande do Sul, para coisa de até Cr\$ 650,00. Principalmente os pequenos produtores não puderam aproveitar a valorização do produto no mercado internacional, pois quase toda sua safra, se não toda, já fora vendida para cobrir os compromissos do financiamento.

Mas o que houve, afinal, para subir tanto o preço? Que ele sempre anda variando, subindo e descendo, não é novidade para ninguém. Só que desta vez aconteceu uma coisa bem diferente do normal, forçando as cotações da famosa Bolsa de Chicago para índices bem altos. Não que tenham sido os mais altos já registrados. Desde que por aqui a gente começou a se grudar nos números divulgados pela bolsa, isto depois que a soja tomou conta das terras de todo Rio Grande do Sul e boa parte do Brasil, ele já subiu bem mais de uma só vez.

Pois uma porção de coisas influenciou nesta subida do mercado. Uma delas foi o clima nos Estados Unidos — o maior produtor mundial de soja — onde deu uma seca há tempos não vista. Uma onda de calor das bem violentas até gente acabou matando por lá. E o calor pegou a lavoura de soja dos americanos já

com vagem e o grão em franco desenvolvimento. O prejuízo é certo. Tanto que a planta, que por esta época do ano está com uns 30 centímetros de altura, mal alcançava os 15 centímetros em muitas regiões produtoras. Junto com a seca e as notícias de quebra na produção (perto de 11 milhões de toneladas, o que é quase a safra brasileira, segundo estimativas não oficiais), outras coisas influenciariam o mercado.

UMA CORRIDA PRÁ BOLSA

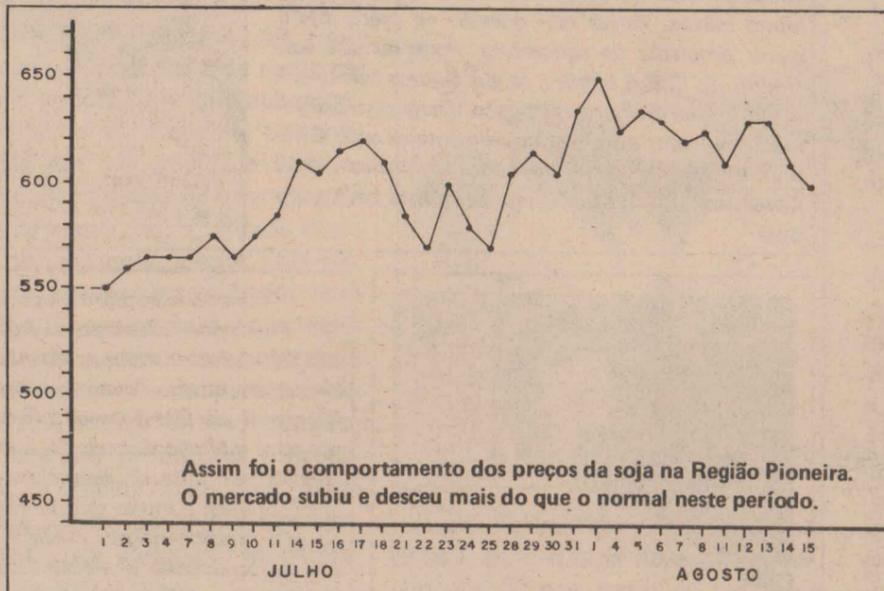
A principal foi a corrida de investidores para a Bolsa de Chicago. E este é

que o fato anormal, como explica o Carlos Pias da Cotriexport, a subsidiária da Cotrijuí que cuida da comercialização dos nossos produtos. Chegou o final de julho e o pequeno investidor americano, aquele pessoal que põe seu dinheirinho a render juros em prazos fixos, retirou seu dinheiro dos bancos e resolveu aplicar na Bolsa. Isto nunca aconteceu num volume igual a este ano.

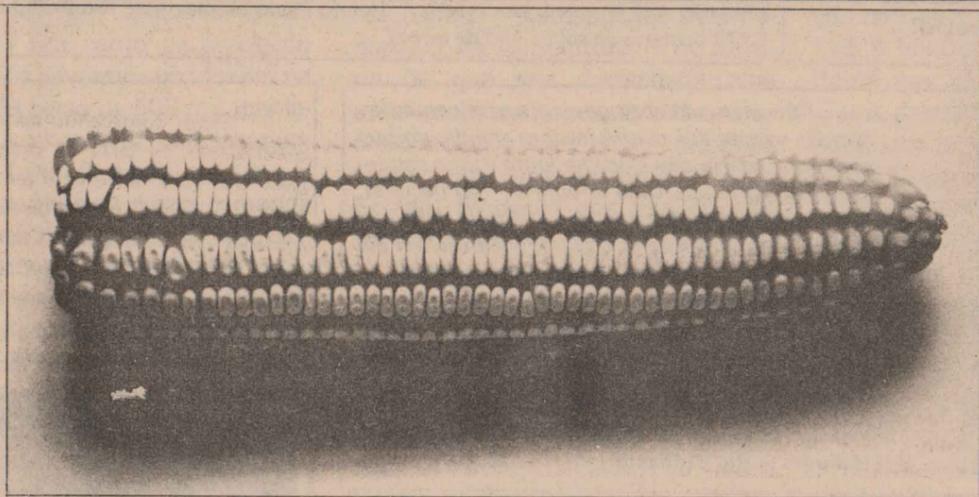
E por que será que este pessoal resolveu aplicar na Bolsa? Parte por causa das notícias de seca que já andavam aparecendo e parte porque se sabia que o produtor brasileiro teria que vender sua

soja por aqueles dias para liquidar seus financiamentos. Vejam só o quanto o pessoal se interessa em saber informações de tudo quanto é lado. Pois então os investidores aplicaram na Bolsa e ficaram, de papo para o ar, só esperando o preço subir. E ele foi subindo, subindo, até o dia 21 de julho, quando então começou a descer novamente. E desceu exatamente porque existiam notícias de chuvas esparsas nas regiões produtoras dos Estados Unidos. Pois antes de começar a descer, estes investidores venderam o que tinham comprado na Bolsa, e pegaram os lucros para colocar mais uma vez em prazo fixo. Ano que vem, por esta época, quem sabe, eles façam a mesma coisa. É só saberem alguma notícia com antecedência sobre o comportamento da safra.

Pois o mercado ainda subiu e desceu conforme iam chegando algumas notícias. Certa época se falou que os Estados Unidos teriam vendido um milhão de toneladas de soja para a União Soviética. A notícia não foi confirmada, mas o mercado subiu. Depois se falou que um furacão que arrasou as ilhas ao Sul dos Estados Unidos, iria levar chuva para as regiões produtoras. Com isto, o mercado baixou. Depois se verificou que as chuvas não chegariam até lá. O mercado subiu. E assim está sendo desde então. Um dia sobe, outro desce. E quem tem soja fica só se perguntando: "sobe mais ou cai lá embaixo o preço?" Isto, seguramente, ninguém pode dizer.



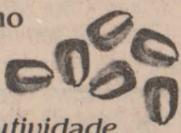
Semente Cargill é segurança.



Para que correr riscos? Plante as sementes de milho híbrido Cargill. Elas garantem maior poder de germinação. Dão plantas vigorosas, mais resistentes a moléstias e à seca. Cargill tem tradição

de alta produção. Cargill é a semente para quem quer ganhar sempre. E quem não quer?

Sementes de milho

Cargill 
Campeãs de produtividade.

Roth na Fetag: compromisso com o trabalhador

Orgênio Roth, ex-presidente do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Ijuí, foi confirmado no cargo de presidente da Fetag (Federação dos Trabalhadores na Agricultura do estado do Rio Grande do Sul) durante a eleição realizada na Federação durante o dia 12 de agosto. Seus companheiros de chapa são Ezídio Vanelli Pinheiro, Canísio Weschenfelder, Antonio Schneider, Luiz Martins da Rosa e Noreno Pellin.

Para esta eleição foi apresentada apenas uma chapa, que ainda trazia como Conselheiros Fiscais efetivos Binício Fernandes da Silva e Benjamin Black.

Conforme Orgênio, a Fetag deverá dar uma aten-

ção especial à política agrícola. A política atualmente adotada, ele explica, é deficiente, além de representar sempre uma insegurança ao produtor, isto pela forma como ela é tratada. Orgênio exemplifica lembrando que os preços mínimos nunca são fixados em níveis que atendam as reivindicações dos produtores.

O primeiro compromisso a ser assumido agora pela Federação será com o trabalhador rural. Problemas é que não faltam para a classe, conta Roth. O principal é a dificuldade em conseguir comprar a terra própria, sem contar o trabalho que passam para plantar aqueles produtores sem terra.

AS QUESTÕES DA ESTRUTURA DO PODER

Reuniões e mais reuniões foram realizadas em toda área de ação da Cotrijuí para aprofundar a discussão sobre o processo de estrutura do poder na Cooperativa. A intenção era definir melhor como os associados, hoje em número de 19 mil pessoas, podem participar mais efetivamente das decisões de sua entidade.

Estas reuniões foram preparatórias para os seminários realizados em cada unidade com a participação das lideranças de núcleos e localidades. As definições, porém, só começarão a aparecer depois do Seminário Central que acontece em Ijuí no dia 10 de setembro. Para este encontro virão associados escolhidos nos seminários regionais trazendo as idéias expressas pelos associados de cada região. Vem gente do Mato Grosso do Sul, de Dom Pedrito, Tenente Portela e de todos os demais municípios que são abrangidos pela área de ação na chamada Região Pio-neira.

PRATICANDO A TEORIA

As experiências vividas desde o ano passado, quando se começou a colocar em prática as discussões de anos e anos a respeito da participação dos associados na sua Cooperativa, foram muito importantes para o desenvolvimento dos seminários realizados até agora. Afinal, agora se está conversando sobre uma coisa da qual já tem alguma idéia posta em prática, e não apenas a teoria de como poderia funcionar a tal da estrutura do poder.

A expressão Estrutura do Poder, inclusive, já não é mais quase um palavrão desconhecido pelo pessoal. Já se sabe que discutir estrutura do poder é falar sobre participação, sobre representantes do quadro social, sobre como auxiliar na busca de soluções para os problemas levantados nos núcleos, mais afastados que sejam das sedes da Cooperativa.

AS QUESTÕES

Pois nestes seminários e em todas reuniões, os associados começaram a definir o que devem efetivamente fazer os representantes. E afinal, o que são estes representantes? Serão associados escolhidos para resolver problemas da comunidade junto à direção da Cooperativa? Serão associados que procurem defender a cooperativa frente aos demais associados? Serão associados que procurem defender os demais associados frente à Cooperativa? E será que é preciso defender um do outro? Ou será que estes repre-



Os associados discutiram a estrutura do poder no Mato Grosso. . .



. . . e em todo Rio Grande do Sul. As decisões finais serão em setembro

sentantes estão aí mesmo para representar todo corpo social na definição de planos, atitudes e decisões tomadas pela Cooperativa? A última idéia parece que está vigorando por este interior afora.

E quais os limites para a função dos representantes? As opiniões são várias: poder ilimitado, com direito até de escolher a diretoria; poder limitado, permitindo que os demais associados também tenham o direito de decidir se concordam ou não com os nomes propostos para dirigir sua cooperativa. Alguns associados pensam, e assim demonstraram nas reuniões, que o representante deve informá-los de tudo que está acontecendo na Cooperativa. Hoje ela é tão grande que as coisas que acontecem dentro de casa muitas vezes não se está sabendo. Ele poderia ainda, segundo algumas opiniões, reunir-se com os agricultores nos núcleos, para discutir com eles os rumos da Cotrijuí, consultando as bases na tomada de decisões da Cooperativa.

Outra questão é sobre o tempo de mandato dos representantes. Um, dois ou três anos? E eles terão o direito de serem reeleitos? Cada região já deu sua opinião sobre o assunto. A decisão final será a da maioria. E deve o representante ser remunerado, ganhar alguma coisa pelos dias que deixa de

atender sua propriedade, envolvido que fica com as reuniões?

A MULHER PODE SER ELEITA?

Como deveriam ser escolhidos os representantes? Urnas nas localidades e na sede, como aconteceu na primeira e última eleição, em maio do ano passado? Quem pode ser representante? Qualquer associado ou só aqueles que entregam produto na Cooperativa e tem cartão de aptidão? E a mulher do associado poderia ser eleita? Esta foi uma questão que apareceu no seminário da região de Ijuí, quando se decidiu levar esta idéia para o seminário central. A justificativa é que não é apenas o marido e chefe da família quem participa da vida da Cooperativa. O papel da mulher é muito importante em toda produção e comercialização das safras. Elas, às vezes, tem uma opinião muito firme sobre determinado assunto, não sendo raras as ocasiões em que ela acerta melhor mesmo que o marido num palpite ou numa idéia.

Será no seminário, dia 10 de setembro, que todas estas questões deverão estar respondidas. Com estas decisões será possível tornar a estrutura do poder não apenas uma experiência na Cotrijuí, mas sim um fato incorporado no dia a dia da Cooperativa.

Orientando os Conselheiros fiscais

"Muitas vezes os conselheiros fiscais não sabem ao certo qual sua função e quais as suas responsabilidades dentro de uma cooperativa", era o que explicavam os técnicos do INCRA que vieram até Ijuí realizar um curso junto aos Conselheiros Fiscais de 11 Cooperativas das regiões do Planalto Médio e Missões. Eles assim mostravam a razão do INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), promover estes cursos por todo interior do Estado.

Este curso, realizado em Ijuí nos dias 6 e 7 de agosto, foi o 14º dos 20 programados pelo INCRA para este ano e aconteceu quase que simultaneamente com um realizado em Cruz Alta, com os mesmos objetivos, nos dias 5 e 6. Aqui participaram 26 conselheiros representando as cooperativas de Eletrificação Rural de Ijuí (Ceriluz), de Consumo dos Funcionários Municipais de Ijuí, de Consumo dos Funcionários do Banco do Brasil de Santo Angelo, Unimed-Ijuí, Unimed-Missões, Cotracarga e ainda a Cotrijuí e as cooperativas de Panambi, São Francisco de Assis, Três de Maio, São Luiz Gonzaga e Giruá.

Um dos principais objetivos é o de orientar os conselheiros sobre suas atribuições e competências dentro da Cooperativa. "Muitos dos conselheiros que participam destes cursos", explicava o Paulo Motola, um dos responsáveis por esta programação, "não sabem direito o que devem fazer para desempenhar sua função. Já aconteceu inclusive de pensarem que sua responsabilidade era apenas a de assinar o balanço". E é claro que não é apenas isto. Como diz o próprio nome, o conselheiro fiscal deve fiscalizar tudo aquilo que é planejado e executado dentro da Cooperativa.

O curso promovido pelo

INCRA pretendeu também motivar os conselheiros para um maior envolvimento com a administração e os associados, orientá-los sobre normas de planejamento e administração e ainda analisar alguns aspectos dos princípios e objetivos das cooperativas.

Dos 26 participantes em Ijuí, alguns já mostravam bastante experiência na função, mas a grande maioria estava cumprindo seu primeiro mandato. O seu Osvaldo Fleck, por exemplo, da Cotrimaio, de Três de Maio, está no seu quinto período de conselheiro da Cooperativa. Mas não é pela experiência que ele já acumula que achou desnecessário participar deste treinamento:

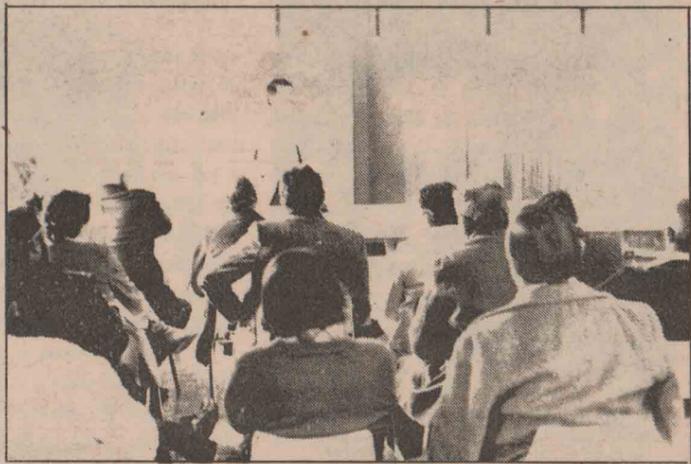
— Valeu a pena. Muitas coisas que se explicou nós já tínhamos em uso, por experiência própria ou mesmo por transmissão de outros conselheiros. Mesmo assim a gente toma conhecimentos que ignorava.

Já Renato Silva da Cunha, da Coopatrigo, de São Luiz Gonzaga, está cumprindo seu primeiro período no Conselho Fiscal e achou muito importante participar.

— Isto dá muito esclarecimento para o conselheiro. A gente sempre aprimora conhecimentos.

Só que não são apenas os conselheiros que aprendem com o curso. Os próprios professores, que são técnicos do grupo de cooperativismo do INCRA, aproveitam bastante também esta experiência. Quem conta é um deles, o Victor Sporleder:

— Assim como os conselheiros, nós também aprendemos. Lembro que num dos cursos, um conselheiro nos dizia que era importante também para o INCRA este contato frente a frente com o produtor, pois assim se tomava conhecimento da realidade.



Sabendo das responsabilidades dentro da Cooperativa

A COR E O SABOR DOS VENENOS

Um dos mais graves problemas que o homem de hoje enfrenta é o da alimentação. Milhares e milhares de pessoas morrem todo ano em diversas partes do mundo por um mal que a gente pode achar até que não exista: a fome. Quando a falta de alimentação não provoca diretamente a morte, pois ainda alguma coisa, por pouco que seja, é ingerida, ela traz conseqüências bastante prejudiciais para a pessoa. E neste estado de sub-alimentação vive grande parte da população do mundo.

No meio rural é difícil a gente imaginar que alguém não tenha o que comer. Só que muitos agricultores deixaram de aproveitar a alimentação natural, que eles próprios podem produzir, para comprar produtos artificiais. Foi uma mudança de hábitos da família rural. Aumentou o cultivo de produtos rentáveis e de fácil comercialização (como a soja), com o conseqüente abandono dos métodos tradicionais de plantio diversificado e do uso de técnicas domésticas de conservação dos alimentos.

A PROPAGANDA

As freqüentes campanhas publicitárias que ocupam os espaços de televisões, rádios e jornais, interferem diretamente nos hábitos em geral. Existe um grande número de alimentos industrializados, que "estão na moda", e que são usados em grande quantidade. Dificilmente, porém, uma des-

tas propagandas explica direitinho quais as qualidades nutritivas do produto ou o resalta por ser um alimento saudável. Elas também não esclarecem que os produtos contêm determinados aditivos químicos que em certas condições, podem até ser prejudiciais a nossa saúde. Também é difícil que uma destas propagandas nos diga que a cor bonita, gosto agradável, consistência adequada, enfim, o aspecto ideal do produto alimentício, não se devem a sua característica natural, mas sim à adição de drogas artificiais, produtos químicos que jamais seriam ingeridos se o alimento fosse natural.

E o que são os aditivos químicos? São substâncias não nutritivas que são juntadas aos alimentos — dentro de um certo limite de quantidades — com a finalidade de melhorar seus aspectos, conservação, cor, sabor, consistência, odor, estabilidade, aparência, aroma, etc. Eles ainda são usados pelas indústrias para facilitar as técnicas de fabricação e preparo dos alimentos.

CONSERVAÇÃO

Pois se a propaganda não fala nada destes aditivos, ela também não se interessa em mostrar qual é o tempo de conservação dos alimentos. Mesmo que o consumidor saiba que na embalagem deve estar escrita a data de fabricação, a maioria não tem idéia de qual é o tempo que se conserva qualquer

suco ou alimento. Por exemplo, o que significa o número 27911, escrito numa embalagem qualquer? Vindo escrito assim quem é que poderá saber que o alimento foi fabricado no dia 2 de novembro de 1979? Dificilmente alguém consegue entender isto aí. E de que adianta também, se o fabricante não diz até quando o produto ainda está bom para ser consumido?

Hoje a utilização dos aditivos químicos nos alimentos está de tal forma generalizada que eles são encontrados em praticamente todos os alimentos industrializados. A segurança de estar comendo alguma coisa que não foi misturada com nenhuma destas substâncias, existe apenas nos produtos

consumidos em seu estado natural, sem nenhum tratamento prévio.

APROVEITAMENTO

A principal justificativa do uso dos aditivos consiste na possibilidade de aproveitar alimentos que sobriam em certas épocas. Afé o cuidado de conservá-los e estocá-los para utilizá-los em outras temporadas quando o produto estivesse em falta. Outra coisa é que o alimento conservado pode ser transportado para outras regiões onde está em falta, sem correr o perigo de vê-lo estragado durante a viagem.

Acontece que os aditivos são usados sem maiores controles, e sem que exista uma necessidade real em termos de alimen-



A mulher conta suas experiências

O que a mulher, a responsável na grande parte das vezes pela compra de coisas para dentro de casa, leva em consideração na hora de escolher algum produto para a alimentação da família? Ela compra pelo preço, pela aparência, motivada pela propaganda? O que compra nos supermercados a mulher que mora no interior?

"Eu compro o que é mais necessário. Nunca compro enlatados nem sucos prontos. Só de vez em quando compro extrato

de tomate e margarina. Mas nunca olho a embalagem do produto", conta a dona Margarida Braetembach, da Linha 29 em Ajuricaba. Ela explica não ter preferência por marcas, mas sim por preços:

— Sempre compro o que é mais barato, porque acho que na maioria das vezes as coisas só custam mais caro por causa da embalagem.

Já a dona Alice Casagrande, de Ijuí, leva em conta a marca do produto já exper-

imentado pela família. Ela não esconde, porém, que sua família já comprou determinadas marcas incentivada pela propaganda. O azar é que toda família não gostou:

— Às vezes fizemos mudança de marca para experimentar e ver se é melhor do que a que se está usando.

Dona Herta Icher, de Augusto Pestana, já tem outro procedimento. Ela só compra aquilo que precisa em casa e que já conhece a qualidade:

— Não tendo certeza que presta eu não pego e nem tudo que é novidade. A gente não sabe se é bom. Para que gastar dinheiro?

Dona Iraci Secchi, de São João da Bela Vista, em Vila Jóia, somente dá preferência à marca em alguns produtos, como arroz e detergente:

— Faço isto porque peguei simpatia pelo produto, conheço sua qualidade e encontro vantagens na sua utilização.

SUCO: COMPRAR OU FAZER

Algumas destas senhoras participaram das reuniões organizadas pelo Departamento de Comunicação e Educação, onde se falou do assunto aditivos químicos na alimentação. Um destaque especial foi dado em relação aos sucos concentrados e refrescos comprados prontos, todos eles contendo alguma coisa destes aditivos. Mas também não são todas as mulheres que compram estes sucos na cidade. Algumas compram porque alguém da família gosta mais destes sucos — que são às vezes novidade — do que dos sucos naturais prepa-

rados em casa. Em outros casos não se sabe mais como fazer suco de frutas e guardar para usar na entressafra.

Um caso assim é o de dona Edite Quichose Barreto, de Dom Pedrito. Ela conta não ter nenhuma experiência na fabricação de sucos naturais. É só durante a época em que tem limão ou laranja que ela faz o suco. Do contrário, compra os artificiais, sem escolher muito a marca:

— Compro o primeiro que aparece. Mas não há nem dúvidas de que o sabor e o valor nutritivo dos naturais não se comparam ao dos artificiais.

EXPERIÊNCIA

Já a dona Herta Icher, de Augusto Pestana, tem bastante experiência em fazer sucos em casa. Só que um de seus filhos anda preferindo mais tomar os sucos comprados. Ela conta:

— Acho que ele enjoou dos sucos que eu faço em casa.

Desde solteira que dona Herta sabe fazer suco:

— Quando em casa nós fazíamos o vinho, já preparava também o suco. Se cortava a uva, esmaga e no outro dia tira da ferveadeira. Depois de tirar da ferveadeira se põe numa máquina própria, que enche uma panela que dá para 9 garrafas. Daí se põe ali o açúcar, umas 2 xícaras, se enche as garrafas e fecha com tampa ou com uma rolha, que é mais barata. Depois ferve em banho-maria e guarda.

Ela tem experiência não só em fazer suco de uva. Faz também de laranja, ame-



Alice: mudar para experimentar



Iraci: simpatia pela produto

tação. Muitas vezes ele é usado com a maneira mais cômoda e prática de se trabalhar um alimento. Podemos mencionar, por exemplo, como aditivos alimentares: os conservantes (para que os alimentos durem mais tempo), os antioxidantes (para evitar que os enlatados enferrujem), os corantes (para dar cor), os aromatizantes (para dar cheiro), os espessantes (para dar mais consistência) os umectantes (para deixar o produto com aspecto de fresco, úmido), os acidulantes (para dar um gostinho ácido), etc.

VENENO

A garantia de que o aditivo não é tóxico é uma coisa muito relativa. Isto varia em função da quantidade de alimento que se consome e da possível mistura com outros alimentos que tenham aditivos.

É necessário, portanto, tomar cuidado especial em dar para as crianças alimentos que tenham aditivos. Deve-se controlar também a relação dos aditivos que está em qualquer embalagem e também a data de fabricação. Assim é possível escolher melhor os alimentos que se compra e evitar até de adquirir produtos como refrescos em pó ou xaropes, sucos concentrados, massas em geral. São produtos que podem perfeitamente ser preparados ao natural em nossas próprias casas. Seu valor nutritivo será maior que o produto artificial. Devemos lembrar os tempos de nossos avós ou de pessoas mais idosas, onde basicamente tudo era feito na propriedade, como os doces, pães, bolachas, massas, geléias, compotas, conservas, etc. Por que não continuamos com estes hábitos? Será que a vida atual não nos permite mais isto?

Este material foi baseado no trabalho "Estudo sobre os aditivos químicos encontrados nos alimentos" — Lenir Basso Zanon — Fidene.

O sabor do suco feito em casa

Fazer suco natural não é uma coisa muito difícil. É claro que dá um pouco de trabalho e ainda existem alguns pequenos segredos que vão permitir uma conservação maior dos sucos. Sucos, que por sinal, não precisam ser usadas apenas como refrescos, mas também podem entrar na preparação de sorvetes, gelatinas, xaropes, ponches, licores, batidas, geléias e até mesmo balas.

Os sucos naturais são extraídos da polpa (fruta com casca) e depois tomados imediatamente ou então pasteurizados. O suco natural pasteurizado precisa ser conservado em garrafas bem fechadas, para não estragar mais tarde.

COMO FAZER

A primeira coisa na preparação do suco é escolher e limpar bem as frutas, lavando-as para tirar qualquer resíduo de defensivo que eventualmente possa existir. Elas não devem estar nem muito verdes e nem muito maduras, não devem apresentar manchas e nenhum machucado. Quando o suco for de laranja, as frutas escolhidas devem ter uma coloração amarela, pois assim ela é muito mais agradável, menos ácida e se custa para perceber o amargo. As frutas maduras têm mais vitaminas que as verdes, possuem mais açúcar natural, o que torna o suco mais econômico, de melhor cor, gosto e aroma.

O suco é extraído por esmagamento, tanto apertando-o com as mãos limpas, como usando uma prensa de madeira manual, máquina de moer carne ou esmagador de batata. É preciso evitar que o suco entre em contato com objetos de ferro, zinco ou cobre. Eles provocam a perda da



vitamina C, o escurecimento do produto e até mesmo seu envenenamento, como no caso do zinco entrar em contato com o ácido das frutas. Para facilitar a extração, a fruta pode ser aquecida, o que ainda permite que se obtenha maior quantidade de suco.

Logo após a extração, o suco não deve ser engarrafado. Só depois de passado por um coador limpo, ele é engarrafado em vasilhames já esterilizados (fervidos). Se aconselha o uso de garrafas do tipo coroa, que serão fechadas com tampinha de cerveja. Pode-se ainda usar vidros especiais de conserva. Tudo deve ser bem lavado e fervido, pois a limpeza é responsável pela maior ou menor duração do suco. Para se vedar as garrafas, deve-se usar rolhas noyas e também esterilizadas.

PASTEURIZAÇÃO

Após o engarrafamento se coloca

as garrafas cheias de suco dentro de uma panela com água, forrada com um pano ou tábua, evitando assim que as garrafas quebrem. Elas devem ferver neste banho-maria por 30 minutos. Esta fervura é a pasteurização. Depois disto se coloca as garrafas numa mesa de madeira ou sobre um pano, longe da correnteza dos ventos.

As rolhas das garrafas devem ser embebidas em cera ou parafina. Isto vai lacrar as garrafas, impedindo que penetrem no seu interior alguns pequenos micróbios que existem no ar e estragam o suco. Por fim as garrafas devem ser guardadas em local fresco, para se usar o suco durante o ano.

Os sucos obtidos são geralmente condensados, pois assim se conservam melhor. Na hora de bebê-los, adicione água e açúcar.

xa, pessego e pera. O suco de uva, por exemplo, ela tem garrafas preparadas há dois anos. Mas também tem seus cuidados. Depois de botar a rolha deixa a garrafa bem vedada com cera de abelha ao redor do gargalo.

Ela é da opinião de que aquilo que se pode fazer em casa não se deve comprar pronto:

— O suco feito em casa é muito mais barato e nutritivo. Hoje a situação não está muito fácil. Por que não preparar em casa se o tempo passa igual?

FACILIDADE

A facilidade em preparar os refrescos tipo K-suco e xaropes, é o motivo que leva a dona Alice Casagrande a comprá-los. Outra coisa é que se tem desta forma um suco para dar para a família durante a entressafra:

— Mas quando se tem frutas nós usamos elas nos sucos.

Dona Alice já tinha ouvido falar que se põe nos alimentos os tais de aditivos químicos. Ela própria usa sabor artificial para dar gosto no mel ao caldo engrossado com açúcar e limão:

— Agora, quanto ao que causa no organismo, é tintura. Conheço também uma experiência que se fez com Coca-cola com osso de galinha. Desmanchou tudo.

Dona Margarida Braetembach também já comprou sucos concentrados. Hoje em dia não compra mais:

— Me fazem muito mal para o estomago:



Margarida: a embalagem sai caro

Outra que não compra estes sucos é a dona Iraci Secchi. E ela explica porquê:

— Eles têm ingredientes que não fazem bem para a saúde da minha família. Eu já sabia que eles tinham estes ingredientes químicos porque as conservas compradas duram muito mais tempo e tem um sabor diferente daquelas que são feitas em casa. Em sucos também já tinha conhecimento, porque para algumas pessoas faz mal para a saúde.

No lugar de comprar estas coisas dona Iraci aproveita as frutas de tudo quanto é qualidade que se tem em casa, fazendo compotas, conservas e schmier.

A distração sai caro

Todo consumidor, tanto faz se ele é homem ou mulher, não está suficientemente atento no momento em que vai fazer qualquer compra. Às vezes por falta de tempo, distração ou mesmo desconhecimento total das armadilhas preparadas pelos vendedores acaba comprando coisas que não precisa ou coisas até mesmo defeituosas. Os vendedores, é claro, apenas cumprem sua função de vender o máximo possível.

As compras em supermercados são uma tentação para muita gente. São mil e uma variedades de artigos reunidos estrategicamente num só local de vendas, que trazem embalagens bonitas e estão sempre a mão. É só pegar...

Foi em 1930 que surgiu nos Estados Unidos o sistema de supermercados. A grande depressão econômica, que abalou o País na época, fez com que uma loja abandonasse os balcões. Esta foi a solução encontrada pelo proprietário para fugir da falência. No lugar dos balcões, com vendedores atrás, ele criou um novo sistema que reduzia seus custos operacionais e dispensava boa parte dos empregados. Nasceu, assim, o auto-serviço.

Com o tempo o sistema foi se aperfeiçoando e sofisticando. A propaganda disfarçada foi substituindo, com muita eficiência, a balconista. Se adotou normas

de organização e distribuição dos produtos, fazendo com que o consumidor se perca na euforia de comprar.

Os artigos de grande procura, geralmente apoiados e divulgados por campanhas publicitárias, ficam em locais bem difíceis, porque o consumidor vai procurá-los seja aonde estiver. Nas extremidades das prateleiras estão as ofertas. Mas será que elas são realmente mais baratas? Vale a pena consultar as prateleiras e evitar as pontas das gôndolas — onde estão as ofertas — se o seu caso é comprar a preço baixo.

O ideal é entrar num supermercado com uma lista e comprar essencialmente aquilo que é necessário. É raro que alguém faça deste jeito. Mas também quando tem a lista é difícil segui-la à risca, pois a tentação sempre é grande. Isto será inconsciente? Ou o mecanismo que envolve o negócio é tão perfeito que consegue enganar quem está até mesmo avisado? Quem é que resiste às ofertas sempre anunciadas pelo rádio, jornal e Televisão, que vendem a imagem de que o produto "X" é mais eficiente, saboroso, nutritivo? É preciso que os consumidores realmente estejam bem atentos para evitar esta verdadeira manipulação sobre a sua vontade de consumir, tanto em termos de qualidade como de preços.

SEU DIA ERA DE FESTA?

Este ano não teve desfile de máquinas pelas cidades, discursos nas praças e nem grandes festas para marcar a passagem do Dia do Colono que os calendários assinalam em 25 de julho. Em muitos municípios, por sinal, a data passou quase em branco. O seu significado, inclusive, é hoje bastante difícil de definir, como lembravam vários líderes sindicais que participaram de uma reunião da regional da Fetag (Federação dos Trabalhadores na Agricultura) realizada em Ijuí um dia antes da passagem da data dedicada ao colono.

"Depois que nós entramos na modernização", concluíam eles, "se perdeu o significado do dia do colono. Antes disso tinha o produto colonial, sadio, sem veneno. Hoje se sente que os produtos agrícolas do comércio estão envenenados. Se tivesse colonização do colono não entrariam na cidade os produtos envenenados".

É por isto que a regional de Ijuí, compreendida ainda pelos municípios de Ajuricaba, Augusto Pestana, Panambi, Santo Augusto, Catuípe, Chiapetta, Tupanciretã, Cruz Alta, Condor e Pejuçara, não programou qualquer comemoração para o Dia do Colono. Foi elaborada, isto sim, uma mensagem, lida nas rádios, em nome da regional.

COLONO FAZ A FESTA

Já em Tenente Portela, os próprios agricultores resolveram organizar sua comemoração. Pela primeira vez em muitos anos, eles são a festa e fazem a festa. Nada de comemorar na cidade. Na localidade de São Sebastião, a poucos quilômetros da sede do município, a comunidade organizou uma festa que durou o dia inteiro. O ponto alto foi um torneio de bocha entre casais. As mulheres e os maridos, lado a lado, disputaram com os vizinhos quem melhor acertava as bochas na cancha de terra batida. Já lá na Linha São Sepé, até baile saiu. Pela manhã se aproveitou a vinda do padre para batizar muitas das crianças da comunidade e depois, à tarde, aconteceu um leilão de leitões, baile ao ar livre e muita trova por aqueles lados.

Em Barra Grande a festa no salão da Igreja Católica começou de tarde, com muito jogo de carta e loto entre as mulheres, sinuca e carreado entre os homens, tudo no meio de muita conversa sobre a situação do agricultor.

Ali o pessoal não resistiu à presença do presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Walter Irber, e organizou uma reunião quase no finalzinho da tarde. Da reunião participaram ainda dois jovens que vieram de Ijuí (Jorge Dalla Rosa) e de Augusto Pestana (Alceu Vand der Sand) e o gerente de Comunicação e Educação da Cotrijuí, o Danilo Trevisol. O Walter lembrou:

— A gente quer se congratular que hoje é um dia nosso e a comunidade está

comemorando este dia. Apesar de ser um dia de festa, é um dia de refletirmos, pensarmos na situação do agricultor.

NÃO FOI SÓ FESTA

E lá se começou a conversar sobre uma porção de coisas e de problemas que preocupam o produtor. O Walter contava, por exemplo, do novo projeto da previdência rural, que diz que vai estender para o homem rural os mesmos benefícios da previdência urbana:

— Mas não vai igualar coisa nenhuma. Vai, isto sim, aumentar a contribuição, que vai para 3 por cento no lugar dos 2,5 por cento, além de outras cobranças mais para quem quiser ter os benefícios. Nesta luta aí nós não podemos ficar parados. Estão testando, com este projeto, a força do agricultor, assim como fizeram no caso do confisco da soja.

Conversa vai, conversa vem, o pessoal aproveitou pra fazer muita pergunta e esclarecer umas coisas que não estavam muito bem certas na sua idéia, como por exemplo, qual o papel do Sindicato na luta do agricultor, onde buscar orientação para os problemas que aparecem e assim por diante. Como se vê, o dia em Barra Grande não foi só de festa.

À noite, em Derrubadas, as comemorações do Dia do Colono foram encerradas com um baile do agricultor.

O Dia do Colono marcou ainda em Tenente Portela o lançamento do primeiro número do boletim do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do município, o **Porterra**. O boletim foi criado para permitir uma união maior entre os agricultores e o seu sindicato, levando notícias, e mensagens que interessem à classe dos agricultores. E por que o nome de **Porterra**? O próprio boletim explica:

— Porque é por terra que o agricultor "sem terra" luta. Porque a luta do agricultor deve ser séria e responsável, e não apenas "papo pro ar". Porque queremos uma reforma agrária, não para tirar, mas para dar a terra ao agricultor. Nós lutamos por terra que tiram de nós para dar à multinacionais, portanto o **Porterra** é nosso porta-voz.

ALERTA PARA A REALIDADE

A mensagem dirigida pelos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais da Regional de Ijuí teve o sentido "de uma homenagem sincera aos sofridos companheiros de luta que diariamente arrancam da terra o sustento para matar a fome de milhões de brasileiros". Muita coisa é lembrada na mensagem:

"**COLONO** lembra o desbravador do passado que enfrentou todos os riscos para implantar a civilização e semear o progresso nos mais remotos rincões de nossa Pátria.

COLONO, colonial, lembram o trabalhador da terra e o produto do trabalho da roça, sempre apreciado como produto puro, de qualidade, extraído da natureza,

A festa mesmo aconteceu em Portela: jogo de bocha em São Sebastião...



... loto e carreado na Barra Grande...



... e baile na Linha São Sepé e em Derrubadas



sem venenos, sem misturas, sem falsificações...

É a galinha colonial...

É o queijo colonial...

É o vinho da colônia... é o salame, as verduras, as frutas coloniais...

§ § § §

Mas, tudo isso são saudades de um passado feliz e glorioso!

HOJE, companheiros, a realidade está mudando. Sentimos que forças poderosas estão nos empurrando para caminhos que nós não queríamos seguir... Estamos embarcando em decisões tomadas por outros, que nos levaram a mecanizar a lavoura, a envenenar a terra, a agredir a natureza. E tudo isso em benefício de quem? Sentimos que a cada dia que passa estamos nos tornando assalariados baratos das grandes empresas. Somos manobrados pelas multinacionais que nos exploram na venda dos insumos e na compra de nossos produtos.

Quem tem, hoje, segurança de seu trabalho? Quem tem segurança de colocar seus filhos para que continuem no trabalho da terra? Quem tem segurança sobre a saúde de sua família?

§ § § §

COLONO, se tornou, hoje, até uma palavra de desprezo. O bom produto colo-

nial desaparece das feiras e mercados... Em seu lugar se consomem os rótulos de produtos sofisticados. O que vale é a embalagem, as aparências... não importa a qualidade do produto! A propaganda se encarrega de nos fazer engolir gato por lebre:

E nós, em vez de decidirmos sobre o nosso produto, sobre o nosso futuro e o futuro de nossos filhos, somos levados a embarcar, de boa fé, nas decisões muito bem pensadas pelos outros, por aqueles que tem interesses em nos enrolar.

§ § § §

Por isto, neste dia do COLONO, ao mesmo tempo em que lembramos as glórias do passado, os feitos de nossos avós, nós queremos também nos alertar para a realidade do presente que já é difícil, e, principalmente, queremos olhar para o futuro que é ameaçador.

E, diante desta realidade, queremos conclamar a todos os companheiros a nos UNIR sempre mais em torno dos nossos órgãos de classe para fazer valer a nossa palavra, para demonstrar a nossa força e para exigir o que é de direito para toda a nossa classe.

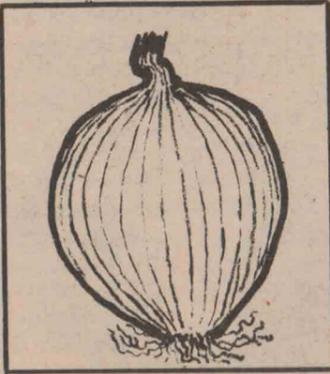
SALVE O DIA DO COLONO!
A NOSSA UNIÃO É A NOSSA ÚNICA SALVAÇÃO!!!!

HORTA DO MÊS

alguns dias atrás.

O plantio efetuado em fins de agosto e início de setembro com batatas bem tratadas, normalmente tem condições de dar uma boa produtividade. É importante lembrar que a batata deve ser cultivada com adubo específico, pois as formulações utilizadas para as outras plantas prejudicam o sabor do produto final.

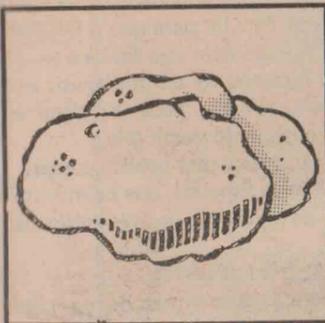
O espaçamento de 50 centímetros entre as filas e 30 centímetros entre as plantas tem resultado em boa produtividade na nossa região.



HORTALIÇAS DIVERSAS

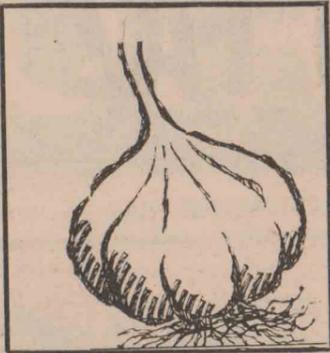
A partir de setembro as hortaliças mudam um pouco a sua característica, devendo-se, portanto, escolher variedades que suportem o calor. Isto é importante observar, principalmente em alfaces, repolhos e cenouras, que possuem variedades que são perfeitamente adaptadas ao calor.

O transplante de tomate e pimentão pode ser realizado a partir da metade do mês. Já a semeadura do pepino, melancia, melão, abóbora, pode ser iniciado. Para isso, existem na cooperativa, junto às lojas, disponibilidade de sementes de boa qualidade.



BATATA

A orientação do mês passado prevenindo o associado quanto a qualidade da semente parece que foi muito bem aceita. Só este ano já foi comercializado um volume 50 por cento superior ao do ano passado, a preço razoável, pois hoje está ainda mais elevado do que até



ALHO

As lavouras de alho estão em condições diversas. Existem as lavouras bem desenvolvidas, as médias e as deficientes. As lavouras que estão em condições deficientes, tem como causas a escolha do local para o plantio, em terras com manchas e fracas; descuido no controle dos inços, ataque de trips e alguns problemas na semente.

O controle dos inços ainda pode ser feito e é uma operação importante para o desenvolvimento das plantas. Para esta prática, recomenda-se o uso de enxadas, por se tratarem de áreas pequenas e porque os herbicidas não funcionam adequadamente no controle destas invasoras. Em relação ao trips, trata-se de um pequeno inseto, menor que um pulgão, que ataca as folhas do alho e também da cebola. Normalmente não se consegue identificar o inseto numa rápida olhada na planta. A melhor maneira de localizá-lo é observar a bainha da folha, na proximidade da haste da planta, onde é visto logo que se dobra a folha. Depois já não é tão visível. É um inseto que pode provocar graves danos na lavoura. As plantas começam amarelar como se estivessem amadurecendo e podem até morrer sem que haja a formação de bulbos. O controle do trips é realizado com determinado inseticida sistêmico, que deve ser orientado pelo Departamento Técnico.

CEBOLA

As lavouras de cebola continuam se desenvolvendo muito bem, tendo a maior parte dos produtores já efetuado a cobertura com uréia, conforme recomendamos na edição anterior.

A cobertura com uréia a partir de agora não mais deverá ser realizada, para que não prejudique a qualidade e a conservação do produto após a colheita. A limpeza da lavoura é importante e nesta fase de chuvas e início da primavera o inço aumento a concorrência pelo adubo, prejudicando a formação e o desenvolvimento dos bulbos.

Na cebola está ocorrendo um pequeno ataque de trips, cuja a identificação e controle está descrito, dentro da orientação do alho.

Cooperativas

Por uma lei mais clara

A legislação cooperativa precisa mudar. Esta a principal conclusão do Seminário de Análise da Legislação Cooperativa, que a Assembléia Legislativa do Estado realizou nos dias 19 e 20 em Porto Alegre. Os painelistas, que analisaram a evolução das leis que regulamentam as atividades do setor, apontaram, entre as justificativas para que as mudanças aconteçam, as contradições na interpretação dessas leis, o paternalismo que elas estimulam, as concessões para que grupos estrangeiros se infiltrem na área da produção e, até mesmo, o atrelamento de algumas cooperativas aos órgãos oficiais.

O primeiro passo, para que as transformações na legislação possam ocorrer, será a tarefa de um grupo de trabalho

formado ao final do encontro. Essa comissão recebeu um prazo de 60 dias para apresentar um anteprojeto sugerindo as mudanças que os painelistas do seminário defenderam. Os dirigentes da cooperativa querem, principalmente, que a legislação, bastante remendada desde 1907, seja bem clara.

Entre os que defenderam posições como esta, esteve o presidente da Cotrijuí, Ruben Ilgenfritz da Silva. Para ele, o produtor na verdade não só não interpreta corretamente as leis, como não tem condições de tirar benefícios delas. O presidente da Cotrijuí disse que o produtor deve participar do dia-a-dia de sua cooperativa e, a partir daí, também contribuir no debate em torno do assunto.

Classificados

Vende-se uma automotriz Clayson, 12 pés, ano 71. O estado de conservação é bom e a máquina está toda revisada. Preço a combinar. Aceita-se carro em troca. Tratar com Hélio Grenzel, em Alto da União, Ijuí.

Associado: este espaço é para você anunciar qualquer coisa que queira trocar, vender ou comprar em sua propriedade. O anúncio é gratuito para os associados. Mande para o Cotrijornal as informações que deseja publicar. Não esqueça de dar o seu nome e o local onde tratar.

O novo posto da 28

Dia 22 de agosto, foi inaugurado o prédio do supermercado da COTRIJUI na Linha 28 - Ajuricaba, unidade abastecedora que substitui o antigo posto. Além do expressivo número de associados e familiares, estavam presentes quando da entrada em funcionamento do mercado, o gerente da unidade de Ajuricaba, Ge-

raldo de Freitas Schorn e o diretor de compras e abastecimento da COTRIJUI, Waldir Zardin.

Ambos, ao usarem da palavra, atribuíram as melhores condições de atendimento ao público consumidor, ao trabalho desenvolvido pelo próprio núcleo que soube, não só rei-

vindicar, mas dar muito de si para alcançar o objetivo.

Adolfo Schüller, manifestou o agradecimento dos moradores da Linha 28 e redondezas à atitude da direção e conselho da cooperativa, por terem atendido aos pedidos e construído o prédio para o mercado.

Também o produtor Abel Hochmüller estava feliz, por ter contribuído em parte para melhorar o atendimento aos associados. Ele doou um metro e meio de frente do terreno, o que possibilitou uma construção mais ampla.

Muitos recordaram a origem do antigo prédio que servia ao posto. Foi construído para sede de estabelecimento comercial da família Pilau, e posteriormente adquirido e administrado pelos Viecilli. A partir de então, constituiu-se num dos postos abastecedores da cooperativa.



O velho e o novo posto da Linha 28. Na sua inauguração teve festa.

LAVOURA COM SEGURO



Quem faz seguro é porque dá valor ao que tem. E quem não dá valor ao dinheiro, ganha com tanto sacrifício? Pois o produtor consciente pensa justamente assim: aplica a sua Trifluralina; incorpora a sua Trifluralina. E não se preocupa mais se faz chuva ou se faz sol. Ele sabe que a Trifluralina está lá, firme. E quando surgir a semente da erva, adeus semente da erva. Uma lavoura com seguro é uma lavoura com Trifluralina Fecotrigo. É uma lavoura econômica (custa a metade dos outros herbicidas de superfície). É uma lavoura eficiente (se não chover, qual a segurança desses outros produtos, tão caros?). Fazer seguro é uma decisão inteligente. Usando a sua Trifluralina, o produtor não está apenas incorporando o seu herbicida.

Está incorporando segurança.

TRIFLURALINA FECOTRIGO

O nosso herbicida barato!
O herbicida econômico!
O herbicida seguro!



O IMPOSTO FAZ PRODUZIR?

O valor da terra nua, sem qualquer benfeitoria que seja, é um dos componentes do cálculo do novo Imposto Territorial Rural, que sofreu uma mudança bem brusca do ano passado para cá. Pois de acordo com o INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), o hectare de terra vale Cr\$ 23 mil em Coronel Bicaco, no Rio Grande do Sul, e Cr\$ 470,00 em Maracaju, no Mato Grosso do Sul. Será que o valor da terra é efetivamente 50 vezes maior em Bicaco do que em Maracaju? Quem for vender terra aqui para comprar lá, não vai pagar esta mesma diferença. Não vai nem encontrar terra pela metade do preço, pois seus valores, comercialmente, estão quase equivalentes.

Esta questão do valor da terra é apenas uma das distorções do novo ITR. Distorções, por sinal, reconhecidas pelo próprio coordenador regional do INCRA no Rio Grande do Sul, Alcione Irineu Burin. O coordenador e mais o diretor da divisão de Cadastro, Luiz Fernando Alfama, estiveram em Ijuí explicando como funciona agora o ITR e como ele deve ser calculado. Sua vinda a Ijuí foi programada pela Associação dos Engenheiros Agrônomos do município e mais os sindicatos de Trabalhadores Rurais e Patronal. Um outro convidado, João Pedro Stédile, que é delegado da ABRA (Associação Brasileira de Reforma Agrária) e crítico feroz do ITR, não conseguiu se deslocar até Ijuí.

MENTIRAS

A falta de Stédile foi bastante sentida, pois no geral as pessoas que participaram do encontro com o pessoal do INCRA não sabia a fundo a questão do ITR. E Stédile sabe, levantando muitas críticas a sua sistemática. Uma das principais é exatamente o valor da terra. Neste ponto o próprio Burin reconheceu que o sistema não está perfeito. Mas justificou, lembrando que os valores da terra são estabelecidos a partir de informações dos próprios produtores. Informações estas que constavam não só no cadastro do INCRA como também em outros documentos preenchidos pelos produtores. Contou Burin:

— Estas distorções, com o tempo, pretendemos corrigir.

Se Stédile estivesse participando do debate ele faria a seguinte colocação, como nos contou mais tarde:

— Em todo Brasil, quanto mais aumenta a propriedade mais seu proprietário mente para o INCRA. Como a base para o cálculo do imposto é o valor declarado pelo proprietário, é evidente que esta situação se reflita no imposto a pagar. Mas o interessante é que não existe punição para quem informa mal ao INCRA.

O máximo que se faz, explicava antes o Burin, é não levar em consideração o valor declarado pelo proprietário quando este está muito mais baixo do que os valores mínimos estabelecidos pelo INCRA (veja no quadro os valores para os municípios da área de ação da Cotrijuí).

MAIOR TRIBUTAÇÃO

O ITR é um dos instrumentos destacados pelo Estatuto da Terra, como capaz de regular as condições de posse e uso da terra. Os outros instrumentos do Estatuto (uma lei de 1965, até hoje não cumprida) são a colonização, a regularização fundiária e a desapropriação. Pois o Governo entendeu que uma das formas de regularizar estas questões de posse e uso da terra — já que a Reforma Agrária não é de interesse das autoridades e nem de muito proprietário — seria exatamente o ITR. Mas não o ITR que o produtor conheceu até o ano passado, uma coisa difícil não só de entender como também de calcular. Só para ter uma idéia, as instruções de como calcular o ITR ocupavam 30 páginas. Então foi mudando o ITR. A intenção, é claro, não foi apenas facilitar o seu cálculo. Com estas alterações o Governo está pretendendo outras coisas. Conta o Alfama:

— A nova sistemática permitirá uma maior tributação da terra, levando a um aumento de produção e eficiência dos produtores. As terras ociosas, inaproveitadas ou mal aproveitadas, pagarão um imposto mais alto. Isto induz a produção e permite também uma maior arrecadação. O imposto taxa a propriedade, e não o proprietário.

O Stédile, porém, diria que o ITR não é bem assim:



— Ele não é um instrumento que force o agricultor a tomar outras atitudes. É mais um simples instrumento da burocracia. Ele não vai mudar em nada a estrutura agrária. Pelo que se sabe, a nível de Brasil, a arrecadação do ITR vai aumentar apenas 500 por cento. O que é 500 por cento de quase nada a nível de grande proprietário?

PRODUZIR OU VENDER

Já na opinião de Burin o Imposto realmente vai funcionar como um instrumento que obrigará o proprietário a produzir ou a se desfazer da terra. Isto porque foi estabelecida uma tributação progressiva. Quem não usar um mínimo da terra segundo os padrões estabelecidos pelo INCRA vai pagar cada vez mais:

— Nos dois ou três primeiros anos o proprietário conseguirá aguentar o impacto dessa taxa progressiva. Mas depois ela irá crescer tanto que ele se verá obrigado, a partir do terceiro ou quarto ano, a produzir ou a se desfazer da terra, pois não terá condições de pagar o imposto.

Pois este é um outro ponto que Stédile pensa não estar bem esclarecido. É que não existe pena nenhuma contra os proprietários que deixam de pagar o imposto:

— O INCRA diz que vai fazer cobrança judicial. Mas isto no Brasil, como se sabe, não acontece efetivamente. Só o que irá acontecer com o proprietário que não pagar o imposto é que ele não poderá vender sua terra, pois é preciso apresentar no cartório o recibo do ITR. Oras, bem se sabe que estes proprietários não vendem sua terra. Pelo contrário, eles compram terras de outros. E para comprar não é preciso apresentar recibo nenhum. Só para vender. Por que não fazem a lei dos dois lados?

Quanto a este assunto de taxa progressiva o Stédile lembra outra coisa que está na nova lei do ITR. A lei considera que um imóvel é inexplorado ou mal explorado de acordo com o grau de utilização da terra. Assim, um imóvel com menos de 25 hectares, onde se explore menos do que 30 por cento da área (ou 7,5 hectares) é um imóvel mal explorado. Só que nos imóveis com área superior a 80 hectares, é só explorar mais de 10 por cento da área (ou 8 hectares neste caso) para não ser considerado mal explorado e nem pagar a taxa progressiva. Quem tem 1.000 hectares basta explorar com plantação ou gado apenas 100 hectares.

INCENTIVOS

Além disso ainda existem muitos incentivos, variando sempre de acordo com o grau de utilização da terra e da eficiência da exploração. Assim, segundo o INCRA, o proprietário que usar toda sua área aproveitável conseguirá um desconto de até 45 por cento sobre o im-

posto que teria a pagar. Além disso, se conseguir obter uma produção por hectare igual ou superior à fixada pelo INCRA terá outros 45 por cento de desconto.

E foi em relação a área aproveitável que o pessoal entrou em discussão com o Burin e o Alfama durante sua palestra em Ijuí. Quem levantou o assunto, por sinal, foi o Gilson Pedrazzi, secretário do Sindicato Patronal de Ijuí: a área de mato nativo paga imposto? Gilson lembrava que lhe informaram ser necessário preencher toda uma papelada e encaminhar um processo junto ao IBDF (Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal) para que estas áreas fossem consideradas de preservação permanente e isentas do imposto. Burin contou que o produtor que tem uma área de mato nativo e que realmente não vai derrubá-la, deve declarar no formulário que existe esta área com cobertura:

— Agora, se o agricultor tem uma mata de eucalipto, acácia e não declara como de preservação permanente, pode a qualquer momento derrubá-la aproveitando-se do lucro desta exploração. Neste caso, deve-se considerar a área como utilizável.

Outra discussão acalorada foi em relação aos níveis de produtividade. O próprio INCRA, baseado em informações de produtores e dados oficiais estabelece uma produtividade mínima para cada cultura em cada município. Em Ijuí, por exemplo, a produtividade de soja deve alcançar 1.400 quilos por hectare para que o INCRA considere que o imóvel cultivado com soja foi bem aproveitado. O que o pessoal lembrou foi de que temos enfrentado frustrações e este número pode ser algumas vezes muito elevado para a média do município.

Neste caso, esclareceu Burin, será preciso comprovar a frustração (com laudos da Emater), que o imposto poderá ter uma redução autorizada pelo Ministério da Agricultura.

O CÁLCULO DO IMPOSTO

No cálculo do Imposto a pagar entram os seguintes componentes: valor da terra nua, área efetivamente aproveitável, grau de utilização da terra, produtividade e número de módulos fiscais da propriedade. O módulo fiscal, assim como o valor da terra, é variável de município para município. O módulo é fixado pelo INCRA a partir do tipo de exploração mais comum do município e a renda obtida no tipo mais comum. No caso das culturas temporárias, por exemplo (trigo e soja), predominantes na região Pioneira da Cotrijuí, o módulo é de 20 hectares. Em regiões de produção de hortigranjeiros o módulo é de 4 hectares. Nas áreas de pecuária o módulo é maior.

Ficam totalmente isentas do Imposto apenas as propriedades de área menor ou igual ao módulo fiscal, quando seu proprietário não se dedica a qualquer outra atividade ou não possui mais de um módulo fiscal, considerando todos os imóveis de sua propriedade. Assim, se apenas uma pessoa tiver três imóveis, por exemplo, e suas áreas somadas são superiores a um módulo, estas propriedades sofrerão a tributação.

	VALOR DA TERRA NUA Cr\$/ha	MÓDULO FISCAL (ha)
Ajuricaba	21.300,00	20
Augusto Pestana	21.300,00	20
Braga	11.100,00	20
Campo Grande	820,00	15
Chiapetta	21.300,00	20
Coronel Bicaco	23.000,00	20
Dom Pedrito	9.000,00	28
Dourados	1.600,00	30
Ijuí	21.300,00	20
Maracaju	470,00	40
Miraguá	9.300,00	20
Redentora	16.400,00	20
Rio Brilhante	1.200,00	30
Santo Augusto	22.300,00	16
São Martinho	14.800,00	20
Sidrolândia	820,00	30
Tenente Portela	9.200,00	20
Tupanciretã	9.800,00	35



SUPLEMENTO INFANTIL

ELABORADO NA ESCOLA DE 1º GRAU FRANCISCO DE ASSIS - FIDENE IJUI

Alô Amiguinhos !!

É com muita alegria que estamos de volta. Neste número voces ficarão sabendo sobre as aves, o que acontece dentro do ovo até que nasce o pintinho. Também uma bonita estória de um pato que perdeu a pena, além de outras brincadeiras.

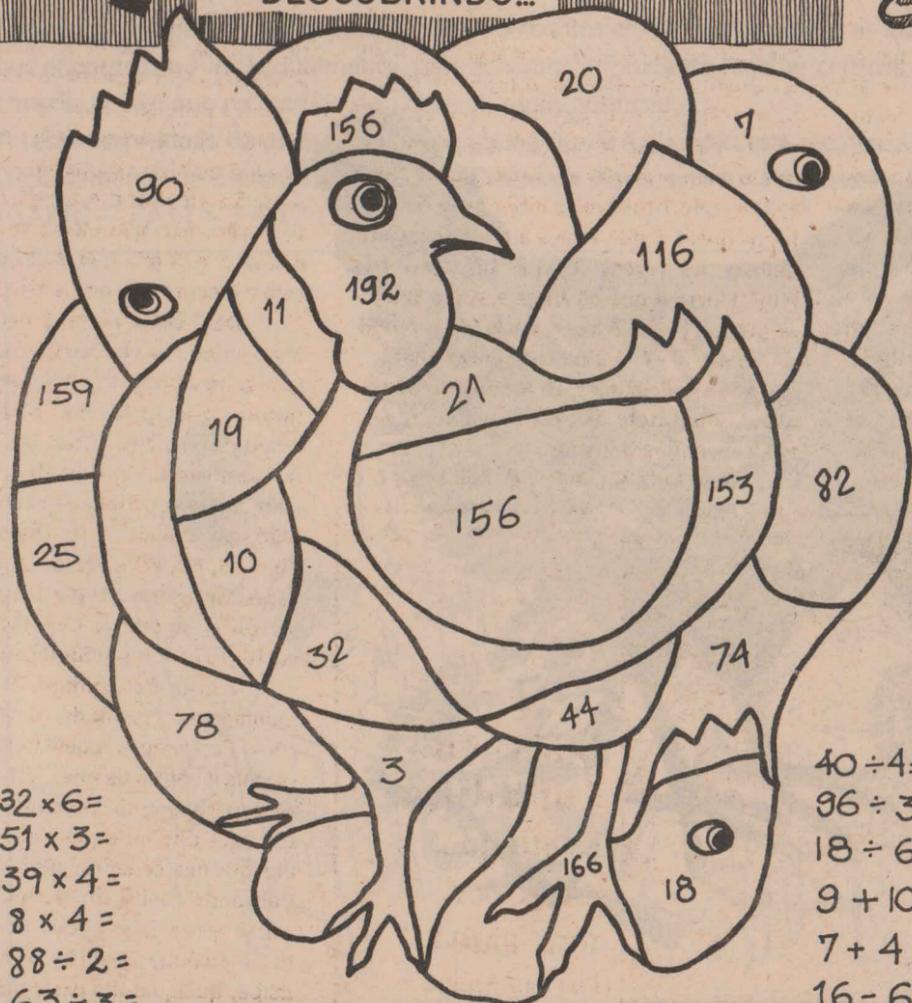
Agradecemos as cartinhas enviadas por:

- Alberto E. Arnold (Augusto Pestana)
- Marcos Eliberto Becker (A. Pestana)
- Mara e Adriana Baggio de Moura (Redentora).

* Gostaríamos que nos enviassem desenhos e estorinhas feitos por vocês, para ilustração do COTRISOL.

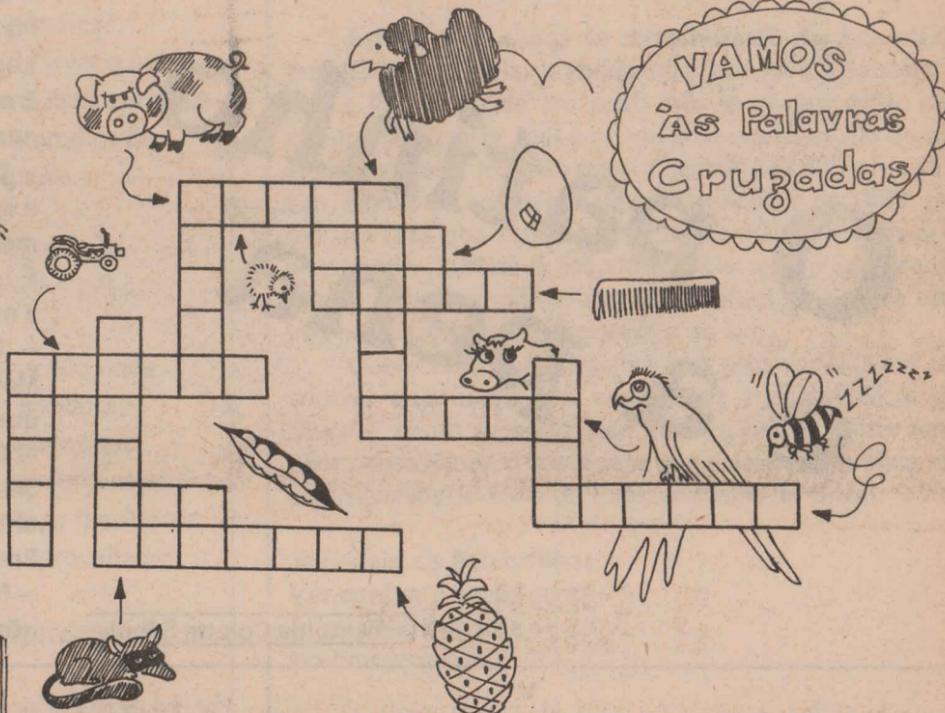
Vamos esperar!

CALCULANDO E
DESCOBRINDO...



$32 \times 6 =$
 $51 \times 3 =$
 $39 \times 4 =$
 $8 \times 4 =$
 $88 \div 2 =$
 $63 \div 3 =$

$40 \div 4 =$
 $96 \div 3 =$
 $18 \div 6 =$
 $9 + 10 =$
 $7 + 4 =$
 $16 - 6 =$



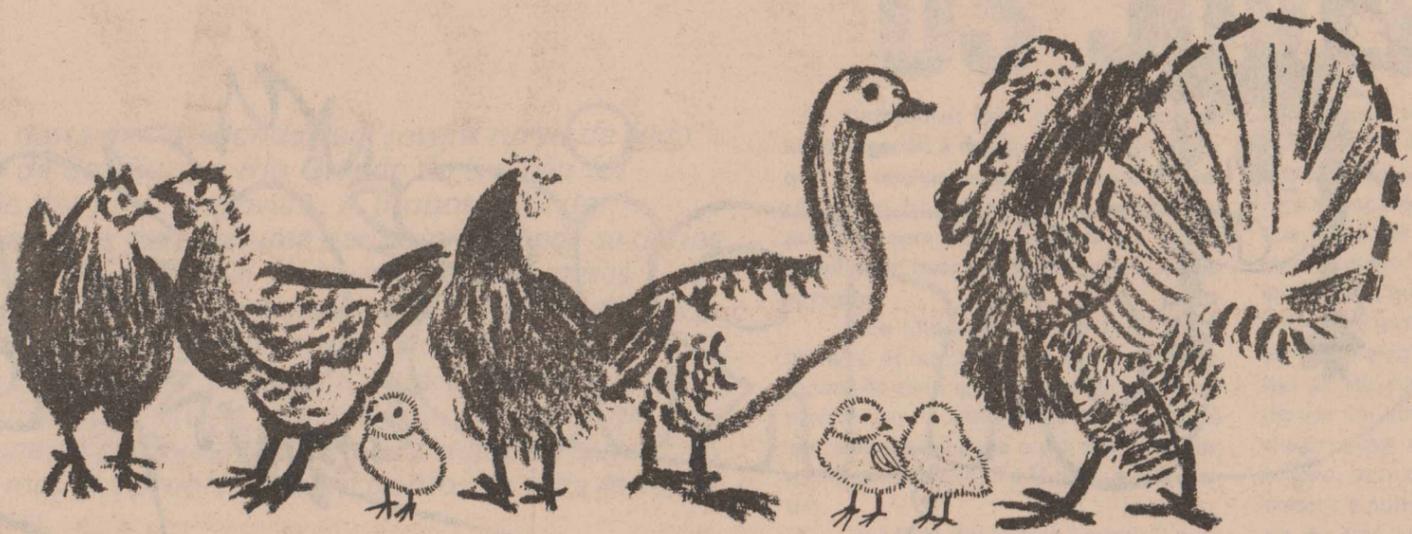
VAMOS
às Palavras
Cruzadas

ADIVINHAÇÕES : ??

- 1- Qual o canto que nunca se ouve ?
- 2- Qual a primeira coisa que faz o cavalo quando nasce o sol ?
- 3- O que é que tem pés e não anda, mãos e não trabalha; olhos e não vê, orelhas e não ouve, boca e não fala ?
- 4- Qual é o estado Brasileiro que se lhe tiramos as 3 primeiras letras, torna-se um veículo ?
- 5- O que é que está sempre com o bico na água, e não bebe água ?
- 6- O que é que anda por toda a casa e depois do serviço, vai descansar no canto ?
- 7- Corre o mundo todo e entra em todas as casas sem pedir licença. Que é ?
- 8- O que é que se queima com água e não com fogo ?

COLABORAÇÃO DE: ALBERTO E. ARNOLD - 11 Anos.
Rosário - Augusto Pestana.

Respostas: (1) canto da avó (2) Sombra (3) Estátua (4) Sombra (5) Cal. (6) Vassoura (7) Vento (8) Cal.



O patinho e a pena

— Que azar!
Perdi a mais bonita!
Logo a mais bonita!
E o patinho chora
num canto do galinheiro.

— Dona Gansa,
a senhora me desculpe
mas não viu uma pena por aí?
É uma que eu perdi,
a mais bonita que eu tinha.

— Juro que não vi pena nenhuma!
Mas vá falar com o peru,
que ele talvez possa informar.

— Bom-dia, Seu Peru!
Será que o senhor não viu uma pena,
uma linda pena amarela?
Perdi a mais bonita que eu tinha.

— Não, meu patinho,
não vi nada.

Mas vá falar com a galinha,
talvez ela possa ajudar!

— Desculpe, Dona Galinha,
a senhora não viu uma pena por aí?
Eu perdi uma,
justamente a mais bonita de todas!
Eu gostava tanto daquela peninha!

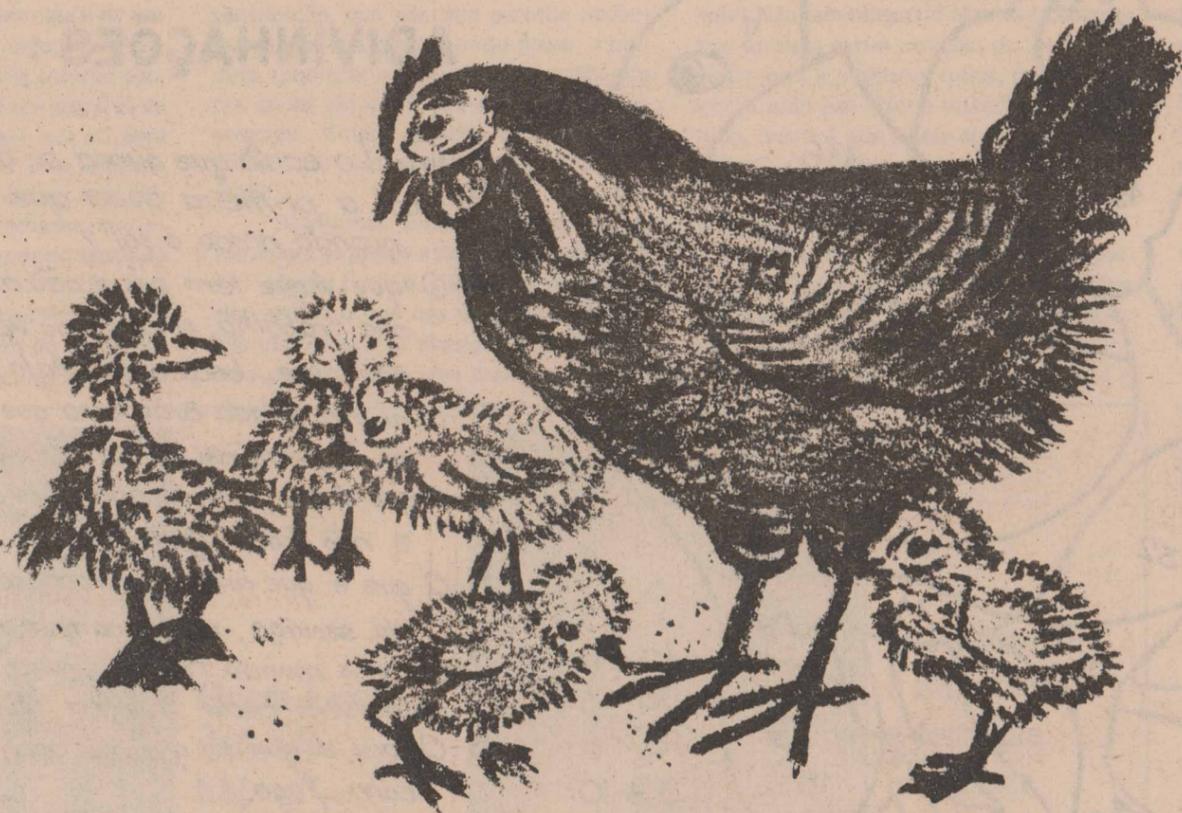
— Infelizmente, meu filho, não vi
nada,
mas vá falar com o galo.

Duvido que ele não saiba.
Você sabe como ele é,
quer sempre estar a par de tudo.
O patinho não tem nem tempo
de falar:

— Você veio me ver, patinho? —
diz o galo.

Na certa vai querer que eu cante.
Ah, como você é bonzinho!

Texto de Colette Sébille

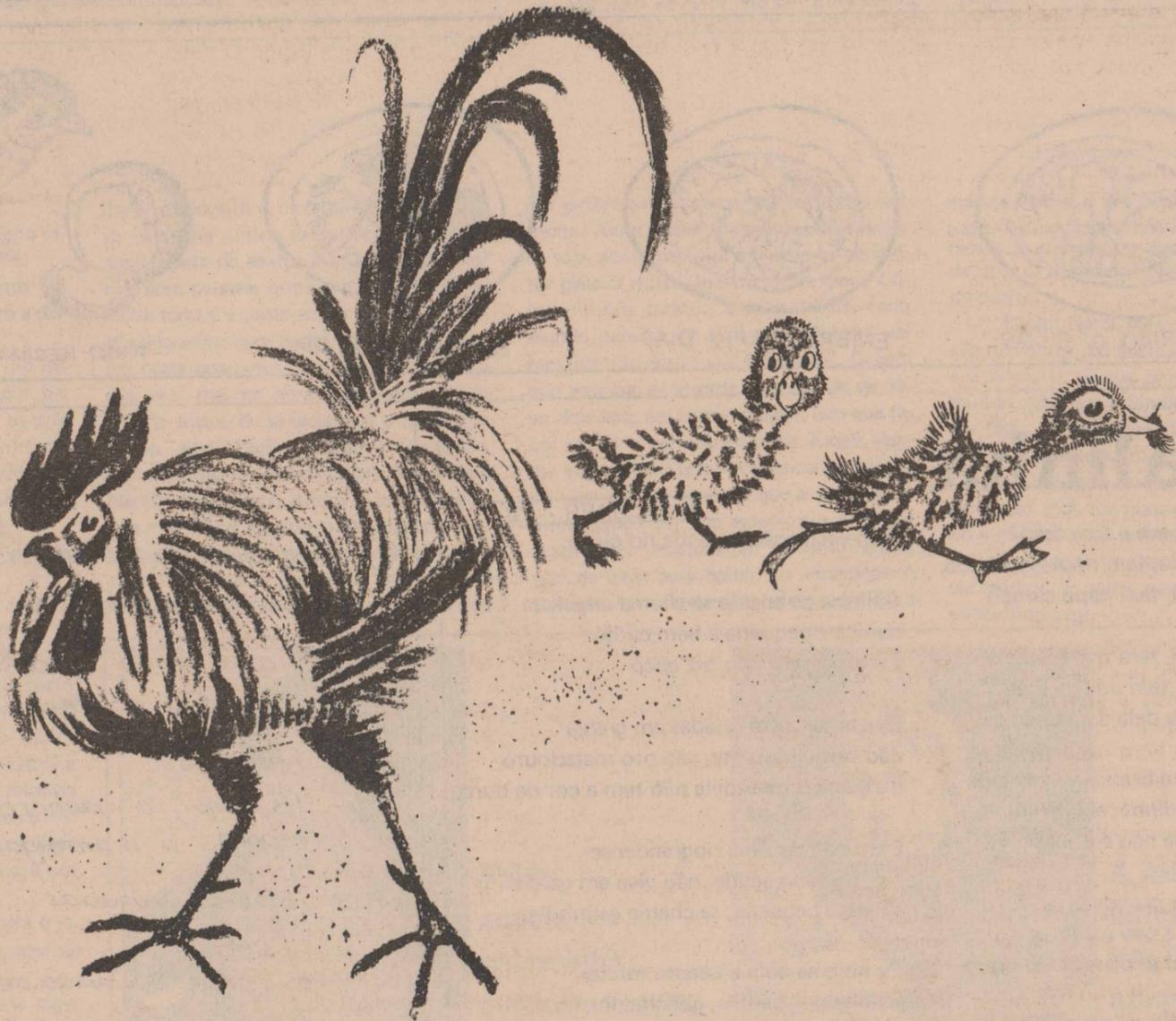


Não fique tão acanhado,
vou cantar para você!
– Não é isso não, Seu Galo –
diz o pato de mansinho.
– Não vim atrás de canções, eu
queria . . .
– O quê?! Não quer que eu cante
para você?
Mas onde já se viu isso?
Como é que tem coragem de falar
assim?
Logo comigo, que canto
melhor que todos! Ouça!
No galinheiro, um olha para o outro
como quem diz: "Será que nosso
galo endoidou?"
Quando o galo se cala, o patinho
diz:
– O senhor canta divinamente,
Seu Galo,
mas é que eu vim pra lhe perguntar
se o senhor não viu uma peninha
por aí.
Eu perdi uma pena.
– Uma pena? Claro que achei!
Uma pena até muito bonita!
veja como ela assenta bem
Entre as plumas de minha cauda!
– Oba! O senhor achou minha
pena?
Que sorte! Pode me devolver?

– O que? Devolver?
Eu encontrei, agora é minha.
– Sua, coisa nenhuma! A pena
é minha!
– Nada disso!
Quem mandou você perdê-la?
Azar seu!
E o galo foi embora.
"Tenho uma idéia!"
O patinho corre em busca do irmão
e conta
toda a história,
depressa e baixinho.
Os dois vão procurar o galo outra
vez.
– Bom-dia, Seu Galo –
diz o irmão do patinho.
– Eu ficaria muito contente

se o senhor tivesse a bondade
de cantar para mim.
– Até que enfim!
Aqui está um pato
que sabe apreciar o que é bom!
Parabéns!
Vou cantar para você!
– Mas estou vendo
que conseguiu fazer
seu irmão cair em si.
Agora você também quer ouvir
uma de minhas canções, não é?
– Claro que quero! – mente o
patinho.
– Ótimo. Então, ouçam!
O galo, todo vaidoso,
firma-se nos pés.
Enche o peito,
levanta a cabeça altiva,
e canta:
COCOROCÓ!
COCOROCÓ!
COCOROCÓ!
Enquanto isso,
o patinho corre depressa
para trás do galo,
agarra a peninha e, vum! . . .
. . . pernas pra que te quero!
– O que foi?

Quem teve coragem de tocar
nas plumas de minha cauda? –
grita o galo, furioso.
Ninguém está mais lá
para responder.
No fundo do galinheiro,
o outro patinho
ajuda seu irmão a ajeitar a pena.
O galo continua gritando, morto
de raiva:
– Quem foi que teve coragem?
Quem foi?
E a gansa e o peru e as galinhas e
os pintinhos e os patinhos baixam
a cabeça para o galo não ver que
estão rindo dele.



Aves

O que é uma ave?

No mundo há oito mil e seiscentas espécies de aves, de vários tamanhos, desde o minúsculo beija-flor até a maior de todas as aves que existem, a avestruz. São de cores variadas e vivem em muitos lugares diferentes. Alimentam-se de maneiras diferentes e soltam diferentes sons. Mas todas têm penas, por isso, quando vir um animal

desconhecido, basta verificar se ele está coberto de penas para saber se é ou não uma ave.

Além de serem animais de sangue quente e estarem cobertos de penas, todas as aves têm asas. A maior parte das aves serve-se delas para voar, mas há aves que não podem voar, como o pinguim e avestruz, e usam as suas asas

para outros fins. Os pinguins servem-se delas para nadar, e os avestruzes usam-nas quando correm e às vezes para se exibirem.

Tal como os outros animais, as aves comem, e todas elas têm um bico para apanhar os alimentos. Como as aves se alimentam de coisas muito diversas, a forma do bico varia. De fato pode fazer-se uma idéia

da alimentação de uma ave pela forma do bico.

Todas as aves põem ovos, e os filhos desenvolvem-se e crescem dentro do ovo até não caberem nele e partirem a casca. Depois de sair do ovo, o recém-nascido ainda é muito frágil e os pais tomam conta dele até estar suficientemente desenvolvido para viver pelos seus pró-

prios meios. Há algumas aves, como o cuco, que não tomam conta dos filhos e põem os ovos nos ninhos das outras aves. Quando se abre o ovo, os outros pássaros tratam do "enjeitado" como se fosse seu filho.

Agora você vai ficar sabendo o que acontece dentro do ovo quando está em choco.

Dentro do ovo

Dentro do ovo o filhote vive e cresce. Começa por uma pequenina mancha que tem o nome de embrião e principia a desenvolver-se mesmo antes de o ovo ser posto. Desde que o ovo está no ninho deve conservar-se quente, senão o embrião morre. Os pais deitam-se sobre os ovos e os aquecem com o corpo para que eles não se esfriem. Normalmente, os pais trocam-se no choco e, enquanto um está deitado sobre os ovos, o outro pode alimentar-se. Em algumas espécies de aves, contudo, só um dos pais choca. Geralmente é uma fêmea.

Conforme passam os dias, o embrião dentro da casca vai crescendo. Para isso precisa de alimento, que lhe é fornecido pela gema que vemos quando quebramos um ovo de galinha. O embrião está no alto da gema e o alimento chega até lá através de pequenos filamentos chamados vasos sanguíneos. Em volta da gema existe uma película. A gema e o embrião não tocam na parte inferior da casca, porque estão mergulhados num líquido chamado geralmente clara do ovo, embora o seu nome apropriado seja albúmen. A parte inferior da casca está forra-

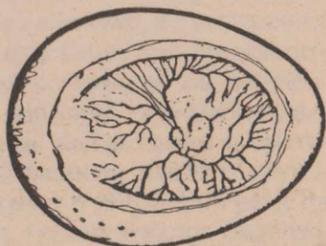
da por uma película, e numa das extremidades existe uma bolsa de ar.

Durante algum tempo o embrião não se parece muito com uma ave, mas depois aparecem um bico e uns olhos muito grandes e, quando as asas e as pernas começam a desenvolver-se, distingue-se uma ave. Mais uns dias e começam a aparecer as penas, mas só algumas aves ficam completamente cobertas de penas enquanto ainda estão no ovo. Outras só tem todas as penas depois do choco.

Quando a ave que vai nascer já

não cabe dentro do ovo e gastou todo o seu alimento, quebra a casca. Para isso, tem na ponta do bico uma parte áspera e dura chamada dente do ovo. Com ele a ave pica a casca pela parte de dentro, até abrir um buraco. Alarga mais o buraco e sai em liberdade.

Se a ave é de espécie pequena, como a toutinegra, leva só 11 dias a crescer dentro dos ovos. As aves maiores levam mais tempo. O albatroz está 80 dias dentro do ovo antes de nascer.



EMBRIÃO c/ 5 DIAS



EMBRIÃO c/ 12 DIAS



EMBRIÃO c/ 21 DIAS



PINTO RECÉM NASCIDO

Galinha

Autor: GAPR - 78

Galinha é ave, é ave e tem osso
galinha tem guela, tem miolo, pescoço
galinha tem veia, tem papo carço

Galinha tem rim, tem tripa, pulmão
galinha tem asa, tem um coração
parecida com asa dela é a asa do avião

Galinha é preta, é branca e vermelha
nanica ou grandinha, e é carijó
e a cor da galinha não é uma só

Galinha é ave, de grande proveito
galinha põe ovo e ovo é alimento
se chocar um ovo um pinto tá dentro

Sem galo e galinha, não nasce um pinto
Sem milho e ração ele morre faminto

Sem vacinação dá boba no pinto

Galinha de angola se chama angolista
nanica e pequena e bem carijó
e é africana e não diz cocó

Existe também criadas em granja
dão carne bastante, vão pro matadouro
e a gema d'ovos dela não tem a cor de ouro

Existe ainda uma riograndense
que nada no açude, não vive em gaiola
é livre e pequena, se chama galinhola

Eu hoje na aula bastante estudei
galinha por dentro, galinha por fora
e papo a galinha faceiro agora.

① Respostas do Nº anterior

1. Carta Enigmática

O ar é muito importante para que
haja vida na terra.

2. Respostas:

16 anos, o cachorro, o lápis, a
espora, a manteiga.

3. Palavras cruzadas:

1. Chuva.

2. Poço, 3. Caixaão de defunto,

4. Carta, 5. Biscoito 6. olhos,

7. carro, 8. Bule.

EDUCAÇÃO

COMUNIDADE – FAMÍLIA – ESCOLA

Suplemento elaborado pelo Grupo de Assessoria aos Professores Rurais – Convênio Cotrijuí/Fidene

UMA IDÉIA ANTIGA

O Suplemento de Educação é aqui um espaço novo, porém a preocupação não é nova. Desde seu lançamento a informação educativa é trazida através de artigos que tratam de assunto de interesse do trabalho do agricultor e pecuarista. A criança também já é atendida através do Cotrisol.

E o professor que leciona os filhos de agricultores e pecuaristas, onde é que fica? Aí entra o Suplemento de Educação. Este não tem nenhuma pretensão de levar a única verdade sobre o assunto, mas tentará abordar o assunto de maneira a contribuir para que os professores tenham uma assessoria, visando analisar os problemas mais amplos de educação, encontrando aí, recursos para pensar suas situações de sala de aula.

Mas daí vem a pergunta: A educação é de responsabilidade só da escola?

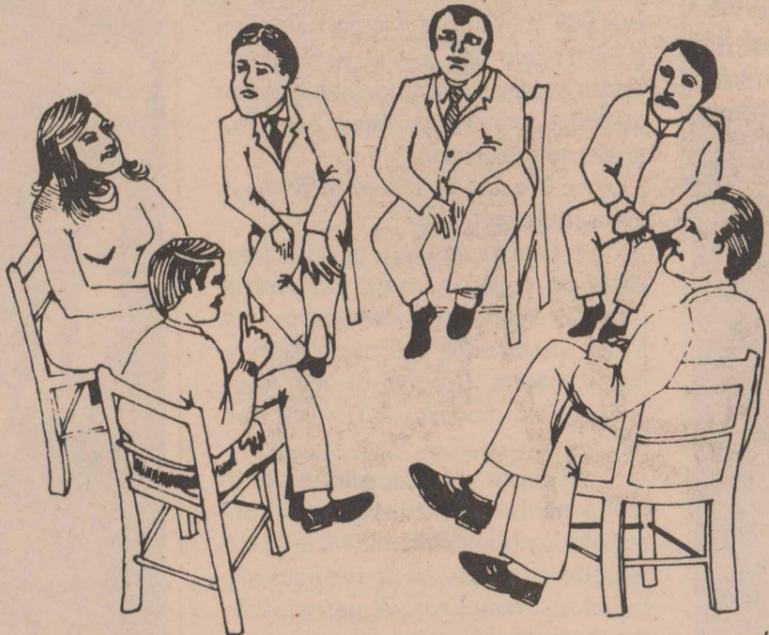
— Nós não pensamos que seja e então justifica-se a inclusão, dentro do suplemento, de temas que também interessam ao jovem, a família, pois como já dissemos no início, a criança já tem o Cotrisol.

Segundo nossa maneira de pensar, educação é um fenômeno mais amplo e não pode acontecer só na escola. Educar é um processo cooperativo envolvendo o educando—criança—jovem—adulto e as pessoas que o rodeiam, que fazem parte de seu mundo. É necessário que a família, a comunidade, os alunos e professores, trabalhem juntos. Assim, quando o professor está dando aula, o grupo de jovens se reunindo, a família dialogando, as crianças brincando, estão acontecendo coisas que, se bem aproveitadas, resultarão em Educação.

E é nestes encontros, pelo convívio, diálogo e o debate, que acontece a comunicação de idéias e a formação de novas idéias.

Nós, no Suplemento de Educação, manteremos um espaço para receber as idéias surgidas nos encontros ou individualmente, pois achamos importante receber críticas, sugestões e contribuições, que na medida do possível, serão publicadas.

A responsabilidade da elaboração do Suplemento de Educação está a cargo do Departamento de Educação, através do Grupo de Assessoria aos Professores Rurais (GAPR) – FAFI – FIDENE. Ijuí.



NOSSA HOMENAGEM À PÁTRIA

Estamos próximos da comemoração da data máxima de nossa pátria, a Independência. Nós entendemos que a libertação de um povo não se dá num único momento da história, mas é conquistada no dia a dia de sua vida. No Brasil, isto não ocorre de maneira diferente. Assim, vemos os acontecimentos de setembro de 1822, como um fato que faz parte da luta de nós brasileiros pela autonomia política e econômica. Durante a Semana da Pátria, achamos muito oportuno refletirmos sobre esta caminhada que ainda não chegou ao fim.

Como uma homenagem a todos os verdadeiros patriotas, que lutam por uma plena Independência do Brasil e, como sugestão para que você amigo leitor também pense conosco sobre este tema, estamos publicando alguns versos do Hino da Independência do Brasil.

Já podeis, da Pátria filhos,
Ver contente a mãe gentil;
Já raiou a liberdade
No horizonte do Brasil.

Brava gente brasileira!
Longe vá temor servil,
Ou ficar a Pátria livre,
Ou morrer pelo Brasil.

Os grilhões que nos forjava
Da perfídia astuto ardil. . .
Houve mão mais poderosa. . .
Zombou deles o Brasil.

Não temais ímpias falanges
Que apresentam face hostil:
Vossos peitos, vossos braços
São muralhas do Brasil.

Parabéns, oh! brasileiros
Já com garbo juvenil,
Do universo entre as nações
Resplandece a do Brasil.

Evaristo da Veiga, autor da letra do Hino da Independência, viu assim a questão da Independência em 1822.

Hoje, 158 anos depois, podemos discutir sobre o significado da Independência para os jovens, para os pais, para os professores e para os trabalhadores do Meio Rural.

O que podemos fazer para que aconteça a Independência em cada um e em todos, nesta época de tantas mudanças, nos valores, nos costumes, na economia. . . ?

OS NOVOS CAMINHOS PARA O ENSINO NO MEIO RURAL

Programa de Assessoria aos Professores Rurais Convênio Cotrijuí/Fidene e Prefeituras

Dia 15 de agosto estive em Miraguaí e passei pelo Centro de Tradições Gaúchas, prédio rústico feito de costaneiras, o qual abrigava, naquela ocasião, um público diferente daquele que costumava lá reunir-se para bater papo, cantar, dançar, tocar violão e jogar bocha. Fui chegando e me pareceu uma improvisação de sala de aula: as mesas e cadeiras do salão, um pequeno quadro de madeira ajeitado em cima de uma mesa e um grupo de pessoas que ali estavam a falar, a ouvir, a escrever.

Fui chegando, devagar e curioso, para perto do grupo, tentando descobrir que reunião era aquela. Consegui reconhecer algumas pessoas: o José Olivio John, da Secretaria de Educação, o José Borges, a Carmem Rodrigues, a Cleni Abella, o Noedi Teixeira e outros professores rurais. Bem, então pensei: o assunto é com professores rurais. Tentei ouvir o que falavam.

— Vamos tocar violão e cantar algumas de nossas canções? Perguntava a professora.

E o pessoal se entusiasmou ao cantar cantigas, cujos versos me traziam imagens de Miraguaí, de seu povo, de seu viver.

Depois que todos se foram, fui conversar com o grupo que estava falando. Perguntei o que estavam fazendo.



— Este aí é um trabalho que está sendo feito conjuntamente, isto é, um trabalho em que participam professores rurais de alguns municípios do Rio Grande do Sul e professores da FIDENE de Ijuí. Teve seu início a partir do curso de "Cultura Popular." Neste trabalho, os professores faziam o registro de fatos, de histórias ou de "estórias", de acontecimentos. . . , significativos para a vida das pessoas na comunidade.

Este começo empolgava os professores que, a medida em que eram membros da comunidade, tinham também muita coisa para contar. Na volta, tudo era colocado em comum, discutido, analisado e transformado criativamente em textos, em poesias, em cantos . . . que começaram a ser aproveitados pelos professores, nas aulas.

Com isto o professor passa a aprender uma realidade local que, por mais isolada que pareça ser, mostra em seus casos particulares, que é uma parte deste país.

Depois deste, seguiram-se outros cursos, sempre procurando relacionar a vivência da comunidade com o trabalho da escola.

Juntando as forças, analisando e discutindo o que geralmente as pessoas pensam sobre educação, o que

está sendo escrito e o que estávamos fazendo. Os professores foram concluindo que educar não é dominar as pessoas, não é somente obedecer e respeitar regras. Mas, antes de tudo, educar é tornar possível o conhecimento e a compreensão dos acontecimentos do meio — sociedade e natureza — no tempo, no local e no grupo em que se vive e que o homem junto com outros homens pode fazer alguma coisa se compreender tudo isso.

E foram vendo, acima de tudo, que só o professor rural, pensando educação junto com seus colegas, junto com sua comunidade, junto com seus alunos pode saber o quê e como ensinar.

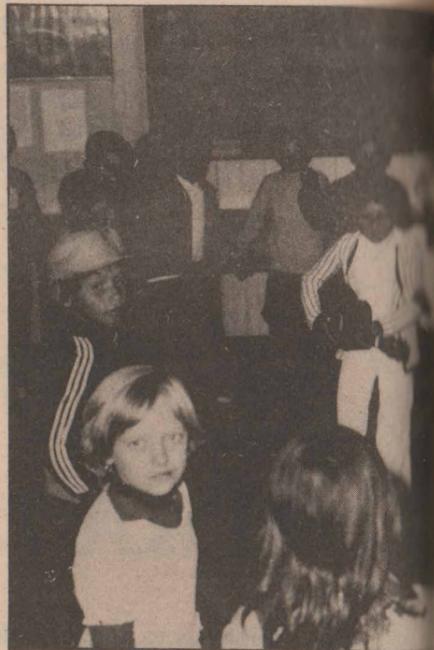
— Ouvi falar que a Cotrijuí está ligada a esse trabalho.

— Sim, isto é verdade. A Cotrijuí não poderia mesmo ficar alheia a este trabalho, pois seu campo de ação é, principalmente, o meio rural. Além disso, o pessoal da Cotrijuí está preocupado com a "educação", com a "escola" da comunidade rural. Importante por exemplo, é o apoio dado por ela, desde 1977, aos professores envolvidos nestas atividades. Este apoio não aconteceu só a nível financeiro, ocorreu também em outros níveis. Os comunicadores participavam e participam dos cursos, nas mais variadas etapas, discutindo, levantando questões sobre o que "fazer" em educação no meio rural.

— E quais os municípios envolvidos nesse trabalho?

— São os municípios que fazem parte da região noroeste do estado, uma das áreas de atuação da Cotrijuí. Estes, atualmente, são os de Ajuricaba, Chiapetta, Coronel Bicaco, Miraguaí, Santo Augusto e Tenente Portela.

Devemos reforçar que os municípios também contribuem para este trabalho, principalmente no que diz respeito a destinação de recursos materiais e financeiros. A participação das prefeituras no projeto é importante para a sua realização. É lógico



que o apoio dado não acontece só desse modo. Os secretários de educação, as equipes de secretaria, os prefeitos, participam também de discussões ligadas a "educação" no meio rural.

— Vocês falaram, no início, que os Professores Rurais e o Grupo de Assessoria da FIDENE buscam juntos outros caminhos para o ensino no meio rural. Poderiam explicar isso melhor?

— Bem, o ensino no Brasil não tem levado muito em consideração o meio em que as pessoas vivem, sua gente, suas vidas, seus trabalhos, seus problemas . . . e sabemos que tudo isso faz parte da vida escolar.

Os alunos não encontram na escola o espaço para viverem como pessoas que também têm com o que contribuir. Este problema é comum também, aos professores, aos pais e aos demais membros da comunidade.

Alguns professores vêm utilizando livros didáticos que trazem para dentro da sala de aula uma realidade de São Paulo e de outros lugares en-



Foto: Lígia Simonian



tem, contando do mundo em que vivem.

Até o final do ano de 1980, 150 professores dos municípios de Chiapetta, de Miraguaí e de Coronel Bicaço terão escrito os textos para os livros que serão usados nas suas escolas em 1981.

— E nos outros municípios, está acontecendo isso também?

— Os professores dos municípios de Tenente Portela, Santo Augusto e Ajuricaba já fizeram alguns cursos e agora estão encaminhando seus estudos em alfabetização e outras áreas do conhecimento para, no ano que vem, desenvolver esta etapa de produção de textos didáticos.

— Bem, vocês até agora só falaram dos Professores rurais, gostaria de saber quais são os professores da FIDENE que participam diretamente neste projeto?

— Neste ano, são seis pessoas: Leonardo Dirceu Azambuja, Lori Inez Feigel Grison, Noili Demaman, Olívio Lopes Vicentini, Ruth Marilda Fricke Matte, que é também coordenadora do grupo e Dolair Augusta Callai, coordenadora de Extensão do Departamento de Educação. Todos eles integram o corpo docente dos departamentos da FAFI. Além destes seis, contamos com a colaboração de outros professores da FIDENE, entre estes, em especial, temos colaboração do professor Cláudio Boeira Garcia que até o final de 1979 era integrante do grupo e que continua dando assessoria ao trabalho.

— Ao chegar ouvi os professores cantando...

— Ah! eram canções produzidas por todos nós, em cursos anteriores, principalmente nos de Cultura Popular. Uma canção entre tantas outras é esta...

E o grupo cantou para mim, que ouvi pensando nos meus tempos de guri de escola.

quanto que as coisas estão acontecendo junto da criança, da família, da comunidade, e sabemos que "educação" é um processo que envolve tudo isso.

Certa vez, uma professora falou: Vejam só este livro, o que traz de ciências é um atraso para os meus alunos do meio rural pois eles podem até ensinar muita coisa pra gente. E assim outras histórias foram aparecendo. Juntando o que nós sabemos com o que os professores rurais sabem, mais a ajuda de outras pessoas da FIDENE, das Secretarias de Educação e da Cotrijuí e principalmente contando com a sabedoria dos pais, com o conhecimento da comunidade, fomos discutindo, analisando e fazendo propostas em educação relacionadas com o meio rural, dentro do que se está pensando a respeito de educação.

Os professores rurais estão escrevendo as poesias, os contos, as histórias, as leituras que serão trabalhadas em sala de aula, contando da vida das pessoas, do que elas fazem e sen-

O VELHO SARAMPIÃO



Durante o curso de Cultura Popular, realizado em junho de 1979 na localidade de Derrubadas, interior de Tenente Portela, os professores saíram a conversar com pessoas da comunidade cuja história de vida trazia as marcas da vida do lugar, dos acontecimentos, do fazer suado do povo e das mudanças que o tempo trouxe.

Na hora de pensar com quem ir conversar, surgiram mil nomes, mas o professor Gildo Martens foi logo dizendo:

— Eu faço questão de entrevistar o João do Mato, o velho Sarampião. São tantas as histórias que ele conta...

O velho não estava. Ficamos esperando por ele enquanto o Gildo já ia dando alguns detalhes que ele conhecia.

— O homem tá com 83 anos e firme como só ele.

Num tropel de cavalo, Sarampião chegou, com a força e a imponência dos velhos gaúchos, num contraste com as cores que o por do sol punha na tarde.

Uma casinha simples no meio do mato, a mesa e os bancos feitos de troncos de árvores, chão batido, uma trempe de ferro para cozinhar num cantinho e uma cama no fundo, era o que se via de chegada.

— Boa tarde, seu Sarampião! Sou o seu vizinho, o Gildo e já vim outras vezes conversar consigo. Estes são professores da FIDENE que

vieram junto comigo.

— Ah! Boa tarde! Mas puxem o banco, sentem que a casa é humilde, mas dá pra chegar.

— Seu Sarampião, nós viemos aqui pra ouvir um pouco de sua vida porque estamos fazendo contos, histórias, versos pra utilizar nas nossas escolas, com a história da vida das pessoas, da nossa comunidade.

— É, muita gente já veio aqui para ouvir minhas histórias.

— De que o senhor está vivendo atualmente?

— Bem, não consigo me acostumar de morar na cidade, depois de viver 60 anos no meio do mato. Fiz esta casinha aqui e vivo de fazer mudas de plantas nativas, de chás que eu preparo com ervas, crio umas galinhas e ainda planto alguma coisinha.

E assim, na sua conversa foram se sucedendo os fatos por ele vividos: do tempo em que participou da coluna Prestes, dos 22 anos que viveu escondido nas matas do Paraguaí, do seu tempo como guarda florestal, das caçadas de tigre, das balsas de madeira no Salto de Yucumã, da vida das pessoas, dos trabalhos que faziam e de como tudo foi mudando.

A gente podia contar toda a conversa do velho João do Mato, mas é melhor deixar os professores rurais de Derrubadas contarem noutra ocasião essas histórias com os textos que eles criaram.

MIRAGUAÍ

Autores: Lurdes Dorneles Motta e Fátima Fink (GAPR - 78)

*Criança vou te contar
não sei se você sabia
quando Miraguaí nasceu
era o índio que aqui vivia*

*Índio forte e valente
pioneiro mui audaz
fazia tanta coisa
que hoje não mais faz*

*O índio veio pra escola
arranjou até guria
e hoje não mais quer
fabricar a cestaria*

*ele planta, colhe, vende
faz negócios por aí
hoje o índio de outrora
no toldo vive aqui*

*em nossa escola da sede
o índio está estudando
existe alguém que diga
o índio tá atrapalhando*

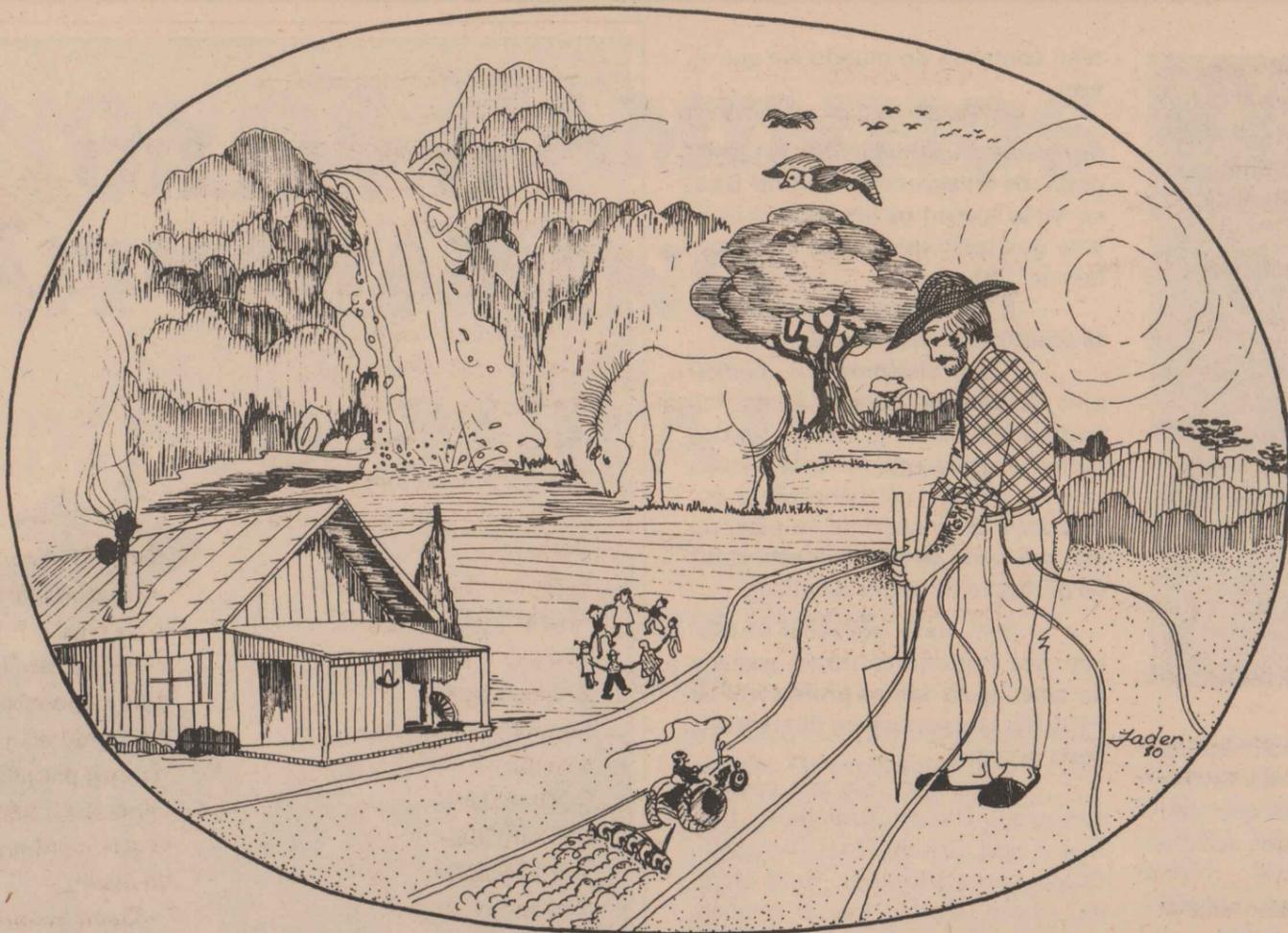
*O índio não atrapalha,
é parte da sociedade
há que ter direitos na escola,
pois é da comunidade*

*O índio tá transformado
hoje come rapadura
já não é a caça e a pesca
a sua pura cultura*

*Infelizmente o branco
invadiu seu território
tirando do índio até
aquele jeitão simplório*

*Queremos que ele ande
de paletó e gravata,
esquecendo que o índio nosso
sempre viveu na mata*

*O índio viveu na mata,
na planície ou na serra,
entrou a cultura do branco
e o índio perdeu a terra.*



O HOMEM E A PRODUÇÃO

As necessidades básicas

Podemos iniciar estas considerações com uma pergunta: O que uma pessoa precisa para manter-se viva? Ou então, o que é necessário para a espécie humana manter a sua existência? A resposta nos parece simples. Em primeiro lugar, nós precisamos de alimento. Se uma pessoa não comer e beber durante um certo tempo, certamente ela morrerá. Em segundo lugar, o corpo humano necessita de abrigo contra as intempéries. O homem, desde o princípio, protegeu o corpo com peles de animais e, posteriormente, com roupas como as usadas atualmente. Também um local onde morar, seja ele uma caverna, uma oca, uma casa, um apartamento, não importa o tipo, será sempre um abrigo, e mais do que isso, será um ponto de reunião do grupo. Em terceiro lugar, o homem também necessita de convívio com os outros homens, quer pela realização de atividades (trabalhos) cooperativas, quer pela necessidade de reprodução da própria espécie. No entanto, este convívio é necessário também por questões sentimentais, emotivas e afetivas próprias do ser humano.

Origem dos bens necessários à sobrevivência humana

De onde os homens retiram os bens que consomem para satisfazer as suas necessidades? É fácil responder esta questão. Vejamos o seguinte: um sapato é feito de couro; um casaco pode ser feito de lã; o alimento provém das plantas ou dos animais; uma casa ou os móveis podem ser construídos de madeira. Enfim, o que nós consumimos tem sua origem nos reinos animal, vege-

tal e mineral, ou se quisermos reduzir tudo a uma só palavra, na NATUREZA.

Mas como ocorre a transformação desta natureza em bens úteis aos homens? Isso é feito através do trabalho. As pessoas, se utilizando de ferramentas e máquinas, agem sobre o meio ambiente transformando-o. Por exemplo, ao cortar uma árvore com um machado, serrote ou motosserra, teremos uma tora; da tora serão feitas tábuas e destas, uma mesa, uma casa, um armário, etc. Sempre utilizando instrumentos de trabalho é que se consegue esta transformação da matéria bruta (natureza) em objetos que irão satisfazer as nossas necessidades mais primárias, ou seja, alimentação e abrigo. Quando nos referimos a meio ambiente, entendemos o conjunto de elementos que compõem a natureza, tais como: o ar, a água, as plantas, o solo, os animais, etc. Quando um destes elementos sofrer uma transformação, os demais também serão atingidos e, conseqüentemente, transformados. Estas afirmações acentuam a idéia do que queremos expressar: — o meio ambiente e o homem estão em constantes modificações.

O Instrumento de trabalho.

O que são os instrumentos de trabalho? São as ferramentas, as máquinas, ou qualquer outro utensílio utilizado para realizar um trabalho. Por exemplo, uma tábua pode ser cortada com um serrote, serrafita, motosserra ou serra circular, sendo estes, no caso, instrumentos de trabalho.

A evolução da humanidade pode ser observada, dentre outros ân-

gulos, pelo do aperfeiçoamento dos instrumentos de trabalho. Estes têm uma influência muito decisiva na vida das pessoas. Vejamos o caso do aperfeiçoamento dos instrumentos de trabalho na agricultura. O trabalho feito com máquinas tem um rendimento muito superior ao realizado com enxadas, arado de bois, etc. O fato do trabalho agrícola ser realizado com máquinas vai modificar não somente as técnicas de plantio, isto é, poderá se plantar mais em maiores extensões de terras, e de maneira talvez mais aperfeiçoada, mas também as relações de trabalho entre as pessoas. Muitos agricultores donos de um pequeno pedaço de terra na qual trabalhavam juntamente com suas famílias, sendo também donos dos instrumentos de trabalho, desfrutando do resultado deste trabalho para si, não conseguem mecanizar sua lavoura. Com isto terão de alugar máquinas ou mesmo vender suas terras e trabalhar como empregados de granjeiros já mais bem situados, pois, muitas vezes permanecer produzindo com instrumentos rudimentares, torna-se inviável economicamente. A tendência hoje é a de ocorrer uma modificação naquilo que nós conhecemos como mão-de-obra familiar para uma mão-de-obra assalariada, passando então a existir a figura do patrão e do empregado rural. O patrão, no caso, é o proprietário rural (granjeiro) que possui as condições para comprar os instrumentos de trabalho mais modernos (tratores, automotrizes). O agregado ou parceiro, também tornar-se-á, neste processo, um operário rural. Para um melhor entendimento de

todas estas modificações é muito oportuno refletirmos sobre como os trabalhos eram realizados antigamente e como são realizados hoje, a diferença dos instrumentos de trabalho utilizados e quem fica sendo o proprietário do produto.

A vida em sociedade

Além destes aspectos citados, que se referem mais as coisas materiais necessárias à vida do homem, tais como, alimentação, abrigo, vida em grupo em função do seu trabalho, temos ainda outras necessidades as quais também são muito importantes. Desta forma de organização material derivarão determinadas idéias, costumes, crenças, sentimentos e instituições. Por exemplo num povo primitivo, as idéias, os costumes, as crenças, os sentimentos e as instituições derivam de seu modo coletivo de organização para o trabalho. No entanto, na nossa civilização, estes aspectos são diferentes, porque também temos outra maneira de produzir. Portanto, os costumes, a religião, o lazer, a formação das famílias, os valores, etc., estão intimamente relacionados ou até mesmo derivam das relações de produção ou de trabalho.

Este texto nos traz importantes informações sobre a nossa vida. O nosso desenhista leu e procurou expressar as idéias do mesmo no seu trabalho. Desafiamos agora o amigo leitor a escrever uma história, poesia, conto ou diálogo que também tenha relação com o que nós escrevemos. Seu trabalho poderá ser publicado.